

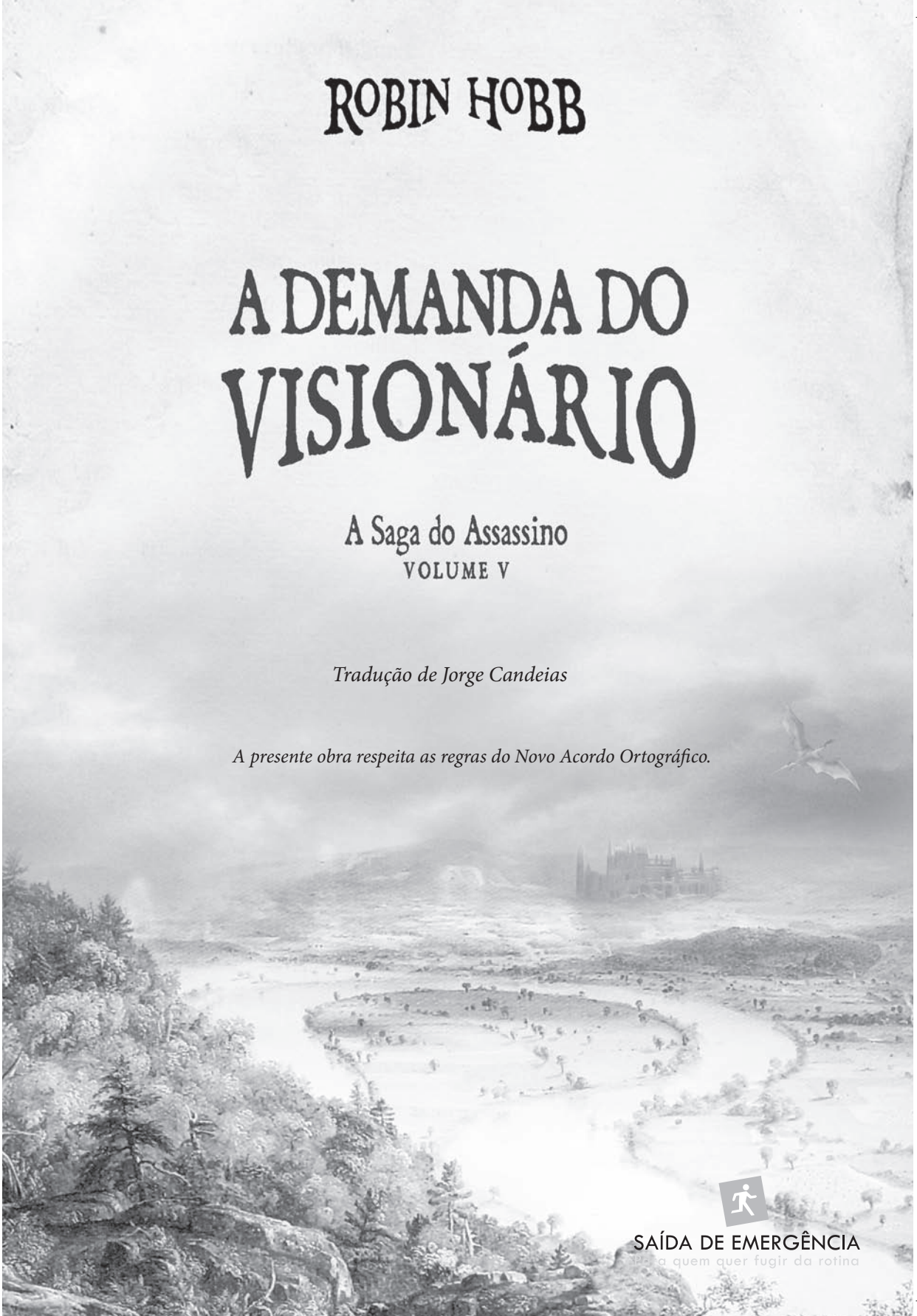
ROBIN HOBB

# A DEMANDA DO VISIONÁRIO

A Saga do Assassino  
VOLUME V

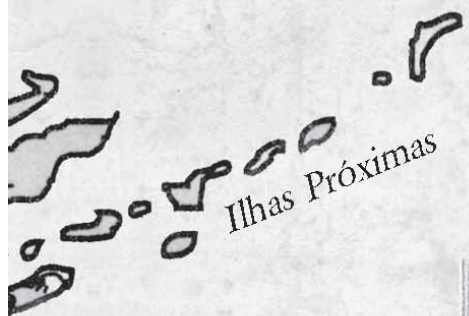
*Tradução de Jorge Candeias*

*A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
para quem quer fugir da rotina





Ilhas Próximas

Alcatrazes  
de Gelo



# Os Seis Ducados

Baía das Focas  
Ilha Gancho

Ilha Beche  
Fundos-Altos

Forja  
Ilha da Armação




Ilha do Linho  
Ilha da Garra

Baixa Limpa Baixios

do Sul  
Ilha de Vigia

Ilha do Ovo



-  Torres
-  Fronteira
-  Plataformas de Gelo



## Perseguição

*A paz entre os Seis Ducados e o Reino da Montanha era relativamente recente à época do reinado do Rei Majestoso. Durante décadas, o Reino da Montanha controlara todo o comércio através dos passos com um pulso tão firme como o que os Seis Ducados aplicavam ao comércio nos rios Frio e Cervo. O comércio e o tráfego entre as duas regiões tinham sido geridos caprichosamente pelas duas potências, para detrimento de ambas. Mas durante o reinado do Rei Sagaz foram negociados entre o Rei Expectante Cavalaria dos Seis Ducados e o Príncipe Rurisk das Montanhas acordos comerciais mutuamente benéficos. A paz e prosperidade que este acordo trouxe tornaram-se mais sólidas quando, mais de uma década mais tarde, a princesa da Montanha, Kettricken, se tornou a noiva do Rei Expectante Veracidade. Após a morte prematura do irmão mais velho, Rurisk, precisamente na véspera do seu casamento, Kettricken tornou-se a única herdeira da coroa da Montanha. E assim, pareceu durante algum tempo que os Seis Ducados e o Reino da Montanha poderiam vir a partilhar um monarca e acabar por se transformar num só país.*

*Mas as circunstâncias levaram todas essas esperanças à ruína. Os Seis Ducados foram ameaçados desde o exterior pelos Salteadores, e despedaçados desde o interior pelos conflitos entre príncipes. O Rei Sagaz foi assassinado, o Rei Expectante Veracidade desapareceu durante uma demanda, e quando o Príncipe Majestoso reivindicou o tro-*

*no para si, o seu ódio por Kettricken era tal que ela se sentiu obrigada a fugir para as suas Montanhas natais, a bem do filho que aguardava. O autoproclamado “Rei” Majestoso viu isto, de certa maneira, como o renegar de uma prometida entrega de território. As suas diligências para introduzir tropas no Reino da Montanha, sob a aparência de “guardas” para as caravanas comerciais, foram repelidas pela gente das Montanhas. Os seus protestos e ameaças levaram ao encerramento das fronteiras da Montanha ao comércio dos Seis Ducados. Contrariado, embarcou numa vigorosa campanha destinada a desacreditar a Rainha Kettricken, e a construir uma hostilidade patriótica contra o Reino da Montanha. O seu fim último parecia óbvio: tomar, pela força se necessário, as terras do Reino da Montanha como província dos Seis Ducados. Parecia um mau momento para uma tal guerra e uma tal estratégia. As terras que ele possuía legitimamente estavam já sob cerco de um inimigo externo, inimigo esse que ele parecia ser incapaz ou não ter vontade de derrotar. Nunca nenhuma força militar tinha conquistado o Reino da Montanha, e no entanto era isso que ele parecia decidido a fazer. O motivo por que tão desesperadamente desejava possuir aquele território foi questão que, a princípio, confundiu toda a gente.*

\*\*\*

A noite estava límpida e fria. O luar brilhante era suficiente para nos mostrar por onde corria a estrada, mas não para mais do que isso. Durante algum tempo, limitei-me a ficar sentado na carroça, a escutar os ruídos de esmagamento que os cascos dos cavalos faziam na estrada e a tentar absorver tudo o que acontecera. Esporana pegou nas mantas que tínhamos trazido da minha cela e sacudiu-as. Deu-me uma e enrolou outra em volta dos seus ombros. Sentou-se aconchegada e afastada de mim, olhando para trás da carroça. Compreendi que ela queria ser deixada em paz. Vi o clarão cor de laranja que fora Olho de Lua minguar à distância. Passado algum tempo, a minha cabeça começou de novo a trabalhar.

“Panela?”, chamei por cima do ombro. “Para onde vamos?”

“Para longe de Olho de Lua,” disse ela. Consegui ouvir a fadiga na sua voz.

Esporana mexeu-se e deitou-me um relance. “Pensávamos que tu soubesses.”

“Para onde foram os contrabandistas?”, perguntei.

Senti, mais do que vi, Esporana a encolher os ombros. “Não quiseram dizer-nos. Disseram que se nós te íamos buscar, tínhamos de nos separar deles. Pareciam acreditar que Emaranhado mandaria soldados atrás de ti, por mais fortemente que Olho de Lua fosse atingida.”

Anuí com a cabeça, mais para mim do que para ela. “Vai mandar. Vai atribuir-me todas as culpas pelo ataque. E irá dizer-se que os atacantes eram na verdade oriundos do Reino da Montanha, soldados enviados para me libertar.” Endireitei-me, afastando-me de Esporana. “E quando nos apanharem, matar-vos-ão a ambas.”

“Não tencionamos deixar-nos apanhar,” observou Panela.

“E não vos apanharão,” prometi. “Pelo menos se agirmos com sensatez. Parai os cavalos.”

Panela quase não precisou de os mandar parar. Há muito que tinham abrandado até um passo fatigado. Atirei a Esporana a minha manta e dei a volta à parelha. Olhos-de-Noite lançou-se de cima da carroça e seguiu-me com curiosidade. “Que estás a fazer?”, quis Panela saber enquanto eu desprendia um arnês e o deixava cair no terreno coberto de neve.

“Estou a mudar isto para que eles possam ser montados. Sabeis montar em pelo?” Estava a usar a faca do guarda para furar as rédeas enquanto falava. Ela teria de montar em pelo, soubesse ou não soubesse. Não tínhamos selas.

“Suponho que lá terei de o fazer,” observou ela num tom rabugento enquanto descia da carroça. Mas não vamos chegar longe lá muito depressa, montados em montaria dupla nestes cavalos.”

“Vós e Esporana ficareis bem,” prometi-lhe. “Basta que não pareis.”

Esporana estava em pé em cima da carroça a olhar para mim. Não precisava do luar para saber que havia incredulidade na sua cara. “Vais abandonar-nos aqui? Depois de termos voltado para te ir buscar?”

Não era assim que eu via as coisas. “Vós é que me ides abandonar aqui,” disse-lhe com firmeza. “Jhaampe é a única povoação grande, depois de virardes costas a Olho de Lua e seguides na direção do Reino da Montanha. Cavalgai a ritmo constante. Não vades diretamente para Jhaampe. É isso o que eles esperarão que nós façamos. Procurai uma das aldeias mais pequenas e escondi-vos lá durante

algum tempo. A maior parte das pessoas da Montanha é hospitaleira. Se não ouvirdes rumores sobre uma perseguição, prossegui para Jhaampe. Mas afastai-vos o máximo possível e o mais depressa possível antes de parardes a pedir abrigo ou comida.”

“E tu vais fazer o quê?”, perguntou Esporana em voz baixa.

“Olhos-de-Noite e eu seguimos o nosso caminho. Como devíamos ter feito há muito tempo. Viajamos mais depressa sozinhos.”

“Eu voltei por ti,” disse Esporana. A sua voz estava prestes a quebrar-se perante a minha traição. “Apesar de tudo o que me tinha acontecido. Apesar... da minha mão... e de tudo o resto...”

“Ele está a afastá-los do nosso rasto,” disse de súbito Panela.

“Precisais de ajuda para montar?”, perguntei-lhe calmamente.

“Não precisamos de nenhuma ajuda tua!”, declarou de súbito Esporana com uma voz zangada. Abanou a cabeça. “Quando penso em tudo por que passei, a seguir-te. E em tudo o que fizemos para te libertar... Terias sido queimado vivo naquela cela lá atrás, se não fosse eu!”

“Eu sei.” Não havia tempo para lhe explicar tudo. “Adeus,” disse em voz baixa. E deixei-as ali, afastando-me delas para o interior da floresta. Olhos-de-Noite caminhava a meu lado. As árvores fecharam-se à nossa volta, e elas ficaram rapidamente fora de vista.

Panela compreendera rapidamente o coração do meu plano. Assim que Emaranhado tivesse os incêndios controlados, ou talvez mesmo antes, pensaria em mim. Encontrariam o velho morto por um lobo, e nunca acreditariam que eu perecera na cela. Haveria uma perseguição. Enviariam cavaleiros para todas as estradas que penetravam nas montanhas, e em breve alcançariam Panela e Esporana. A menos que os caçadores tivessem outro rasto mais difícil a seguir. Um rasto que seguisse a corta-mato, e se dirigisse diretamente para Jhaampe. Para oeste.

Não seria fácil. Não possuía nenhum conhecimento específico sobre o que se estendia entre mim e a capital do Reino da Montanha. Nenhuma vila, provavelmente, pois o Reino da Montanha era pouco povoado. O povo vivia principalmente das armadilhas, da caça e da pastorícia nómada de ovelhas e cabras e tendia a viver em cabanas isoladas ou minúsculas aldeias rodeadas por amplos terrenos de caça. Teria poucas possibilidades de mendigar ou roubar comida ou provisões. O que mais me preocupava era poder dar por mim à beira de uma cordilheira impossível de escalar ou a ter de cruzar a vau um



dos muitos rios rápidos e frios que desciam velozmente as ravinas e os vales estreitos.

*É inútil preocuparmo-nos até nos encontrarmos bloqueados, fez notar Olhos-de-Noite. Se acontecer, então teremos simplesmente de arranjar uma maneira de rodear o obstáculo. Pode ser que isso nos abrande. Mas nunca chegaremos lá se ficarmos parados a preocuparmo-nos.*

Assim, gastámos a noite a caminhar, Olhos-de-Noite e eu. Quando chegávamos a clareiras, eu estudava as estrelas, e tentava viajar o máximo que podia para oeste. O terreno revelou-se tão problemático como eu esperava que fosse. Deliberadamente, escolhi caminhos que fossem mais simpáticos para um homem e um lobo a pé do que para homens a cavalo. Deixámos o nosso rasto ao longo de vertentes cobertas de arbustos e por densos matagais em estreitos desfiladeiros. Confortei-me enquanto progredia por tais lugares imaginando Esporana e Panela e avançar a bom ritmo pelas estradas. Tentei não pensar que Emaranhado poderia enviar batedores em quantidade suficiente para seguir mais do que um rasto. Não. Tinha primeiro de ganhar um bom avanço sobre eles para depois engodar Emaranhado a enviá-los em força atrás de mim.

A única maneira de o fazer que consegui imaginar foi apresentar-me como uma ameaça para Majestoso. Uma ameaça com que havia que lidar de imediato.

Ergui os olhos para o topo de um espinhaço. Três imensos cedros juntavam-se num maciço. Pararia aí, faria uma minúscula fogueira, e tentaria usar o Talento. Lembrei a mim próprio que não tinha casco-de-elfo, o que significava que teria de preparar as coisas de modo a descansar bem depois.

*Eu fico de vigia, asseverou-me Olhos-de-Noite.*

Os cedros eram enormes, com ramos largos que se entreteciam lá no alto de uma forma tão apertada que o chão estava limpo de neve. O solo encontrava-se espessamente atapetado com odoríferos bocados de frondes de cedro que tinham ido caindo com o decorrer do tempo. Juntei-as para fazer para mim um sofá, a fim de manter o corpo longe da terra fria, e de seguida reuni uma boa reserva de lenha. Pela primeira vez, examinei o interior da bolsa que roubara. Continha uma pederneira. E também cinco ou seis moedas, alguns dados, uma pulseira partida e, enrolada num bocado de pano, uma madeixa de cabelo fino. Aquilo sumariava bem demais a

vida de um soldado. Raspei um pouco de terra e enterrei o cabelo, os dados e a pulseira. Não tentei perguntar a mim próprio se ela teria deixado para trás um filho ou um amante. Lembrei a mim próprio que a sua morte não era obra minha. Mas mesmo assim, uma voz gelada murmurou a palavra “catalisador” no fundo da minha mente. Se não fosse eu, ela ainda estaria viva. Por um momento, senti-me velho, cansado e doente. Então forcei-me a pôr de lado tanto a soldada como a minha própria vida. Acendi a fogueira e alimentei-a bem. Empilhei o resto da lenha ao alcance da mão. Enrolei-me no manto e deitei-me na cama de frondes de cedro. Respirei fundo, fechei os olhos e usei o Talento.

Foi como se tivesse caído num rio rápido. Não estava preparado para ter sucesso com tanta facilidade, e fui quase levado para longe. O rio de Talento parecia ali, de algum modo, mais profundo, mais largo e mais forte. Não sabia se isso se deveria a um crescimento das minhas capacidades, se a outra coisa qualquer. Descubri-me e centrei-me, e fortaleci resolutamente a minha vontade contra as tentações do Talento. Recusei-me a pensar que dali poderia conseguir atirar os pensamentos até Moli e à nossa filha, poderia ver como se com os meus próprios olhos como ela estava a crescer e como passavam as duas. E também não tentaria alcançar Veracidade, por mais que o desejasse fazer. A força daquele Talento era tanta que não duvidava de que seria capaz de o encontrar. Mas não era para isso que ali estava. Estava ali para provocar um inimigo e tinha de estar em guarda. Ergui todas as defesas que pude erguer sem que me selassem contra o Talento, e virei a vontade na direção de Emaranhado.

Estendi-me, tentando encontrá-lo com cautela. Estava pronto a erguer as muralhas num instante, se fosse atacado. Descubri-o facilmente e fiquei quase sobressaltado ao ver como ele estava inconsciente do meu toque.

Então a sua dor trespassou-me com um abanão.

Recolhi-me, mais depressa do que uma anémona-do-mar assustada numa poça de maré. Senti-me chocado ao abrir os olhos e fitar galhos de cedro carregados de neve. Suor humedecia-me a cara e as costas.

*O que foi aquilo?*, quis saber Olhos-de-Noite.

*Sabes tanto como eu*, disse-lhe.

Fora a mais pura das dores. Uma dor independente de qualquer ferimento no corpo, uma dor que não era nem mágoa nem

medo. Uma dor total, como se cada parte do corpo, por dentro e por fora, estivessem submersas em fogo.

Majestoso e Vontade estavam a causá-la.

Fiquei a tremer no rescaldo, não de usar o Talento, mas da dor de Emaranhado. Era uma monstruosidade maior do que a minha mente conseguia abarcar. Tentei organizar tudo o que detetara naquele breve momento. Vontade, e talvez alguma sombra do Talento de Cedoura, a imobilizar Emaranhado para aquela punição. Com origem em Cedoura, houvera um mal mascarado horror e desagrado por aquela tarefa. Talvez temesse que algum dia pudesse voltar a ser virada contra si. A emoção mais forte de Vontade fora a ira por Emaranhado me ter tido em seu poder e me ter deixado escapar. Mas sob a ira havia uma espécie de fascínio com o que Majestoso estava a fazer a Emaranhado. Vontade não obtinha daquilo nenhum prazer. Ainda não.

Mas Majestoso sim.

Tinha havido uma época em que eu conhecera Majestoso. Nunca bem, era certo. Em tempos, ele fora simplesmente o mais novo dos meus tios, aquele que não gostava nada de mim. Soltara esse desagrado de uma forma infantil, com empurrões e beliscões clandestinos, com provocações e mexericos. Eu não gostara disso, não gostara dele, mas tudo fora quase compreensível. Fora o ciúme de um rapaz por o filho mais velho e favorito ter criado mais um rival pelo tempo e atenção do Rei Sagaz. Em tempos, ele fora apenas um jovem príncipe mimado, invejoso por os irmãos mais velhos estarem à sua frente na linha de sucessão. Fora mimado, malcriado e egoísta.

Mas fora humano.

O que eu sentira vindo dele, agora mesmo, estava tão para além do que podia compreender em termos de crueldade que era quase impossível de abarcar. Os forjados haviam perdido a sua humanidade, mas no seu vazio encontrava-se a sombra do que tinham sido. Se Majestoso tivesse aberto o peito e me tivesse mostrado um ninho de víboras, eu não poderia ter ficado mais chocado. Majestoso pusera a humanidade de lado, para se entregar a algo mais escuro. E era aquele o homem a que os Seis Ducados chamavam agora rei.

Era aquele o homem que iria enviar tropas atrás de Esporana e de Panela.

“Vou voltar,” preveni Olhos-de-Noite, e não lhe dei tempo

para levantar objeções. Fechei os olhos e atirei-me ao rio de Talento. Escancarei-me a ele, atraindo a mim a sua força fria, sem pensar que se ela fosse demasiada me devoraria. No instante em que Vontade tomou consciência de mim, falei-lhes. “Tu vais morrer às minhas mãos, Majestoso. Tão certo como que Veracidade voltará a reinar como rei.” E então, atirei contra eles esse poder que reunira.

Foi quase tão instintivo como um punho cerrado. Não o planeei, mas de súbito compreendi que fora aquilo que Veracidade lhes fizera em Vaudefeira. Não havia mensagem, nada além de uma furiosa libertação de energia contra eles. Escancarei-me a eles e mostrei-me e então, quando eles se viraram para mim, obriguei-me a golpeá-los com todos os bocadinhos de Talento que reunira. Tal como Veracidade, não retive nenhuma das minhas forças. Creio que se fosse apenas um, poderia ter conseguido cauterizar-lhe o Talento. Mas em vez disso, eles partilharam o abanão. Nunca saberei que efeito ele teve em Emaranhado. É possível que se tenha sentido grato pela minha violência, pois ela estilhaçou a concentração de Vontade e libertou-o da sofisticada tortura de Majestoso. Senti o guincho de terror de Cedoura quando interrompeu a sua ligação de Talento. Creio que Vontade poderia ter resistido e talvez me tivesse desafiado, se Majestoso não lhe ordenasse debilmente *Corta a ligação, palerma, não me ponhas em risco com a tua vingança!* Num piscar de olhos, eles desapareceram.

O dia já ia avançado quando voltei a mim. Olhos-de-Noite estava deitado quase em cima de mim e havia sangue no seu pelo. Empurrei-o debilmente, e ele moveu-se de imediato. Levantou-se e farejou-me a cara. Senti nele o cheiro do meu próprio sangue; era repugnante. Sentei-me de repente e o mundo rodopiou à minha volta. Tomei lentamente consciência do clamor dos seus pensamentos.

*Estás bem? Estavas a tremer e depois começaste a sangrar do nariz. Não tens estado cá, não tenho conseguido ouvir-te de todo!*

“Estou bem,” acalmei-o em voz rouca. “Obrigado por me manteres quente.”

A fogueira reduzira-se a algumas brasas. Estendi cautelosamente a mão para a lenha e acrescentei à fogueira alguns paus. As minhas mãos pareciam estar a uma grande distância de mim. Quando consegui pôr o fogo a arder, sentei-me e aqueci-me. Depois levantei-me e dei alguns passos cambaleantes até onde começava a neve. Esfreguei uma mão-cheia na cara para a limpar do sabor e

cheiro do sangue. Pus um pouco de neve limpa na boca, pois sentia a língua inchada e coagulada.

*Precisas de descansar? Precisas de comida?*, perguntou-me Olhos-de-Noite com ansiedade.

Sim e sim. Mas, acima de tudo, precisávamos de fugir. Não tinha dúvidas de que o que fizera os levaria a perseguir-me. Fizera o que quisera, e isso fora real, para lá de todas as minhas expectativas. Dera-lhes um motivo para me temer. Agora nunca descansariam até me terem destruído. Também lhes mostrara claramente onde me encontrava; eles teriam uma noção do local para onde deviam enviar os seus homens. Não podia estar ali quando eles chegassem. Voltei para junto da fogueira e pontapeei terra para cima dela. Pisei-a para me assegurar de que estava apagada. De seguida, fugimos.

Viajámos tão depressa como eu conseguia viajar. Não havia qualquer dúvida de que eu atrasava Olhos-de-Noite. Ele olhava-me com piedade enquanto eu subia laboriosamente uma vertente, enterrado até às ancas em neve que lhe bastava abrir os dedos das patas para conseguir correr por cima dela com ligeireza. Não era raro que quando eu suplicava descanso e parava para me encostar a uma árvore ele batesse o terreno em frente, em busca do melhor trilho. Quando tanto a luz como as minhas forças estavam próximas da exaustão e eu parava para acender uma fogueira para a noite, ele desaparecia e regressava com carne para ambos. Eram normalmente alvas lebres das neves, mas uma vez foi um gordo castor que se aventurara demasiado longe da sua lagoa coberta de gelo. Fingia para mim próprio que cozinhava a carne que comia, mas era um muito breve crestar sobre uma fogueira. Estava demasiado cansado e esfo-meado para mais do que isso. A dieta de carne não me acrescentava gordura à carne, mas ajudava-me a manter-me vivo e em movimento. Pouco era o verdadeiro sono que obtinha, pois tinha de alimentar constantemente a fogueira para evitar congelar, e de me levantar várias vezes por noite para bater com os pés no chão, a fim de lhes devolver a sensibilidade. Resistência. Era isso o que estava em causa. Não a rapidez, nem uma grande força, mas um miserável aumento na minha capacidade de me obrigar a continuar em movimento todos os dias.

Mantive as muralhas de Talento bem erguidas, mas mesmo assim estava consciente da batalha de Vontade contra elas. Não me parecia que ele pudesse seguir-me o rasto enquanto eu me protegese-

se, mas não tinha a certeza. A constante cautela mental era mais um dreno nas minhas forças. Havia noites em que ansiava por simplesmente deixar cair todas as minhas defesas e deixá-lo entrar, para que acabasse comigo de uma vez por todas. Mas nessas alturas, bastava-me recordar o que Majestoso era agora capaz de fazer. Sem falhar, isso trespassava-me com um dardo de terror e inspirava-me a puxar mais duramente por mim, a fim de aumentar a distância entre nós.

Quando me levantei na quarta madrugada da nossa viagem, soube que estávamos bem dentro do Reino da Montanha. Não vira sinais de perseguição desde que abandonáramos Olho de Lua. Certamente que tão para o interior da terra de Kettricken estaríamos a salvo.

*A que distância fica essa Jhaampe, e o que faremos quando lá chegarmos?*

*Não sei a que distância fica. E não sei o que faremos.*

Pela primeira vez, refleti sobre isso. Forcei-me a pensar em tudo aquilo em que não me permitira refletir até aí. Nada sabia realmente sobre o que acontecera a Kettricken desde a altura em que a afastara do rei para fugir noite adentro. Ela não tivera notícias minhas, nem sobre mim. Por aquela altura, Kettricken já teria dado à luz o filho. Pelas minhas contas, o bebé teria uma idade semelhante à da minha filha. De súbito, dei por mim muito curioso. Podia pegar nesse bebé e dizer a mim próprio: “Ter a minha filha ao colo deve ser assim.”

Salvo que Kettricken me julgava morto. O que teria ouvido dizer seria que eu fora executado por Majestoso e estaria há muito enterrado. Era a minha rainha e a esposa de Veracidade. Decerto que podia revelar-lhe o modo como sobrevivera. Mas contar-lhe a verdade era como atirar uma pedra a um charco. Ao contrário de Esporana, Panela ou qualquer outra pessoa que tivesse deduzido quem eu era, Kettricken conhecera-me anteriormente. Não seria um boato ou uma lenda, nem uma história fantasiosa de alguém que me vislumbrara por um momento, mas um facto. Ela podia dizer aos outros que me tinham conhecido: “Sim, eu vi-o, e é verdade que está vivo. Como? Ora, através da Manha, claro.”

Continuei a avançar com dificuldade, atrás de Olhos-de-Noite, através da neve e do frio, e do que a notícia significaria para Paciência quando lhe chegasse. Vergonha ou alegria? Dor por eu não me ter revelado? Através de Kettricken, podiam ser enviadas notí-

cias, para as espalhar por aqueles que eu conhecera. Acabariam por chegar a Moli e a Castro. O que faria a Moli saber à distância, dessa forma, não só que eu estava vivo e não regressara para ela, como que estava manchado com a Manha? Trespasara-me o coração saber que ela escondera de mim o facto de que esperava um filho meu. Fora esse o meu primeiro verdadeiro vislumbre de como se devia ter sentido traída e magoada por todos os segredos que eu mantivera escondidos dela pelos anos fora. Ter mais um atirado à cara, e de tal magnitude, podia pôr fim a quaisquer sentimentos que ainda pudesse nutrir por mim. As minhas hipóteses de reconstruir uma vida com ela eram bastante pequenas; não podia suportar que se reduzissem ainda mais.

E todos os outros, o pessoal dos estábulos que eu conhecera, os homens ao lado de quem remara e combatera, os soldados comuns de Torre do Cervo, descobririam também. Sentisse eu o que sentisse a respeito da Manha, já vira a repugnância nos olhos de um amigo. Vira como isso mudara até a atitude de Esporana para comigo. O que pensariam as pessoas de Castro, por ele ter tido e tolerado um Manhoso nos estábulos? Seria ele também descoberto? Fiz ranger os dentes. Teria de permanecer morto. Era melhor, talvez, evitar Jhampe por completo e prosseguir viagem para ir ter com Veracidade. Salvo que, sem provisões, tinha tantas hipóteses de o conseguir como Olhos-de-Noite teria de se fazer passar por um cão de regaço.

E havia outro pequeno assunto. O mapa.

Quando Veracidade partira de Torre do Cervo, partira apoiado na força de um mapa. Era um mapa antigo que Kettricken desencantara nas bibliotecas de Torre do Cervo. Estava desbotado e era antigo, feito nos tempos do Rei Sabedoria, o qual visitara pela primeira vez os Antigos e os trouxera em ajuda dos Seis Ducados. Os detalhes do mapa tinham-se desvanecido, mas tanto Kettricken como Veracidade tinham estado convencidos de que um dos trilhos nele marcados levava ao local onde o Rei Sabedoria se encontrara pela primeira vez com esses esquivos seres. Veracidade abandonara Torre do Cervo determinado a seguir o mapa até regiões situadas para lá do Reino da Montanha. Levava consigo a cópia nova do mapa que fizera. Eu não fazia ideia do que acontecera ao mapa mais velho; era provável que tivesse sido levado para Vaudefeira quando Majestoso saqueara as bibliotecas de Torre do Cervo. Mas o estilo do mapa e as características incomuns da cercadura tinham-me há muito levado

a suspeitar de que era uma cópia de outro mapa ainda mais antigo. A cercadura era em estilo da Montanha; se fosse possível encontrar o original em algum sítio, seria nas bibliotecas de Jhaampe. Tivera algum acesso a elas durante os meses da minha convalescença nas Montanhas. Sabia que a sua biblioteca era simultaneamente extensa e bem cuidada. Mesmo se não encontrasse o original desse mapa em particular, poderia talvez encontrar outros que cobrissem a mesma área.

Durante o tempo que passara nas Montanhas, também me deixara impressionar pelo povo confiante que eles eram. Vira poucas trancas e nenhum dos guardas que tínhamos em Torre do Cervo. Não seria necessário qualquer truque para entrar na residência real. Mesmo se tivessem estabelecido a prática de pôr guardas, as paredes eram só feitas de pano de casca de árvore estucado com argila e pintado. Senti-me confiante de que seria capaz de entrar, de uma forma ou de outra. Depois de me encontrar no interior, não demoraria muito tempo a pilhar a biblioteca e roubar o que necessitasse. Podia reabastecer-me na mesma altura.

Tive a elegância de me sentir envergonhado por aquele pensamento. Também soube que a vergonha não evitaria que o pusesse em prática. De novo, estava sem escolha. Estafei-me por mais uma vertente através da neve e pareceu-me que o coração batia uma e outra vez essa frase. Sem escolha, sem escolha, sem escolha. Nunca tinha escolha a respeito de nada. O destino transformara-me num assassino, num mentiroso e num ladrão. E quanto mais tentava evitar esses papéis, mais firmemente era empurrado para eles. Olhos-de-Noite seguia-me de perto, e afligia-se com o meu humor sombrio.

Estávamos tão distraídos que chegámos ao topo da cumeada e ambos parámos, tolamente delineados contra o céu, plenamente à vista do grupo de cavaleiros na estrada por baixo de nós. O amarelo e castanho dos seus casacos destacava-se contra a neve. Estaquei como um veado assustado. Mesmo assim, podíamos ter escapado à sua deteção se não fosse a matilha de cães de caça que traziam consigo. Avaliei-a de um relance. Seis cães de caça, não lobeiros, graças a Eda, mas lebreiros de patas curtas, inadequados para aquele tempo e terreno. Havia um cão de patas longas, um rafeiro desengonçado de dorso ondulado. Ele e o seu tratador deslocavam-se separadamente da matilha. A perseguição estava a usar tudo o que tinha para nos encontrar. Mas havia uma dúzia de homens a cavalo. Quase instan-



taneamente, o rafeiro atirou a cabeça para cima e ladrou. Num instante, os cães de caça juntaram-se-lhe, pondo-se a andar às voltas, de cabeças erguidas para farejar o ar, e dando o alerta quando descobriram os nossos odores. O caçador que controlava os cães de caça ergueu uma mão e apontou para nós no momento em que se lançou na perseguição. O rafeiro e o seu tratador já corriam na nossa direção.

“Nem sequer sabia que havia aqui uma estrada,” arquejei a Olhos-de-Noite, em jeito de pedido de desculpa, enquanto fugíamos pela vertente abaixo. Tínhamos uma vantagem muito breve. Descemos ao longo do nosso próprio rasto, enquanto os cães e os cavaleiros que nos perseguiram tinham de subir um monte de neve por quebrar. Tive esperança de que quando eles chegassem ao cume que tínhamos acabado de abandonar, já estivéssemos fora de vista, na ravina coberta de mato, lá em baixo. Olhos-de-Noite estava a refrear-se, relutante em deixar-me para trás. Os cães ladravam e eu ouvi as vozes de homens erguidas em excitação quando se lançaram na perseguição.

*CORRE!*, ordenei a Olhos-de-Noite.

*Não te abandonarei.*

*Teria poucas hipóteses se abandonasses, admiti. Tinha a cabeça a trabalhar freneticamente. Vai até ao fundo da ravina. Cria tantos rastos falsos quantos puderes, dá a volta, vai para jusante ao longo da ravina. Quando chegarmos lá, fugimos para montante. Isso pode atrasá-los durante algum tempo.*

*Truques de raposa!*, fungou ele, após o que passou por mim a correr num borrão cinzento e desapareceu no denso mato da ravina. Tentei levar-me a avançar mais depressa pela neve. Logo antes de atingir a borda da ravina coberta de mato, olhei para trás. Cães e cavaleiros estavam nesse preciso momento a ultrapassar o cume. Penetrei no abrigo do mato encoberto pela neve e desci a escorregar pelas íngremes vertentes. Olhos-de-Noite deixara aí rastos suficientes para uma alcateia inteira. No momento em que fiz uma pausa para recuperar o fôlego, ele passou por mim a correr numa nova direção.

*Vamos sair daqui!*

Não esperei pela sua resposta, e pus-me a subir a ravina o mais depressa que as pernas podiam levar-me. A neve estava menos profunda mesmo no fundo, pois as árvores e o mato que aí havia tinham apanhado e segurado a maior parte. Avancei meio dobrado sobre mim próprio, sabendo que se me prendesse nos ramos eles descar-

regariam as suas cargas frias para cima de mim. Os latidos dos cães ressoavam no ar gélido. Escutei-o enquanto avançava. Quando ouvi a sua excitação dar lugar a uma frustrada gritaria canina, soube que tinham chegado ao rasto confundido no fundo da ravina. Cedo demais; tinham lá chegado cedo demais, e viriam depressa demais.

*Olhos-de-Noite!*

*Silêncio, palerma! Os cães vão ouvir-te! E aquele outro também.*

O coração quase que me parou no peito. Não conseguia acreditar na minha estupidez. Continuei a avançar, esbracejando, através do mato coberto de neve, esforçando os ouvidos para captar o que estava a acontecer atrás de nós. Os caçadores tinham gostado do rasto falso que Olhos-de-Noite deixara e estavam praticamente a forçar os cães a segui-lo. Havia demasiados homens a cavalo para a estreiteza da ravina. Estavam a pôr-se no caminho uns dos outros, e talvez a estragar o nosso verdadeiro rasto. Tempo ganho, mas só um bocadinho. Então ouvi de súbito gritos de alarme e uma desenfreada profusão de latidos vindos dos cães. Captei um confuso alarido de pensamentos caninos. Um lobo tinha saltado sobre eles, e correria mesmo pelo meio da sua matilha, mordendo à medida que avançava, e precipitando-se mesmo por entre as patas dos cavalos que os homens montavam, atrás deles. Um homem estava no chão e a ter problemas para apanhar a sua montada de olhos espavoridos. Um cão perdera a maior parte de uma orelha descaída e estava numa agonia por causa dela. Tentei cerrar a mente à sua dor. Pobre animal, e tudo para nada que te levasse a lucrar alguma coisa. Tinha as pernas como chumbo e a boca seca, mas tentei arrancar de mim velocidade. Desejei gritar a Olhos-de-Noite para que abandonasse as provocações, para que fugisse comigo, mas não me atrevi a trair perante a matilha a verdadeira direção da nossa retirada. Em vez disso forcei-me a avançar.

A ravina estava a tornar-se mais estreita e mais profunda. Trepadeiras, sarças e arbustos nasciam nas vertentes cada vez mais declivosas e caíam, emaranhadas. Suspeitei de que caminhava por cima de um ribeiro congelado pelo inverno. Pus-me a procurar uma maneira de sair dele. Atrás de mim, os cães estavam de novo a ladrar, latindo uns para os outros que tinham agora encontrado o verdadeiro rasto, segui o lobo, o lobo, o lobo. Soube então com certeza que Olhos-de-Noite voltara a mostrar-se-lhes e estava deliberadamente a afastá-los de mim. *Foge, rapaz, foge!* Atirou-me o pensamento sem

se preocupar com a possibilidade de ser ouvido pelos cães. Havia nele um divertimento selvagem, havia uma patética histérica no seu pensamento. Fez-me lembrar a noite em que eu perseguira Justino pelos corredores de Torre do Cervo, para o matar no Grande Salão perante todos os convidados da cerimônia de coroação de Majestoso como Rei Expectante. Olhos-de-Noite estava num frenesim que o levava a deixar de se preocupar com a sua própria sobrevivência. Eu mergulhei em frente, com o coração na garganta por ele, combatendo as lágrimas que me picavam os cantos dos olhos.

A ravina terminou. À minha frente encontrava-se uma cintilante cascata de gelo, um memorial ao ribeiro de montanha que cortava aquele desfiladeiro durante os meses de verão. O gelo pendia, em longos pingentes ondulados, da face rochosa de uma fenda na montanha, brilhando ainda com um ténue reflexo de água corrente. A neve na sua base era cristalina. Parei, suspeitando de uma lagoa profunda, de uma lagoa que poderia descobrir involuntariamente debaixo de uma camada de gelo fino demais. Levantei o olhar. As paredes de rocha estavam ali escavadas na base e cobertas de vegetação. Noutros locais, lajes nuas de rocha mostravam-se através das cortinas de neve. Pequenas árvores jovens e arbustos de ar frágil cresciam aqui e ali, inclinando-se para capturar a luz do sol que vinha de cima. Nenhum desses locais parecia promissor para uma escalada. Virei-me para regressar por onde viera e ouvi um único uivo erguer-se e cair. Nem cão, nem lobo, só podia ser o rafeiro. Algo na certeza daquele grito convenceu-me de que ele me seguia o rasto. Ouvi um homem gritar um encorajamento e o cão voltou a latir, mais perto. Virei-me para a parede da ravina e comecei a trepar. Ouvi o homem gritar pelos outros, chamando e assobiando para que o seguissem, que tinha aqui um rasto de homem, que deixassem o lobo, era só um truque de Manha. À distância, os cães começaram de súbito a ladrar de uma maneira diferente. Nesse momento, soube que Majestoso encontrara por fim o que procurara. Um Manhoso para me dar caça. O Sangue Antigo fora comprado.

Saltei e agarrei-me a uma pequena árvore que se projetava da parede da ravina. Icei-me, consegui apoiar nela os pés, balancei-me e estendi a mão para outra por cima de mim. Quando pus nela o meu peso, as suas raízes soltaram-se do solo rochoso. Caí, mas consegui voltar a agarrar-me à primeira árvore. Outra vez para cima, disse a mim próprio com ferocidade. Pus-me em pé sobre a árvore

e ouvi-a a rachar sob o meu peso. Ergui as mãos para me agarrar a mãos-cheias de frágeis arbustos que pendiam da margem escavada. Tentei subir rapidamente, não deixar que o meu peso pendesse de qualquer das pequenas árvores ou arbustos durante mais do que alguns momentos. Mãos-cheias de galhos quebraram-se-me na mão, tufo de velhas ervas soltaram-se, e dei por mim a esgravatar ao longo da borda da ravina, sem conseguir subir nada. Ouvi um grito abaixo de mim e, contra-vontade, deitei um relance para trás e para baixo. Um homem e um cão encontravam-se na clareira, lá em baixo. Enquanto o rafeiro me ladrava, o homem estava a encaixar uma seta no arco que trazia. Eu estava pendurado, impotente, por cima deles, um alvo tão fácil como qualquer homem podia desejar.

“Por favor,” ouvi-me a arquejar, e depois ouvi o minúsculo ruído inconfundível de uma corda de arco a ser largada. Senti a seta a atingir-me, um punho nas costas, um dos velhos truques de Majestoso na minha infância, e depois uma dor mais profunda e mais quente dentro de mim. Uma das minhas mãos tinha largado o que agarrava. Não lhe ordenara que o fizesse, ela simplesmente deixara de se manter preênsil. Balancei, preso pela mão direita. Consegui ouvir, tão claramente, o ladrar do cão quando ele cheirou o meu sangue. Consegui ouvir o sussurro do vestuário do homem quando ele tirou outra seta da aljava.

A dor voltou a morder-me, profunda no punho direito. Gritei quando os dedos se me soltaram. Num reflexo de terror, as pernas esgravataram freneticamente contra a vegetação rasteira que pendia sobre a margem escavada e cedia. E, sem que soubesse como, estava a subir, com a cara a raspar numa crosta de neve. Libertei o braço esquerdo e fiz com ele vagos movimentos natatórios. *Põe as pernas para cima!*, ordenou-me Olhos-de-Noite. Não produziu um som, pois os seus dentes estavam firmemente cerrados na manga e carne do meu braço direito enquanto me arrastava para cima. A hipótese de sobreviver rejuvenesceu-me. Esperneeii violentamente e depois senti terreno firme sob a barriga. Avancei a pulso, tentando ignorar a dor que se me concentrava nas costas, mas se espalhava a partir daí em ondas rubras. Se não tivesse visto o homem disparar uma seta, teria acreditado que tinha um poste tão grosso como o eixo de uma carroça espetado nas costas.

*Levanta-te, levanta-te! Temos de fugir.*

Não me lembro de como me pus em pé. Ouvi cães a esgra-

vatar o penhasco atrás de mim. Olhos-de-Noite afastou-se da borda e foi-os defrontando à medida que eles subiam. As suas maxilas rasgaram-lhes a carne e atirou os seus corpos penhasco abaixo para cima do resto da matilha. Quando o rafeiro de dorso ondulado caiu, houve uma súbita diminuição nos latidos que vinham de baixo. Ambos conhecemos a sua agonia, e ouvimos os gritos do homem, lá em baixo, enquanto o seu animal de vínculo sangrava até à morte sobre a neve. O outro caçador estava a chamar pelos cães, dizendo furioso aos outros que não serviria de nada mandá-los para cima para serem massacrados. Conseguia ouvir os homens a berrar e a praguejar enquanto faziam os cavalos fatigados dar meia volta e se punham a descer a ravina, para tentar encontrar um local onde pudessem subir e vir atrás de nós, a fim de tentarem retomar o nosso rasto.

*Corre!*, disse-me Olhos-de-Noite. Não queríamos falar do que acabáramos de fazer. Havia uma sensação de terrível calor a correr-me pelas costas abaixo, que também era um frio em expansão. Levei uma mão ao peito, quase à espera de descobrir a ponta e a haste da seta projetadas daí. Mas não, a seta estava profundamente enterrada. Cambaleei atrás de Olhos-de-Noite, com a consciência inundada de demasiadas sensações, de demasiados tipos de dor. A camisa e o manto repuxavam a haste da seta enquanto me movia, um minúsculo agitar da madeira que era ecoado pela ponta da seta bem dentro de mim. Perguntei a mim próprio quantos danos adicionais estaria ela a fazer. Pensei nas alturas em que esquartejara veados mortos por setas, na carne semelhante a farinha, cheia de sangue, que se encontrava em volta de uma tal ferida. Perguntei a mim próprio se teria sido atingido no pulmão. Um veado atingido num pulmão não chegava longe. Saber-me-ia o fundo da garganta a sangue...?

*Não penses nisso!*, ordenou-me Olhos-de-Noite com violência. *Estás a enfraquecer-nos aos dois. Limita-te a andar. Anda e continua a andar.*

Então ele sabia tão bem como eu que eu não podia correr. Caminhei e ele caminhou a meu lado. Durante algum tempo. Depois, dei por mim a caminhar cegamente em frente, na escuridão, sem sequer me preocupar com a direção em que seguia, e ele não estava lá. Procurei-o às apalpadelas, mas não consegui encontrá-lo. Algures, ao longe, voltei a ouvir os latidos de cães. Continuei a caminhar. Cambaleei de encontro às árvores. Ramos arranharam-me a cara,

mas não havia problema porque tinha a cara dormente. A camisa, nas minhas costas, era uma película escorregadia de sangue congelado que se movia asperamente contra a pele. Tentei aconchegar-me melhor ao manto, mas a dor súbita quase me fez cair sobre os joelhos. Tolo. Esquecera-me de que o manto me puxaria pela haste da seta. Tolo. Continua a andar, rapaz. Continuei a andar.

Esbarrei noutra árvore. Ela libertou uma chuvada de neve para cima de mim. Libertei-me, cambaleando, e continuei a caminhar. Durante muito tempo. De repente, vi-me sentado na neve, a arrefecer cada vez mais. Tive de me levantar. Tinha de me manter em movimento.

Voltei a caminhar. Não por muito tempo, parece-me. Ao abrigo de um grupo de grandes pinheiros onde a neve era menos profunda, deixei-me cair sobre os joelhos. “Por favor,” disse. Não tinha forças suficientes para chorar por misericórdia. “Por favor.” Não conseguia imaginar a quem estaria a suplicar.

Vi uma abertura entre duas grossas raízes. Agulhas de pinheiro estavam ali espalhadas sobre o chão numa camada espessa. Aninhei-me no pequeno espaço. Não me podia deitar por causa da seta que se projetava das minhas costas. Mas conseguia apoiar a testa à árvore amigável e cruzar os braços no peito. Tornei-me pequeno, dobrando as pernas debaixo de mim e afundando-me no espaço entre as raízes. Teria tido frio se não estivesse demasiado cansado. Afundei-me no sono. Quando acordasse, faria uma fogueira e aquecer-me-ia. Conseguia imaginar como ficaria quente, conseguia quase senti-lo.

*Irmão!*

*Estou aqui,* disse-lhe calmamente. *Aqui mesmo.* Sondei para o exterior a fim de o sossegar com um toque. Ele vinha a caminho. O tufo de pelos em volta da garganta estava espigado de saliva congelada, mas nem um dente o atravessara. Tinha um golpe de um lado do focinho, mas não era mau. Levaram os cavalos em círculos, e depois atormentaram-lhes os cavalos pela retaguarda antes de os deixar mergulhar na escuridão através de uma campina de ervas altas coberta de neve. Só dois dos cães foram deixados vivos, e um dos cavalos coxeava tanto que o cavaleiro montara noutro com um companheiro.

Agora vinha à minha procura, ondulando com facilidade pelas encostas cobertas de neve. Estava cansado, sim, mas a energia do triunfo jorrava através dele. A noite estava fresca e limpa à sua

volta. Detetou o odor, e de seguida a minúscula centelha no olho da lebre que se acocorava por baixo de um arbusto, na esperança de que ele passasse. Não passou. Um único salto súbito para o lado, e a lebre estava entre as suas maxilas. Agarrou-a pela cabeça ossuda e quebrou-lhe a espinha com uma sacudidela. Prosseguiu a trote, com a carne transformada num peso bem-vindo nas maxilas. Comeríamos bem. A floresta noturna era prata e negro à nossa volta.

*Para. Irmão, não faças isto.*

*Não faço o quê?*

*Amo-te. Mas não quero ser tu.*

Pairei onde me encontrava. Os seus pulmões a trabalhar tão fortemente, puxando o ar frio da noite para lá da cabeça de lebre na sua boca. A ligeira ferroadada do golpe no focinho, as patas poderosas que transportavam o seu corpo tão bem.

*Tu também não queres ser eu, Alterador. Na realidade não queres.*

Não tinha a certeza de ele ter razão. Com os seus olhos, vi-me e cheirei-me. Tinha-me enfiado no espaço entre as raízes da grande árvore, e estava enrolado até ficar tão pequeno como uma cria abandonada. O cheiro do meu sangue pairava forte no ar. Então pestanejei, e dei por mim a olhar para a escuridão do meu cotovelo dobrado por cima da minha cara. Levantei a cabeça lenta e dolorosamente. Tudo doía, e toda a dor se ligava àquela seta centrada nas minhas costas.

Cheirou-me a tripas de coelho e a sangue. Olhos-de-Noite estava em pé a meu lado, com as patas apoiadas na carcaça enquanto a rasgava. *Come, enquanto está quente.*

*Não sei se consigo.*

*Queres que ta mastigue?*

Não estava a brincar. Mas a única coisa mais repugnante do que comer era a ideia de comer carne regurgitada. Consegui dar um minúsculo abanão à cabeça. Tinha os dedos quase adormecidos, mas vi a minha mão agarrar o pequeno fígado e levar-mo à boca. Estava quente e repleto de sangue. De súbito, soube que Olhos-de-Noite tinha razão. Eu tinha de comer. Porque tinha de sobreviver. Ele desfizera a lebre. Peguei num bocado e mordi a carne quente. Era dura, mas eu estava determinado. Sem pensar, quase abandonara o meu corpo pelo dele, quase subira para aquele corpo de lobo perfeitamente saudável, a seu lado. Já o fizera antes uma vez, com o seu

consentimento. Mas agora ambos sabíamos que a ideia era má. Partilhariamos, mas não nos podíamos transformar um no outro. Não podíamos fazê-lo sem que ambos perdêssemos.

Lentamente, sentei-me. Senti os músculos das costas a mover-se contra a seta, protestando contra o modo como ela os prendia. Conseguia sentir o peso da haste. Quando a imaginei a projetar-se de mim, quase perdi a comida que comera. Forcei-me a uma calma que não sentia. De súbito, estranhamente, uma imagem de Castro veio-me à mente. Aquela imobilidade mortal na sua cara quando ele flexionara o joelho e observara o antigo ferimento a abrir-se. Lentamente, levei a mão às costas. Fiz caminhar os dedos pela espinha acima. Isso fez os músculos puxar contra a seta. Por fim, os dedos tocaram na madeira peganhenta da haste da seta. Até esse toque ligeiro era um novo tipo de dor. Desajeitadamente, fechei os dedos em volta da haste, fechei os olhos e tentei puxá-la. Mesmo se não houvesse a dor, teria sido difícil. Mas a agonia fez balançar o mundo à minha volta, e quando ele se estabilizou dei por mim apoiado às mãos e aos joelhos, com a cabeça pendente.

*Queres que eu tente?*

Abanei a cabeça, permanecendo na mesma posição. Ainda estava com medo de desmaiar. Tentei pensar. Se ele arrancasse a seta, sabia que desmaiaria. Se a hemorragia fosse forte, não teria modo de a estancar. Não. Era melhor deixar a seta lá. Reuni toda a minha coragem. *Consegues parti-la?*

Ele aproximou-se de mim. Senti a sua cabeça encostar-se às minhas costas. Virou-a, manobrou as maxilas de modo a que os seus dentes de trás se fechassem sobre a haste. Então fechou as maxilas. Ouvia-se um estalido, como o de um jardineiro a podar uma árvore jovem, e um estremecimento de dor renovada. Uma onda de vertigem submergiu-me. Mas sem saber como, levei a mão às costas e libertei do toco de seta o manto empapado de sangue. Aconcheguei-me melhor a ele, tremendo. Fechei os olhos.

*Não. Faz primeiro uma fogueira.*

Voltei a descolar as pálpebras. Era tudo difícil demais. Juntei todos os paus e ramos que conseguia alcançar de onde estava. Olhos-de-Noite tentou ajudar, indo-me buscar ramos, mas mesmo assim passou-se uma eternidade até eu ter uma minúscula chama a dançar. Lentamente, fui acrescentando paus. Pela altura em que consegui ter a fogueira a arder, apercebi-me de que o dia estava a



amanhecer. Era tempo de voltar a pôr-me a caminho. Ficámos apenas tempo suficiente para acabar de comer o coelho e para permitir que eu aquecesse bem as mãos e os pés. Depois voltámos a partir, com Olhos-de-Noite a fazer-me avançar sem misericórdia.

## *Jhaampe*

*Jhaampe, a capital do Reino da Montanha, é mais antiga do que Torre do Cervo, da mesma forma que a linhagem governante do Reino da Montanha é mais antiga do que a casa de Visionário. Enquanto cidade, Jhaampe está tão distante do estilo da cidade-fortaleza de Torre do Cervo como os monarcas Visionário são diferentes dos guias filósofos da linhagem de Sacrifício que governa as Montanhas.*

*Não existe nenhuma cidade permanente como as que conhecemos. Há poucos edifícios permanentes. Em vez disso, ao longo das estradas cuidadosamente planeadas e delimitadas por jardins, há espaços por onde o povo nómada das Montanhas pode ir e vir. Existe um espaço destinado ao mercado, mas os mercadores migram num desfile que tem paralelo com o das estações. Uma vintena de tendas pode brotar da noite para o dia e os seus habitantes aumentarão a população de Jhaampe durante uma semana ou um mês, para desaparecerem sem deixar rasto quando a visita e os negócios terminarem. Jhaampe é uma cidade de tendas em permanente mudança, povoada pelo vigoroso povo que habita os espaços abertos das montanhas.*

*As casas da família real e dos companheiros que decidem permanecer com ela ao longo de todo o ano não se parecem em nada como os nossos castelos e palácios. As habitações deles centram-se em grandes árvores, ainda vivas, com troncos e ramos pacientemente treinados ao longo de décadas para fornecer uma estrutura à construção.*

*Esta estrutura viva é depois envolvida num tecido feito com fibras de casca de árvore e reforçada com entrançados de madeira. Assim, as paredes podem tomar as formas suavemente curvas de um botão de tulipa ou da cúpula de um ovo. Um revestimento de argila é espalhado sobre a camada de tecido e é, por sua vez, pintado com uma tinta brilhante e resinosa nos tons brilhantes que o povo da montanha aprecia. Algumas paredes são decoradas com criaturas imaginárias ou com padrões, mas a maioria é deixada simples. Predominam os púrpuras e amarelos, de modo que chegar à cidade que cresce à sombra das grandes árvores da montanha é como chegar a uma extensão de açafraão na primavera.*

*Em volta dessas casas e na interseção das estradas daquela “cidade” nómada ficam os jardins. São todos únicos. Podem centrar-se num toco com uma forma invulgar, num arranjo de pedras ou num bocado gracioso de madeira. Podem conter ervas odoríferas, flores de cores vivas ou qualquer combinação de plantas. Um jardim digno de nota tem no coração uma nascente borbulhante de água fumegante. Aí crescem plantas com folhas carnudas e flores de odores exóticos, indígenas de um qualquer clima mais quente, para ali trazidas a fim de deleitar os habitantes das Montanhas com o seu mistério. É frequente que os visitantes deixem presentes nos jardins, quando partem: uma escultura de madeira, uma graciosa vasilha, ou talvez apenas um arranjo de pedrinhas brilhantes. Os jardins não pertencem a ninguém, e todos cuidam deles.*

*Em Jhaampe também podem encontrar-se nascentes quentes, algumas com água capaz de esquentar um homem, outras com um mero calor borbulhante. Essas nascentes foram confinadas, tanto como banhos públicos, como para servirem de fonte de calor em algumas das habitações mais pequenas. Em cada edifício, em cada jardim, ao virar de cada esquina, o visitante encontra as austeras beleza e simplicidade de cor e forma que são o ideal da Montanha. A impressão geral com que se parte é de tranquilidade e alegria no mundo natural. A simplicidade que ali é escolhida para a vida pode levar o visitante a questionar a vida que escolheu.*

\*\*\*

Era noite. Pouco mais recorde do que essa noite se ter seguido a dias de dor. Desloquei o bordão e dei mais um passo. Desloquei de novo

o bordão. Não estávamos a avançar depressa. Um turbilhão de flocos, no ar, cegava mais do que a escuridão. Não me conseguia afastar do vento rodopiante que os transportava. Olhos-de-Noite tecia um caminho lento à minha volta, guiando os meus passos hesitantes como se isso pudesse apressar-me. De tempos a tempos, gania ansiosamente. Tinha o corpo tenso de medo e fadiga. Cheirava a fumo de madeira e a cabras. ... *não para te traír, irmão. Mas para te ajudar. Lembra-te disso. Precisas de alguém com mãos. Mas se eles tentarem tratar-te mal, basta que me chames, e eu virei. Não estarei longe...*

Não conseguia obrigar a minha mente a focar-se nos seus pensamentos. Senti a sua amargura por não me poder ajudar e o medo de estar a levar-me para uma armadilha. Deduzi que tivéssemos vindo a discutir, mas não conseguia lembrar-me daquilo em que eu viera a insistir. Fosse o que fosse, Olhos-de-Noite ganhara, simplesmente em virtude de saber o que queria. Os meus pés escorregaram na neve endurecida da estrada e caí de joelhos. Olhos-de-Noite sentou-se a meu lado e esperou. Tentei deitar-me, e ele pegou-me no pulso com as maxilas. Puxou com suavidade, mas a coisa nas minhas costas rebentou em chamas súbitas. Soltei um som.

*Por favor, irmão. Há cabanas mais à frente, e luzes dentro delas. Fogos e calor. E alguém com mãos, alguém que possa limpar o ferimento malcheiroso que tens nas costas. Por favor. Levanta-te. Só mais uma vez.*

Ergui a cabeça pendente e tentei ver. Havia qualquer coisa na estrada à nossa frente, algo que fazia a estrada bifurcar-se e rodeá-la por ambos os lados. O luar prateado cintilava nessa coisa, mas não deixava distinguir o que era. Pestanejei com força, e a coisa transformou-se numa pedra esculpida, mais alta do que um homem. Não fora esculpida para ser um objeto, fora apenas alisada até tomar uma forma graciosa. Na sua base, pernadas ramosas e nuas faziam lembrar matagais estivais. Um muro irregular de pedras mais pequenas rodeava-a. Neve ornamentava tudo. Sem que eu soubesse porquê, aquilo fazia-me lembrar Kettricken. Tentei levantar-me mas não consegui. A meu lado, Olhos-de-Noite ganiu numa agonia. Não consegui enquadrar um pensamento para sossegá-lo. Precisei de todas as minhas forças para me manter de joelhos.

Não ouvi passos, mas senti um súbito aumento na tensão que vibrava no interior de Olhos-de-Noite. Voltei a erguer a cabeça. Muito à minha frente, depois do jardim, alguém se aproximava a pé atra-

vés da noite. Alguém alto e esguio, envolto em pesados tecidos, com o capuz tão puxado para a frente que quase se transformava numa máscara. Observei a pessoa que se aproximava. A morte, pensei. Só a morte podia aproximar-se tão silenciosamente, deslizando tão suavemente por aquela noite gelada. “Foge,” sussurrei a Olhos-de-Noite. “Não faz sentido deixar que ela nos leve a ambos. Foge depressa.”

Surpreendentemente, ele obedeceu-me, escapulindo-se em silêncio de junto de mim. Quando virei a cabeça, não consegui vê-lo, mas senti que não estava longe. Senti a sua força a deixar-me como se tivesse despido um casaco quente. Parte de mim tentou ir com ele, agarrar-se ao lobo e ser o lobo. Ansiei por deixar aquele corpo desfeito para trás.

*Se tiver de ser, irmão. Se tiver de ser, não te afastarei.*

Desejei que ele não o tivesse dito. Não tornava mais fácil resistir à tentação. Prometera a mim próprio que não lhe faria aquilo, que, se tivesse de morrer, morreria e deixá-lo-ia livre e limpo de mim para esculpir a sua própria vida. Mas à medida que o momento de morrer se aproximava, pareciam surgir tantas boas razões para quebrar essa promessa. O corpo saudável e selvagem, aquela vida simples no agora chamavam por mim.

Lentamente, a silhueta aproximou-se. Um grande arrepio de frio e dor abalou-me. Podia ir ter com o lobo. Convoquei o que restava das minhas forças para me desafiar. “Aqui!”, coaxe à Morte. “Estou aqui. Vem levar-me, e que isto termine por fim.”

Ela ouviu-me. Vi-a parar e permanecer rígida, como que com medo. Depois aproximou-se com uma pressa súbita, fazendo rodopiar o manto branco no vento noturno. Parou a meu lado, alta, esguia e silenciosa. “Vim buscar-te,” murmurou. De repente, ajoelhou a meu lado, e eu vislumbrei o marfim esculpido do seu rosto ossudo. Pôs os braços em volta de mim e ergueu-me para me levar embora. A pressão do seu braço nas minhas costas era uma agonia de dor. Desmaiei.

\*\*\*

O calor estava a penetrar de novo em mim, trazendo consigo dor. Eu encontrava-me deitado de lado, rodeado por paredes, pois o vento batia no exterior como o oceano. Cheirou-me a chá e a incenso, a tinta e a aparas de madeira e ao tapete de lã sobre o qual jazia. Ar-

dia-me a cara. Não conseguia parar com o tremor que me percorria, apesar de cada uma das suas ondas voltar a despertar a dor aguda nas minhas costas. Sentia as mãos e os pés a latejar.

“Os nós dos cordões do teu manto estão congelados. Vou cortá-los. Fica agora quieto.” A voz era curiosamente gentil, como se não estivesse habituada a esse tom.

Conseguí abrir um olho. Estava deitado no chão. Tinha a cara virada para uma lareira de pedra onde ardia um fogo. Alguém se debruçava sobre mim. Vi o brilho de uma lâmina a aproximar-se da minha garganta, mas não conseguí mover-me. Senti-a a movimentar-se para trás e para a frente, e honestamente não soube dizer se me mordera a carne. Então, senti o manto a ser levantado para trás. “Está unido à tua camisa com gelo,” murmurou alguém. Quase pensei reconhecer a voz. Uma arfada. “É sangue. Tudo isto é sangue congelado.” O manto produziu um estranho som de rasgar quando se soltou. Depois, alguém se sentou no chão a meu lado.

Virei lentamente os olhos para cima, mas não conseguí erguer a cabeça para ver uma cara. Em vez disso, vi um corpo esguio, vestido com uma suave veste de lã branca. Mãos da cor de marfim antigo puxaram os punhos das mangas para cima. Os dedos eram longos e magros, os pulsos ossudos. De seguida, ele levantou-se abruptamente para ir buscar qualquer coisa. Durante algum tempo fiquei só. Fechei os olhos. Quando os abri, tinha uma ampla vasilha de cerâmica branca ao lado da cabeça. Erguia-se dela vapor e cheirou-me a salgueiro e a sorveira-brava. “Quietos,” disse a voz, e por um momento uma daquelas mãos repousou reconfortantemente no meu ombro. Então senti um calor que se espalhava nas minhas costas.

“Estou outra vez a sangrar,” sussurrei de mim para mim.

“Não. Sou eu que estou a ensopar a camisa para a soltar.” De novo, a voz era quase familiar. Fechei os olhos. Uma porta abriu-se e fechou-se e uma rajada de ar frio passou a flutuar por mim. O homem a meu lado fez uma pausa. Senti-o a erguer os olhos num relance. “Podias ter batido à porta,” disse com uma severidade fingida. Voltei a sentir a água quente a escorrer pelas minhas costas. “Até alguém como eu tem ocasionalmente outros convidados.”

Pés atravessaram a sala à pressa até junto de mim. Alguém se baixou num movimento fluido até ao chão, a meu lado. Vi as saias a dobrar-se quando ela se sentou. Uma mão afastou-me o cabelo da cara. “Quem é ele, sagrado?”

“Sagitado?” Havia um humor amargo na voz dele. “Se queres falar de setas e furos, devias falar dele, não de mim. Vê, olha para aquelas costas.” Então falou mais baixo. “Quanto a quem ele é, não faço ideia.”

Ouvi-a suster a respiração. “Tudo aquilo é sangue? Como é que ele ainda está vivo? Vamos aquecê-lo e limpar o sangue.” Então puxou-me pelas luvas e libertou-mas das mãos. “Oh, pobres mãos, com os dedos todos pretos nas pontas!”, exclamou, horrorizada.

Isso era algo que eu não queria ver nem saber. Abri mão de tudo.

Durante algum tempo, pareceu-me que era de novo um lobo. Percorria uma aldeia que não me era familiar, alerta por causa de cães ou de alguém que andasse por perto, mas tudo era silêncio branco e neve a cair na noite. Descobri a cabana que procurava e caminhei à sua volta, mas não me atrevi a entrar. Passado algum tempo, pareceu-me que fizera tudo o que pudera a respeito de qualquer coisa. De modo que fui caçar. Matei, comi, dormi.

Quando voltei a abrir os olhos, a sala estava lavada com a luz pálida do dia. As paredes curvavam-se. A princípio pensei que os olhos não se queriam focar, e depois reconheci a forma de uma habitação da Montanha. Lentamente, fui-me apercebendo de detalhes. Espessos tapetes de lã no chão, mobília simples de madeira, uma janela feita de pele oleada. Numa prateleira, duas bonecas juntavam as cabeças ao lado de um cavalo de madeira e de uma minúscula carroça. A marioneta de um caçador estava pendurada a um canto. Numa mesa, havia bocados de madeira pintada em cores brilhantes. Cheirou-me às aparas recentes e à tinta fresca. Marionetas, pensei. Alguém estava a fazer marionetas. Estava deitado de barriga para baixo numa cama, com uma manta por cima. Sentia-me quente. A pele do meu rosto e das mãos e pés ardia desagradavelmente, mas isso podia ser ignorado, pois a grande dor que me furava as costas tinha precedência. Não sentia a boca tão seca como sentira. Teria bebido alguma coisa? Parecia-me recordar chá quente a ser derramado para dentro da minha boca, mas não era uma recordação sólida. Pés enfiados em chinelos de feltro aproximaram-se da minha cama. Alguém se debruçou e levantou a manta de cima de mim. Ar frio fluiu pela minha pele. Mãos hábeis moveram-se por mim, testando a área em torno do ferimento. “Tão magro. Se ele tivesse mais carne, diria que tinha mais hipóteses,” disse uma voz de velha com tristeza.

“Vai ficar com os dedos dos pés e das mãos?” Uma voz de mulher, próxima. Uma mulher jovem. Não conseguia vê-la, mas ela estava perto. A outra mulher debruçou-se sobre mim. Manuseou-me as mãos, dobrando os dedos e beliscando-lhes as pontas. Estremeci, e tentei debilmente afastá-los dela. “Se sobreviver, ficará com os dedos,” disse, de uma forma que não era dura, mas factual. “Ficarão doridos, pois ele tem de se ver livre de toda a pele e carne que estava congelada. Em si mesmos, não estão muito mal. O que pode matá-lo é a infecção nas costas. Está qualquer coisa dentro daquela ferida. Uma ponta de seta e parte da haste, segundo parece.”

“Não podeis tirá-la?” O Mãos-de-Marfim falou de algum ponto da sala.

“Facilmente,” respondeu a mulher. Apercebi-me de que ela estava a falar a língua de Cervo com um sotaque da Montanha. “Mas ele irá de certeza sangrar e não lhe resta muito sangue de que se possa separar. E a podridão que tem na ferida pode espalhar-se por sangue a fluir de fresco para lhe ir envenenar o corpo todo.” Suspirou. “Gostava que Jonqui ainda estivesse viva. Ela era muito conhecedora deste tipo de coisa. Foi ela quem arrancou do Príncipe Rurisk a seta que lhe tinha perfurado o peito. O ferimento borbulhou com o próprio sopro da vida do príncipe, e mesmo assim ela não deixou que ele morresse. Não sou tão boa curandeira como ela era, mas tentarei. Mandarei a minha aprendiz com um unguento para as mãos, pés e cara. Esfregai-lhe bem a pele com ele todos os dias, e não tenhais receio por causa da queda de pele. Quanto às costas, temos de manter aí um cataplasma de extração, para sugar os venenos o melhor que pudermos. Tendes de lhe dar tanto de comer e beber quanto ele consiga ingerir. Deixai-o repousar. E daqui a uma semana, puxaremos aquela seta para fora, esperando que ele tenha reunido as forças para sobreviver. Jofron. Conheces alguma boa cataplasma de extração?”

“Um ou dois. Farelo e erva-coalheira fazem um bom,” sugeriu ela.

“Servirá bem. Gostava de poder ficar a cuidar dele, mas tenho muitos outros a tratar. Cume de Cedros foi atacada ontem à noite. Chegou uma ave com notícias a dizer que muitos foram feridos antes dos soldados serem repelidos. Não posso cuidar de um e abandonar muitos. Tenho de o deixar nas vossas mãos.”

“E na minha cama,” disse o Mãos-de-Marfim em tom de lamento. Ouvi a porta a fechar-se atrás da curandeira.



Inspirei mais profundamente, mas não encontrei forças para falar.

Atrás de mim, ouvi o homem a andar pela cabana, os pequenos ruídos da água a ser despejada e da louça a ser deslocada. Aproximaram-se passos. “Parece-me que ele está acordado,” disse Jofron em voz baixa.

Fiz um pequeno aceno contra a almofada.

“Então tenta enfiar-lhe isto no estômago,” sugeriu o Mãos-de-Marfim. “Depois deixa-o descansar. Eu volto com farelo e erva-coalheira para o teu cataplasma. E roupa de cama para mim, visto que suponho que ele terá de ficar aqui.” Uma bandeja foi passada por cima do meu corpo e surgiu no meu campo de visão. Havia nela uma tigela e uma taça. Uma mulher sentou-se a meu lado. Não consegui virar a cabeça para lhe ver a cara, mas os tecidos da sua saia eram de produção montanhesa. A sua mão tirou um pouco do conteúdo da tigela, e trouxe-mo à boca. Sorvi o líquido com cautela. Um tipo qualquer de caldo. Vindos da tigela, os cheiros de camomila e valeriana pairaram no ar. Ouvi uma porta a abrir-se, e depois a fechar-se. Senti uma aragem de ar frio que atravessou o quarto. Outra colherada de caldo. Uma terceira.

“Onde?”, consegui dizer.

“O quê?”, perguntou ela, inclinando-se mais. Virou a cabeça e olhou para baixo, para a minha cara. Olhos azuis. Demasiado próximos dos meus. “Disseste alguma coisa?”

Recusei a colher. De súbito comer era demasiado esforço, mesmo apesar de aquilo que comera me ter dado ânimo. A sala pareceu mais escura. Da vez seguinte que acordei, a noite estava cerrada à minha volta. Tudo era silêncio, à parte o velado crepitar de um fogo na lareira. A luz que ele deitava era caprichosa, mas suficiente para me mostrar o quarto. Senti-me febril, muito fraco e terrivelmente sedento. Havia um copo de água numa mesa baixa próxima da minha cama. Tentei alcançá-lo, mas a dor nas costas parou-me o movimento do braço. Sentia as costas retesadas com a ferida inchada. Qualquer movimento despertava a dor. “Água,” proferi, mas a secura na minha boca transformou o pedido num sussurro. Ninguém se aproximou.

Perto da lareira, o meu anfitrião fizera uma enxerga para si. Dormia como um gato, relaxado, mas com a aura de constante prudência que eles apresentam. A cabeça apoiava-se no braço estendido

e o fogo dava-lhe lustro à silhueta. Olhei-o, e o coração deu-me uma volta no peito.

Tinha o cabelo alisado para trás e lambido contra o crânio, confinado a uma trança única, descobrindo-lhe os limpos traços do rosto. Sem expressão e imóvel, parecia uma máscara burilada. O último vestígio de juventude fora destruído a fogo, deixando apenas os planos limpos das faces magras, testa alta e longo nariz direito. Tinha os lábios mais estreitos, e o queixo mais firme do que eu recordava. A dança da luz da lareira emprestava-lhe cor ao rosto, manchando-lhe a pele branca com o seu âmbar. O Bobo crescera durante o tempo que passáramos separados. Parecia demasiada mudança para doze meses, e no entanto aquele ano fora mais longo do que qualquer outro da minha vida. Durante algum tempo, limitei-me a ficar a olhar para ele.

Os seus olhos abriram-se lentamente, como se eu tivesse falado com ele. Durante algum tempo fitou-me de volta sem uma palavra. Então, um franzido cruzou-lhe a testa. Sentou-se lentamente, e eu vi que ele era realmente de marfim, com o cabelo da cor de farinha acabada de moer. Foram os olhos que me fizeram parar o coração e a língua. Capturaram a luz da lareira, amarelos como os de um gato. Por fim, descobri o fôlego. “Bobo,” suspirei com tristeza. “O que te fizeram?” A minha boca ressequida quase não conseguiu dar forma às palavras. Estendi a mão para ele, mas o movimento repuxou os músculos das costas e senti que o ferimento voltava a abrir-se. O mundo inclinou-se e deslizou para longe.

Segurança. Essa foi a minha primeira sensação clara. Veio da suave tepidez da roupa de cama lavada, da fragrância herbácea da almofada por baixo da minha cabeça. Algo de morno e ligeiramente húmido pressionava gentilmente o meu ferimento e abafava a sua pontada. A segurança agarrava-me tão suavemente como as mãos frias que envolviam as minhas mãos queimadas pelo frio. Abri os olhos e a sala iluminada pela lareira focou-se de uma forma subaquática.

Ele estava sentado junto da minha cama. Havia nele uma imobilidade que não era repouso enquanto fitava a sala escurecida para lá de mim. Usava uma simples veste de lã branca com um colarinho redondo. A roupa simples era um choque depois dos anos em que o vira vestido de retalhos. Era como ver uma marioneta garrida despida da sua tinta. Então, uma única lágrima prateada escorreu por uma das bochechas ao lado do nariz estreito. Fiquei espantado.

“Bobo?” Desta vez a minha voz soou como um coaxo.

Os seus olhos saltaram instantaneamente para os meus e ele caiu de joelhos a meu lado. A respiração ia e vinha, irregular na sua garganta. Pegou no copo de água e levou-mo à boca enquanto eu bebia. De seguida, pô-lo de lado, para me pegar na mão pendente. Falou suavemente enquanto o fazia, mais consigo do que comigo. “O que me fizeram eles, Fitz? Deuses, o que te fizeram a ti, para te deixarem tão marcado? O que me aconteceu, para nem sequer te reconhecer apesar de te ter transportado nos braços?” Os seus dedos frios desceram hesitantemente ao longo do meu rosto, percorrendo a cicatriz e o nariz quebrado. Debruçou-se de repente para encostar a testa à minha. “Quando me lembro de como eras belo,” suspirou, entre soluços, e de seguida caiu no silêncio. Senti-me escaldado pela sua lágrima tépida quando me caiu na cara.

Endireitou-se de súbito, limpando a garganta. Limpou os olhos com a manga, um gesto de criança que me comoveu ainda mais. Respirei mais fundo e controlei-me. “Mudaste,” consegui dizer.

“Mudei? Imagino que sim. Como poderia não ter mudado? Julguei-te morto e que toda a minha vida tinha sido em vão. E depois, agora, neste momento, receber-te de volta a ti e ao propósito da minha vida... Abri os olhos para ti e pensei que o coração me pararia, que a loucura tinha finalmente tomado conta de mim. Então disseste o meu nome. Mudado, dizes? Mais do que és capaz de imaginar, tanto como é óbvio que tu próprio mudaste. Esta noite, quase nem me conheço.” Aquilo foi o mais próximo que estivera de ouvir o Bobo a falar. Ele respirou fundo, e a sua voz quebrou-se nas palavras seguintes. “Há um ano que te julgo morto, Fitz. Um ano inteiro.”

Não me largara a mão. Senti o tremor que o percorreu. Pôs-se subitamente em pé, dizendo: “Ambos precisamos duma bebida.” Afastou-se de mim, atravessando a sala escurecida. Crescera, mas em forma e não em tamanho. Duvidava de que fosse muito mais alto, mas o seu corpo já não era o de uma criança. Era tão magro e leve como sempre fora, musculado à maneira dos acrobatas. Trouxe uma garrafa tirada de um armário, dois copos simples. Tirou a rolha da garrafa e cheirou-me ao calor do brande antes de ele o servir. Voltou para se sentar na minha cama e oferecer-me um copo. Consegui envolvê-lo com a mão, apesar das pontas enegrecidas dos meus dedos. Ele pareceu ter recuperado parte do seu autodomínio. Olhou-me por cima da borda do copo enquanto bebia. Levantei a

cabeça e inclinei o meu ligeiramente para a boca. Metade do líquido derramou-se-me na barba, e engasguei-me como se nunca antes tivesse bebido brande. Depois senti-o a correr-me, quente, pela barbiga. O Bobo abanou a cabeça enquanto me limpava suavemente a cara.

“Devia ter dado ouvidos aos meus sonhos. Sonhei uma e outra vez que vinhas a caminho. Era só isso que dizias, no sonho. Vou a caminho. Mas em vez disso, acreditei tão firmemente que de algum modo falhara, que o Catalisador estava morto. Nem sequer consegui ver quem tu eras quando te levantei do chão.”

“Bobo,” disse eu em voz baixa. Queria que ele parasse de falar. Queria simplesmente estar em segurança durante algum tempo, e não pensar em nada. Ele não compreendeu.

Olhou-me e fez o seu velho sorriso manhoso de Bobo. “Ainda não compreendes, pois não? Quando nos chegou a notícia de que estavas morto, de que Majestoso te tinha morto... a minha vida terminou. Foi pior, de algum modo, quando os peregrinos começaram a chegar, para me aclamar como o Profeta Branco. Eu sabia que era o Profeta Branco. Sei-o desde criança, tal como o sabiam aqueles que me criaram. Cresci sabendo que um dia viria para norte ao teu encontro e que, entre ambos, poríamos o tempo no seu rumo próprio. Soube a vida inteira que faria isso. Não era muito mais do que uma criança quando parti. Sozinho, abri caminho até Torre do Cervo, em busca do Catalisador que só eu reconheceria. E encontrei-te, e conheci-te, embora tu não te conhecesses a ti próprio. Observei o lento desenrolar dos acontecimentos e reparei no modo como tu eras sempre a pedrinha que desviava essa grande roda do seu antigo rumo. Tentei falar-te nisso, mas tu não querias saber. Catalisador? Tu não, oh, não!” Riu-se, quase com amizade. Ingeriu o resto do brande de um trago, após o que me levou o copo aos lábios. Beberiquei.

Ele então levantou-se, para passear pela sala, e depois parou para voltar a encher o seu copo. Voltou para junto de mim. “Vi tudo chegar à beira instável da ruína. Mas tu estavas sempre lá, a carta nunca antes usada, o lado do dado que nunca antes tinha calhado virar-se para cima. Quando o meu rei morreu, como eu sabia que tinha de morrer, havia um herdeiro para a linhagem Visionário, e FitzCavalaria, o Catalisador que mudaria todas as coisas de modo a que um herdeiro ascendesse ao trono, ainda estava vivo.” Voltou

a emborcar o brande e, quando falou, o odor da bebida cavalgou o seu hálito. “Fugi. Fugi com Kettricken e a criança por nascer, de luto, mas confiante em que tudo aconteceria como devia. Porque tu eras o Catalisador. Mas quando nos chegou a notícia de que estavas morto...” Parou de repente. Quando voltou a tentar falar, a sua voz tornara-se espessa e perdera a sua música. “Isso fez de mim uma mentira. Como poderia eu ser o Profeta Branco se o Catalisador estava morto? Que poderia eu predizer? As mudanças que podiam ter acontecido, se tu tivesses sobrevivido? O que seria eu além duma testemunha enquanto o mundo se afundava mais e mais profundamente na ruína? Já não tinha um objetivo. A tua vida era mais de metade da minha, percebes? Era no entrelaçar dos nossos atos que eu existia. Pior, acabei por duvidar de alguma parte do mundo ser realmente como eu a julgava. Seria eu realmente um profeta branco, ou seria tudo apenas uma loucura peculiar, um auto-engano para consolar uma aberração? Durante um ano, Fitz. Um ano. Chorei o amigo que perdera, e chorei pelo mundo que, sem saber como, condenara. Falhanço meu, tudo falhanço meu. E quando o filho de Kettricken, a minha última esperança, chegou ao mundo imóvel e azul, o que poderia ser isso senão de algum modo obra minha?”

“Não!” A palavra saltou de mim com uma força que eu não soubera ter. O Bobo vacilou como se eu lhe tivesse batido. Depois, “Sim,” disse com simplicidade, voltando a pegar-me cautelosamente na mão. “Lamento. Devia ter compreendido que tu não sabias. A rainha ficou devastada pela perda. E eu também. O herdeiro Visionário. A minha última esperança desfeita. Tinha-me mantido em pé, dizendo a mim próprio: bem, se a criança sobreviver e ascender ao trono, isso talvez seja o suficiente. Mas quando ela caiu de cama sem nada além de um bebé morto em paga pelas suas dores de parto... senti que toda a minha vida tinha sido uma farsa, uma impostura, uma maligna partida que me fora pregada pelo tempo. Mas agora...” Fechou os olhos por um momento. “Agora descubro-te realmente vivo. De modo que vivo. E de novo, de súbito, acredito. Mais uma vez sei quem sou. E quem é o meu Catalisador.” Soltou uma gargalhada, sem sonhar com o modo como as suas palavras me congelavam o sangue. “Não tive fé. Eu, o Profeta Branco, não acreditei nas minhas próprias profecias! E no entanto aqui estamos, Fitz, e tudo ainda irá acontecer como estava destinado.”

De novo inclinou a garrafa para encher o seu copo. A bebida,

quando a serviu, era da cor dos seus olhos. Viu-me a fitá-lo, e sorriu com satisfação. “Ah, dizes tu, mas o Profeta Branco já não é branco? Suspeito que é assim que as coisas se passam com a minha espécie. Posso ganhar agora mais cor, à medida que os anos passam.” Fez um movimento de indiferença. “Mas isso pouca importância tem. Já falei demasiado. Conta-me, Fitz. Conta-me tudo. Como sobreviveste? Porque estás aqui?”

“Veracidade chama-me. Tenho de ir ter com ele.”

O Bobo inspirou perante as minhas palavras, não um arquejo, mas uma lenta inalação, como se absorvesse a vida de volta ao seu corpo. Quase brilhou de prazer com as minhas palavras. “Então ele está vivo! Ah!” Antes de eu conseguir falar mais, ele ergueu as mãos. “Devagar. Conta-me tudo, por ordem. Estas são palavras que eu tenho tido fome de ouvir. Tenho de saber de tudo.”

Tentei fazê-lo. As minhas forças eram poucas, e por vezes sentia-me a ser levado pela febre, de modo que as palavras vagueavam e eu não conseguia lembrar-me de onde abandonara a história do ano anterior. Cheguei à parte sobre a masmorra de Majestoso, e depois consegui apenas dizer: “Ele mandou espancar-me e deixar-me à fome.” O rápido relance que o Bobo deitou à minha cara marcada e o modo como afastou os olhos disseram-me que compreendera. Também ele conhecera Majestoso bem demais. Quando esperou para ouvir mais, abanei lentamente a cabeça.

Ele fez um aceno, e de seguida colocou um sorriso no rosto. “Está bem, Fitz. Estás cansado. Já me disseste o que eu mais ansiava por ouvir. O resto pode esperar. Para já, contar-te-ei o meu ano.” Tentei escutar, agarrando-me às palavras importantes, armazenando-as no coração. Havia tantas coisas que eu queria saber há tanto tempo. Majestoso suspeitara da fuga. Kettricken regressara aos seus aposentos e descobrira que as suas provisões cuidadosamente escolhidas e embaladas tinham desaparecido, surripiadas pelos espíões de Majestoso. Partira com pouco mais do que a roupa que envergava e um manto apanhado à pressa. Ouvi falar do mau tempo que o Bobo e Kettricken tinham enfrentado na noite em que se escapuliram de Torre do Cervo.

Ela montara a minha Fuligem, e o Bobo batalhara com o teimoso Ruivo ao longo de todos os Seis Ducados, no inverno. Tinham chegado a Lago Azul no fim das tempestades de inverno. O Bobo sustentara-os e ganhara a sua passagem num navio pintando a cara e

o cabelo e fazendo malabarismo pelas ruas. De que cor pintara ele a pele? De branco, claro, para melhor esconder a perfeita pele branca que os espiões de Majestoso procurariam.

Tinham atravessado o lago com poucos incidentes, e de igual forma passaram por Olho de Lua e penetraram nas Montanhas. Kettricken procurara imediatamente a ajuda do pai para descobrir o que acontecera a Veracidade. Ele passara realmente por Jhaampe, mas nada se soubera dele desde então. Kettricken pusera batedores no seu rasto e até se juntara pessoalmente às buscas. Mas todas as suas esperanças tinham terminado em desgosto. A grande altitude, nas montanhas, descobrira o local de uma batalha. O vento e os necrófagos haviam feito o seu trabalho. Nenhum homem podia ser identificado, mas o estandarte do cervo de Veracidade encontrava-se lá. As setas espalhadas e as costelas cortadas de um dos corpos mostravam que tinham sido homens, e não feras ou os elementos, a atacá-los. Não havia crânios suficientes para o número de corpos, e os ossos espalhados tornavam o número de mortos incerto. Kettricken agarrara-se à esperança até que fora encontrado um manto que ela se lembrava de ter embalado para Veracidade. Tinham sido as suas mãos a bordar o cervo no emblema de peito. Por baixo encontrava-se uma pilha de ossos esboroados em cima de vestuário esfarrapado. Kettricken chorara a morte do marido.

Regressara a Jhaampe para pendular entre um desgosto devastado e uma raiva fervente contra as tramas de Majestoso. A sua fúria solidificara numa determinação em ver o filho de Veracidade no trono dos Seis Ducados e um reinado justo devolvido ao povo. Esses planos haviam-na sustentado até que o filho nascera morto. O Bobo quase não a vira desde então, exceto para obter relances dos passeios que dava pelos seus jardins gelados, com o rosto tão imóvel como a neve que cobria os canteiros.

Houve mais grandes e pequenas notícias para mim, baralhadas no meio do relato do Bobo. Fuligem e Ruivo estavam ambos vivos e saudáveis. Fuligem estava com cria do jovem garanhão, apesar da idade. Isso fez-me abanar a cabeça. Majestoso andara a fazer os possíveis por provocar uma guerra. Pensava-se que os bandos errantes de bandidos que agora atormentavam o povo das Montanhas estavam a seu soldo. Carregamentos de cereais que tinham sido pagos na primavera nunca foram entregues, e os comerciantes da Montanha não obtiveram autorização para atravessar a fronteira com

os seus artigos. Várias pequenas aldeias próximas da fronteira dos Seis Ducados tinham sido encontradas saqueadas e queimadas, sem sobreviventes. A fúria do Rei Eyod, lenta a despertar, estava agora numa brasa branca. Embora o povo das Montanhas não tivesse um exército regular propriamente dito, não havia um habitante que não pegasse em armas a uma palavra do seu Sacrifício. A guerra estava iminente.

E ele ouvira histórias sobre Paciência, a Senhora de Torre do Cervo, trazidas de forma errática pelo boca a boca transmitido entre mercadores e por estes a contrabandistas. Ela fazia todos os possíveis por defender a costa de Cervo. O dinheiro reduzia-se, mas o povo da terra dava-lhe aquilo a que chamava a Cobrança da Senhora, e ela dispunha dela o melhor que podia, entre os seus soldados e marinheiros. Torre do Cervo ainda não caía, embora os Salteadores tivessem agora acampamentos ao longo de toda a costa dos Seis Ducados. O inverno acalmara a guerra, mas a primavera iria banhar a costa em sangue uma vez mais. Algumas das fortalezas menores falavam de tratados com os Navios Vermelhos. Alguns pagavam abertamente tributo, na esperança de evitar forjamentos.

Os Ducados Costeiros não sobreviveriam outro verão. Era o que Breu dizia. A minha língua manteve-se silenciosa enquanto o Bobo falou dele. Viera a Jhaampe por meios secretos no pino do verão, disfarçado como um velho vendedor ambulante, mas apresentara-se à rainha quando chegara. O Bobo vira-o nessa altura. “A guerra joga bem com ele,” observou o Bobo. “Anda por aí como um homem de vinte anos. Usa uma espada à anca e há fogo nos seus olhos. Ficou feliz por ver a barriga dela inchada com o herdeiro Visionário, e conversaram ousadamente sobre o filho de Veracidade no trono. Mas isso foi no pino do verão.” Suspirou. “Agora ouvi dizer que regressou. Creio que foi porque a rainha lhe enviou notícias sobre o seu nado-morto. Ainda não o consegui ver. Que esperança nos pode oferecer agora, não sei.” Abanou a cabeça. “Tem de haver um herdeiro para o trono Visionário,” insistiu. “Veracidade tem de arranjar um herdeiro. De outra forma...” Fez um gesto de impotência.

“Porque não Majestoso? Um filho do seu ventre não seria suficiente?”

“Não.” Os olhos do bobo perderam-se na lonjura. “Não. Posso dizer-te isso com bastante clareza, mas não te posso dizer porquê. Só que em todos os futuros que vi, ele não produz filhos. Nem sequer



um bastardo. Em todos os tempos, reina como o último Visionário, e anuncia as trevas.”

Um arrepio caminhou sobre mim. Ele ficava demasiado estranho quando falava de tais coisas. E as suas estranhas palavras tinham-me trazido à mente outra preocupação. “Havia duas mulheres. Uma menestrel, Esporana, e uma velha peregrina, Panela. Vinham a caminho daqui. Panela disse que procurava o Profeta Branco. Não me passou pela cabeça que pudesses ser tu. Ouviste alguma coisa sobre elas? Terão chegado à cidade de Jhaampe?”

Ele abanou lentamente a cabeça. “Ninguém veio em busca do Profeta Branco desde que o inverno se fechou sobre nós.” Interrompeu-se, lendo a preocupação no meu rosto. “Claro, não fico a saber de toda a gente que vem até aqui. Elas podem estar em Jhaampe. Mas nada ouvi dizer sobre duas mulheres como essas.” Acrescentou com relutância: “Os bandidos caem agora sobre quem viaja pelas estradas. Talvez tenham sido... atrasadas.”

Talvez estivessem mortas. Tinham voltado por mim, e eu mandara-as continuar sozinhas.

“Fitz?”

“Eu estou bem. Bobo, um favor?”

“Já não estou a gostar desse tom. O que é?”

“Não digas a ninguém que estou aqui. Não digas a ninguém que estou vivo, por enquanto.”

Ele suspirou. “Nem sequer a Kettricken? Para lhe dizer que Veracidade ainda vive?”

“Bobo, aquilo que eu vim fazer, tenciono fazer sozinho. Não quero criar nela falsas esperanças. Já suportou por uma vez a notícia da morte dele. Se conseguir trazê-lo de volta para ela, então haverá tempo suficiente para verdadeiro regozijo. Sei que estou a pedir muito. Mas deixa-me ser um estranho que estás a ajudar. Mais tarde, posso precisar da tua ajuda para a obtenção de um velho mapa nas bibliotecas de Jhaampe. Mas quando partir daqui, quero ir sozinho. Acho que esta demanda será levada a cabo discretamente.” Afastei os olhos dele, e acrescentei: “Deixa que FitzCavalaria permaneça morto. Na maior parte das coisas, é melhor assim.”

“Certamente que queres pelo menos ver Breu?” Ele estava incrédulo.

“Nem mesmo Breu deve saber que eu estou vivo.” Fiz uma pausa, perguntando a mim mesmo o que enfureceria mais o velho: que

eu tivesse tentado matar Majestoso quando ele sempre o proibira, ou que tivesse transformado o empreendimento numa trapalhada tão grande. “Esta demanda deve ser só minha.” Observei-o e vi uma aceitação renitente no seu rosto.

Voltou a suspirar. “Não irei dizer que concordo completamente contigo. Mas não direi a ninguém quem tu és.” Soltou uma pequena gargalhada. A conversa esmoreceu entre nós. A garrafa de brande estava vazia. Ficámos reduzidos ao silêncio, fitando-nos ebriamente um ao outro. A febre e o brande ardiam em mim. Tinha demasiadas coisas em que pensar e era pouquíssimo o que podia fazer quanto a todas elas. Se permanecesse muito imóvel, a dor nas minhas costas reduzia-se a um latejar rubro. Mantinha o mesmo ritmo do bater do meu coração.

“É pena não teres conseguido matar Majestoso,” observou de súbito o Bobo.

“Eu sei. Tentei. Como conspirador e assassino, sou um falhado.”

Ele encolheu os ombros. “Nunca foste realmente bom nisso, sabes? Havia em ti uma ingenuidade que não se deixava manchar por fealdade alguma, como se nunca tivesses realmente acreditado no mal. Era isso o que mais me agradava em ti.” O Bobo oscilava ligeiramente na cadeira, mas endireitou-se. “Foi disso que mais saudades tive, quando morreste.”

Sorri tolamente. “Há bocado, julguei que tivesse sido a minha grande beleza.”

Durante algum tempo, o Bobo limitou-se a olhar-me. Depois afastou o olhar e falou em voz baixa. “Injusto. Se estivesse em mim, nunca teria proferido essas palavras em voz alta. Em todo o caso. Ah, Fitz.” Olhou-me e abanou a cabeça com amizade. Falou sem troça, transformando-se quase num estranho. “Metade da beleza talvez viesse de estares tão inconsciente dela. Ao contrário de Majestoso. Ora aí temos um homem bonito, mas ele sabe bem demais que o é. Tu nunca o vês com o cabelo emaranhado ou o vermelho do vento nas bochechas.”

Durante um momento, senti-me estranhamente desconfortável. Depois disse: “Nem com uma seta nas costas, o que é pena,” e ambos nos entregámos ao riso tolo que só bêbados compreendem. Mas o riso despertou a dor nas minhas costas e levou-a a uma intensidade penetrante, e um momento depois eu arquejava, em busca

de fôlego. O Bobo levantou-se, mais firme sobre as pernas do que eu esperaria, para me tirar das costas um saco de qualquer coisa que pingava e substitui-lo por outro quase desconfortavelmente quente, vindo de uma vasilha que se encontrava sobre a lareira. Depois disso feito, voltou a vir acocorar-se a meu lado. Olhou-me diretamente nos olhos, com os seus olhos amarelos tão difíceis de ler como tinham sido os que não possuíam cor. Pousou-me uma longa mão fria na cara, e de seguida afastou-me gentilmente o cabelo dos olhos.

“Amanhã,” disse-me ele com gravidade. “Seremos de novo nós. O Bobo e o Bastardo. Ou o Profeta Branco e o Catalisador, se preferires. Teremos de reatar essas vidas, por pouco que gostemos delas, e cumprir tudo aquilo que o destino decretou para nós. Mas por enquanto, por agora, só entre nós, e por nenhuma outra razão a não ser a de eu ser eu e tu seres tu, digo-te isto. Estou satisfeito, satisfeito por estares vivo. Ver-te a respirar devolve-me o ar aos pulmões. Se tem de haver outra pessoa a quem o meu destino se entrelaça, estou contente por seres tu.”

Então inclinou-se para a frente e por um instante encostou a testa à minha. Depois soltou um pesado suspiro e afastou-se de mim. “Vai dormir, rapaz,” disse, numa imitação razoável da voz de Breu. “O amanhã chega cedo. E temos trabalho a fazer.” Soltou uma gargalhada irregular. “Temos o mundo a salvar, tu e eu.”

## Confrontos

*A diplomacia pode muito bem ser a arte de manipular segredos. Ao que chegaria qualquer negociação se não existissem segredos para partilhar ou conservar? E isto é tão verdadeiro para um pacto de núpcias, como para um acordo comercial entre reinos. Cada lado sabe verdadeiramente quanto está disposto a entregar ao outro para obter o que deseja; é da manipulação desse conhecimento secreto que se alimenta a negociação mais dura. Não existe nenhum ato que tenha lugar entre seres humanos em que os segredos não desempenhem o seu papel, quer seja um jogo de cartas ou a venda de uma vaca. A vantagem pertence sempre àquele que for mais sagaz na decisão de qual segredo revelar, e quando. O Rei Sagaz gostava de dizer que não havia maior vantagem do que conhecer o segredo do inimigo quando ele nos julgava ignorantes desse segredo. Entre todos, esse talvez seja o segredo cuja posse mais poder confira.*

\*\*\*

Os dias que se seguiram para mim não foram dias, mas períodos desmembrados de vigília entremeados por bruxuleantes sonhos febris. Ou a minha breve conversa com o Bobo queimara as minhas últimas reservas, ou me senti por fim suficientemente a salvo para me entregar ao fermento. Talvez as duas coisas. Jazia numa cama

perto da lareira do Bobo e sentia-me desgraçadamente entorpecido, quando sentia alguma coisa. O ruído de conversas matraqueava contra mim. Deslizava para dentro e para fora da consciência da minha desgraça mas, nunca longe, como um tambor a marcar o ritmo da minha dor, estava o *Vem até mim, vem até mim* de Veracidade. Outras vozes iam e vinham através da bruma da minha febre, mas a dele era uma constante.

\*\*\*

“Ela acredita que vós sois quem procura. Eu também acredito nisso. Acho que devíeis recebê-la. Percorreu um caminho longo e cansativo, em busca do Profeta Branco.” A voz de Joffron era baixa e razoável.

Ouvi o Bobo pousar a raspadeira com um estalido. “Então diz-lhe que está enganada. Diz-lhe que eu sou o Fabricante de Brinquedos Branco. Diz-lhe que o Profeta Branco vive rua abaixo, a cinco portas do lado esquerdo.”

“Não troçarei dela,” disse Joffron com ar sério. “Ela viajou uma vasta distância à vossa procura e durante a viagem perdeu tudo exceto a vida. Vá lá, sagrado. Ela espera lá fora. Não quereis falar com ela, só por um bocado?”

“Sagrado,” o Bobo fungou de desdém. “Tens andado a ler demasiados velhos pergaminhos. E ela também. Não, Joffron.” De seguida suspirou, e cedeu. “Diz-lhe que falo com ela daqui a dois dias. Mas hoje não.”

“Muito bem.” Era claro que Joffron não aprovava. “Mas há outra pessoa com ela. Uma menestrel. Não me parece que ela se deixe empatar tão facilmente. Acho que o procura.”

“Ah, mas ninguém sabe que ele está aqui. Exceto tu, eu e a curandeira. Ele quer ser deixado em paz durante algum tempo, enquanto sara.”

Movi a boca. Tentei dizer que receberia Esporana, que não queria mandar Esporana embora.

“Eu sei disso. E a curandeira continua em Cume de Cedros. Mas esta menestrel é esperta. Perguntou às crianças se havia notícias de um estranho. E as crianças, como normalmente, sabem de tudo.”

“E contam tudo,” respondeu o Bobo num tom sombrio. Ouvi-o a arremessar outra ferramenta, aborrecido. “Nesse caso estou a ver que só tenho uma hipótese.”

“Ireis recebê-las?”

Uma gargalhada estrangulada vinda do Bobo. “Claro que não. Quero dizer que lhes mentirei.”

\*\*\*

O sol da tarde a cair em diagonal sobre os meus olhos fechados. Acordei ao som de vozes, que discutiam.

“Só quero vê-lo.” Uma voz de mulher, aborrecida. “Eu sei que está aqui.”

“Ah, suponho que admitirei que tens razão. Mas está a dormir.” O Bobo, com a sua calma de enlouquecer.

“Continuo a querer vê-lo.” Esporana, sem rodeios.

O Bobo soltou um grande suspiro. “Podia deixar-te entrar para o veres. Mas depois irias querer tocá-lo. E depois de o tocares, irias querer esperar até que acordasse. E depois dele acordar, quererias conversar com ele. Não haveria fim. E eu tenho muito que fazer hoje. O tempo dum fabricante de brinquedos não lhe pertence.”

“Tu não és um fabricante de brinquedos. Eu sei quem és. E sei quem ele é realmente.” O frio estava a entrar pela porta aberta. Enfiei-me debaixo das mantas, apertei a carne e puxei pela minha dor. Desejei que a fechassem.

“Ah, sim, tu e Panela conheceis o nosso grande segredo. Eu sou o Profeta Branco, e ele é Tomé, o pastor. Mas hoje estou ocupado, a profetizar marionetas acabadas amanhã, e ele está a dormir. A contar ovelhas, em sonhos.”

“Não é a isso que me refiro.” Esporana baixou a voz, mas ela veio na mesma até mim. “Ele é FitzCavalaria, filho de Cavalaria, o Abdicante. E tu és o Bobo.”

“Em tempos talvez tenha sido o Bobo. Isso é do conhecimento geral aqui em Jhaampe. Mas agora sou o Fabricante de Brinquedos. Já não uso o outro título, podes ficar com ele para ti, se quiseres. E quanto ao Tomé, acho que ele nos dias que correm usa o título de Colchão de Cama.”

“Vou falar com a rainha a este respeito.”

“Uma decisão sensata. Se quiseres passar a ser a Boba dela, é certamente com ela que tens de falar. Mas por agora, deixa-me mostrar-te outra coisa. Não, recua, por favor, para que a vejas toda.

Aqui vem.” Ouvi o bater da porta e o ruído do trinco. “O lado de fora da minha porta,” anunciou o Bobo com ar satisfeito. “Fui eu próprio que o pinte. Gostas?”

Ouvi um baque, como que provocado por um pontapé abafado, seguido por mais alguns. O Bobo voltou para a mesa de trabalho a cantarolar. Pegou na cabeça de madeira de uma boneca e num pincel. Deitou-me um relance. “Volta a dormir. Ela não conseguirá falar com Kettricken nos tempos mais próximos. A rainha recebe poucas pessoas nos tempos que correm. E quando a receber não é provável que acredite nela. E isso é o melhor que podemos fazer por agora. Portanto dorme enquanto podes. E ganha forças, porque temo que vás precisar delas.”

\*\*\*

*A luz do dia em neve branca. De barriga para baixo na neve, entre as árvores, a observar uma clareira. Jovens humanos a brincar, perseguindo-se uns aos outros, saltando e arrastando-se uns aos outros para o chão, onde rebolam e rebolam na neve. Não são assim tão diferentes de lobitos. Invejosos. Nunca tivemos outros lobitos com quem brincar enquanto crescíamos. É como uma comichão, o desejo de correr até lá abaixo e juntarmo-nos à brincadeira. Eles assustar-se-iam, advertimo-nos. Vigiem apenas. Os seus latidos estridentes enchem o ar. Irá a nossa lobita crescer até ser como aqueles?, perguntamos a nós próprios. Cabelo entrançado voa atrás deles enquanto correm pela neve, perseguindo-se uns aos outros.*

“Fitz. Acorda. Tenho de falar contigo.”

Algo no tom do Bobo atravessou tanto a neblina como a dor. Abri os olhos, e de seguida semicerrei-os dolorosamente. A sala estava escurecida, mas ele pusera um castiçal no chão, ao lado da cama. Sentou-se junto das velas, olhando-me o rosto, muito sério. Não consegui ler-lhe as feições; parecia que a esperança lhe dançava nos olhos e nos cantos da boca, mas ele também parecia endurecido, como se me trouxesse más notícias. “Estás à escuta? Consegues ouvir-me?”, pressionou.

Consegui anuir com a cabeça. Depois: “Sim.” Tinha a voz tão rouca que quase nem a reconheci. Em vez de ficar mais forte para a curandeira puxar a seta para fora, sentia-me como se fosse o ferimento a ficar mais forte. A área dolorosa alastrava todos os dias.

Estava sempre a puxar-me pelos limites da mente, fazendo com que fosse difícil pensar.

“Estive a jantar com Breu e Kettricken. Ele tinha notícias para nós.” Inclinou a cabeça para o lado e observou-me cuidadosamente a cara enquanto dizia: “Breu diz que há uma criança Visionário em Cervo. Por enquanto só um bebé, e um bastardo. Mas da mesma linhagem Visionário de Veracidade e Cavalaria. Jura que assim é.”

Fechei os olhos.

“Fitz. Fitz! Acorda e escuta-me. Ele tenta persuadir Kettricken a reclamar a criança. A dizer que é filha legítima, sua e de Veracidade, escondida por um falso nado morto para a proteger de assassinos. Ou a dizer que a criança é bastarda de Veracidade, mas que a Rainha Kettricken decide legitimá-la e reclamá-la como herdeira.”

Não me conseguia mexer. Não conseguia respirar. Sabia que era a minha filha. Mantida em segurança e escondida, protegida por Castro. Para ser sacrificada ao trono. Tirada a Moli, e entregue à rainha. A minha menininha, cujo nome nem sequer conhecia. Levada para ser uma princesa e, a seu tempo, uma rainha. Posta para sempre fora do meu alcance.

“Fitz!” O Bobo pousou-me a mão no ombro e apertou-o suavemente. Sabia que ele ansiava por abanar-me. Abri os olhos.

Ele espreitou-me o rosto. “Não tens nada a dizer-me?”, perguntou com cautela.

“Posso beber um pouco de água?”

Enquanto ele a ia buscar, compus-me. Ele ajudou-me a beber. Quando levou o copo, eu já decidira que pergunta seria mais convincente. “O que disse Kettricken quando soube a notícia de que Veracidade foi pai dum bastardo? Isso dificilmente lhe traria alegria.”

A incerteza que eu tivera esperança de ver espalhou-se pela cara do Bobo. “A criança nasceu no fim das colheitas. Tarde demais para ter sido gerada por Veracidade antes de partir na sua demanda. Kettricken compreendeu-o mais depressa do que eu.” Falou quase com gentileza. “Deves ser tu o pai. Quando Kettricken o perguntou diretamente a Breu, foi o que ele disse.” Inclinou a cabeça para me estudar. “Não sabias?”

Abanei lentamente a cabeça. O que era a honra para alguém como eu? Bastardo e assassino, que direito podia ter à nobreza de alma? Proferi a mentira que desprezaria para sempre. “Não podia ter gerado uma criança nascida nas colheitas. Moli tinha-me ex-



pulsado da cama meses antes de abandonar Cervo.” Tentei manter a voz firme enquanto falava. “Se a mãe é Moli, e ela diz que a criança é minha, mente.” Procurei ser sincero enquanto acrescentava: “Lamento, Bobo. Não gerei nenhum herdeiro Visionário para ti, e não tenciono fazê-lo.” Não foi nenhum esforço fazer com que a voz se estrangulasse e lágrimas me aflorassem aos olhos. “É estranho.” Abanei a cabeça contra a almofada. “Que uma coisa dessas me possa trazer tanta dor. Que ela possa tentar fazer passar o bebê por meu.” Fechei os olhos.

O Bobo falou com gentileza. “Segundo entendi, ela não fez nenhuma afirmação a respeito da criança. Por enquanto, creio que nada sabe do plano de Breu.”

“Suponho que devia falar tanto com Breu como com Kettricken. Para lhes dizer que estou vivo e revelar-lhes a verdade. Mas quando estiver mais forte. Por enquanto, Bobo, quero estar sozinho,” supliquei-lhe. Não queria ver nem comiseração nem confusão na sua cara. Rezei para que acreditasse na minha mentira, ao mesmo tempo que me desprezava pela coisa nojenta que dissera de Moli. De modo que mantive os olhos fechados, e ele pegou nas velas e foi-se embora.

Fiquei durante algum tempo deitado na escuridão, a odiar-me. Era melhor assim, disse a mim próprio. Se alguma vez regressasse para junto dela, podia remediar tudo. E se não regressasse, pelo menos não lhe tirariam a nossa filha. Disse a mim próprio, uma e outra vez, que fizera a coisa mais sensata. Mas não me senti sensato. Senti-me um traidor.

\*\*\*

Sonhei um sonho simultaneamente nítido e embrutecedor. Lascava pedra negra. O sonho era só isso, mas não tinha fim na sua monotonia. Estava a usar o punhal como cinzel e uma pedra como martelo. Tinha os dedos cheios de crostas e inchados das muitas vezes que a mão escorregara e os atingira em vez do cabo do punhal. Mas isso não me impedia de continuar. Lascava pedra negra. E esperava por alguém que vinha ajudar-me.

\*\*\*

Acordei uma noite para descobrir Panela sentada na minha cama. Parecia ainda mais velha do que eu a recordava. Uma luz brumosa de inverno infiltrava-se através de uma janela de pergaminho e ia tocar-lhe o rosto. Estudei-a durante algum tempo antes de ela se aperceber de que eu estava acordado. Quando o fez, dirigiu-me um abanão de cabeça. “Devia ter adivinhado, por toda a tua estranheza. Também tu te dirigias ao Profeta Branco.” Aproximou-se mais e falou num sussurro. “Ele não deixa que Esporana te veja. Diz que estás demasiado fraco para uma visita tão animada. E que não queres que ninguém mais saiba que estás aqui, por enquanto. Mas eu levo-lhe notícias tuas, queres?”

Fechei os olhos.

\*\*\*

Um momento de manhã luminosa e uma batida na porta. Não conseguia dormir, e tampouco conseguia permanecer acordado devido à febre que me varria. Bebera chá de casca de salgueiro até ficar com a barriga a sacolejar. Mesmo assim, a cabeça doía-me furiosamente, e eu estava sempre a tremer ou a suar. A batida regressou, mais alta, e Panela pousou a taça com que estivera a atormentar-me. O Bobo encontrava-se na sua mesa de trabalho. Pôs o entalhador de lado, mas Panela gritou: “Eu vou abrir!” e abriu a porta, no momento em que ele dizia: “Não, eu vou.”

Esporana abriu caminho para o interior, de uma forma tão abrupta que Panela exclamou de surpresa. Esporana passou por ela, entrou na sala, sacudindo neve do gorro e do manto. Atirou ao Bobo um olhar de triunfo. O Bobo limitou-se a fazer-lhe um aceno cordial como se a esperasse. Regressou ao seu trabalho sem uma palavra. As brilhantes centelhas de ira nos olhos dela tornaram-se mais quentes, e eu apercebi-me da sua satisfação com qualquer coisa. Fechou ruidosamente a porta atrás de si e entrou no quarto como a nortada em pessoa. Deixou-se cair para se sentar de pernas cruzadas no chão, ao lado da minha cama. “Então, Fitz. Estou contente por finalmente voltar a ver-te. Panela disse-me que estavas ferido. Teria vindo ver-te antes, mas fui mandada embora. Como estás hoje?”

Tentei focar a mente. Desejei que ela se movesse mais devagar e falasse mais baixo. “Está demasiado frio aqui,” protestei com irritação. “E perdi o meu brinco.” Só descobrira a perda naquela manhã.

Arreliava-me. Não me conseguia lembrar do motivo por que era tão importante, mas a minha mente não largava o assunto. Bastava pensar nisso para piorar a dor de cabeça.

Ela descalçou as luvas. Uma mão ainda estava ligada. Tocou-me a testa com a outra. A sua mão estava abençoadamente fria. “Ele está a arder!”, disse ao Bobo em tom de acusação. “Não tiveste o bom senso de lhe dar chá de casca de salgueiro?”

O Bobo raspou mais uma espiral de madeira. “Há um bule disso aí junto ao teu joelho, se não o derrubaste. Se conseguires levá-lo a beber mais, és um homem melhor do que eu.” Outra espiral de madeira.

“Isso não deverá ser difícil,” disse Esporana numa vozinha feia. De seguida, num tom mais bondoso, dirigido a mim: “O teu brinco não está perdido. Olha, tenho-o mesmo aqui.” Tirou-o da bolsa que trazia ao cinto. Uma pequena parte de mim estava a funcionar suficientemente bem para reparar que ela agora estava vestida com roupas quentes ao estilo da Montanha. Senti-lhe as mãos frias e um pouco ásperas quando me voltou a pôr o brinco na orelha. Descobri uma pergunta.

“Porque é que o tinhas?”

“Pedi a Panela que mo trouxesse,” disse-me sem rodeios. “Quando *ele* não me quis deixar ver-te. Tinha de ter um sinal, alguma coisa que provasse a Kettricken que tudo o que lhe disse era verdade. Fui hoje mesmo ter com ela, e falei com ela e com o seu conselheiro.”

O nome da rainha atravessou os meus pensamentos vagos e deu-me um momento de concentração. “Kettricken! O que fizeste?”, gritei, consternado. “Que lhe disseste?”

Esporana pareceu surpreendida. “Ora, tudo o que tinha de saber para te poder ajudar na tua demanda. Que estás realmente vivo. Que Veracidade não está morto, e que tu vais à procura dele. Que tem de ser enviada a Moli uma mensagem que diga que estás vivo e bem, para que ela não perca o ânimo e mantenha a vossa filha a salvo até ao teu regresso. Que...”

“Eu confiei em ti!”, gritei. “Confiei-te os meus segredos e tu traíste-me. Que grande bobo fui!”, gritei em desespero. Está tudo perdido, tudo perdido.

“Não, o Bobo sou eu.” Ele interveio na nossa conversa. Atravessou lentamente a sala e parou a olhar-me. “E sou-o ainda mais

por acreditar que confiavas em mim, segundo parece,” prosseguiu, e eu nunca o vira tão pálido. “A tua filha,” disse de si para si. “Uma verdadeira criança da linhagem Visionário.” Os seus olhos amarelos tremeluziram como um fogo quase extinto ao saltarem para Esporana e para mim. “Sabes o que tais novidades significam para mim. Porquê? Porque me mentiste?”

Não soube o que era pior, se a dor nos olhos do Bobo, ou o triunfo no relance que Esporana lhe deitou.

“Tive de mentir, para que ela continuasse a ser minha! A filha é minha, não uma herdeira Visionário!”, gritei eu em desespero. “Minha e de Moli. Uma criança para ser educada e amada, não uma ferramenta para um fazedor de reis. E Moli não pode saber que eu estou vivo por ninguém além de mim! Esporana, como pudeste fazer-me isto? Porque fui eu um idiota tão grande, porque falei destas coisas fosse com quem fosse?”

Agora Esporana parecia tão ferida como o Bobo. Endireitou-se rigidamente, e a sua voz soou frágil. “Eu apenas procurei ajudar-te. Ajudar-te a fazer o que tens de fazer.” Por trás de Esporana, uma rajada de vento abriu a porta. “Aquela mulher tem o direito de saber que o marido está vivo.”

“A que mulher vos referis?”, perguntou outra voz gélida. Para minha consternação, Kettricken entrou de rompante na sala com Breu logo atrás. Olhou-me com uma cara terrível. O desgosto devastara-a, esculpira profundas rugas dos lados da boca e comera-lhe a carne das bochechas. Agora, a ira também lhe enfurecia os olhos. A explosão de vento frio que chegou com eles arrefeceu-me por um instante. Então a porta foi fechada e os meus olhos moveram-se de cara familiar em cara familiar. A pequena sala pareceu repleta de caras de olhos fitos, de olhos frios que olhavam para mim. Pestanejei. Eles eram tantos, e estavam tão próximos, e todos me fitavam. Ninguém sorria. Não havia boas-vindas, não havia alegria. Só as violentas emoções que eu despertara com todas as mudanças que operara. Assim era o Catalisador recebido. Ninguém tinha nenhuma expressão que eu esperava ver.

Ninguém a não ser Breu. Ele atravessou a sala até junto de mim a passos largos, descalçando as luvas de montar enquanto se aproximava. Quando atirou para trás o capuz do manto de inverno, vi que o seu cabelo branco estava atado atrás das costas num rabo de cavalo de guerreiro. Usava uma faixa de couro na testa e, centrado

nela, trazia um medalhão de prata. Um cervo com as hastes baixadas para arremeter. O símbolo que Veracidade me dera. Esporana afastou-se apressadamente do seu caminho. Ele não lhe deitou nem um relance enquanto se dobrava com facilidade para se sentar no chão junto da minha cama. Tomou a minha mão nas suas, estreitou os olhos ao ver a queimadura do frio. Segurou-a suavemente. “Oh, meu rapaz, meu rapaz, julgava que estavas morto. Quando Castro me mandou dizer que tinha achado o teu corpo, julguei que o meu coração se quebraria. As palavras que trocámos quando nos separámos... mas aqui estás, vivo, ainda que não bem.”

Dobrou-se e beijou-me. A mão que me pousou na cara estava agora calejada, e as cicatrizes quase não se viam na pele estragada. Ergui os olhos para os seus e vi acolhimento e alegria. Lágrimas toldaram-me a visão quando não pude evitar perguntar: “Tu queres mesmo levar a minha filha para o trono? Outra bastarda para a linhagem Visionário... Desejarias que ela fosse usada como nós fomos?”

Algo se imobilizou no rosto dele. A posição da boca endureceu com determinação. “Eu farei tudo o que tiver de fazer para voltar a ver um verdadeiro Visionário no trono dos Seis Ducados. Tal como jurei fazer. Tal como tu também juraste.” Os seus olhos cruzaram-se com os meus.

Olhei-o desalentado. Ele amava-me. Pior, ele acreditava em mim. Acreditava que eu tinha em mim essa força e devoção ao dever que tinham sido a espinha dorsal da sua vida. Assim, podia impor-me coisas mais duras e mais frias do que o ódio de Majestoso por mim era capaz de imaginar. A sua crença em mim era tal que ele não hesitaria em mergulhar-me em qualquer batalha, que esperaria de mim qualquer sacrifício. Um soluço seco abalou-me de súbito e puxou pela seta nas minhas costas. “Não há fim!”, gritei. “Esse dever irá perseguir-me até à morte. Melhor seria se estivesse morto! Deixai-me estar morto!” Arranquei a mão às de Breu, sem prestar atenção à dor que esse movimento causava. “Deixa-me!”

Breu nem sequer vacilou. “Ele está a arder de febre,” disse acusadoramente ao Bobo. “Não sabe o que está a dizer. Devias ter-lhe dado chá de casca de salgueiro.”

Um terrível sorriso entortou os lábios do Bobo. Antes de ele ter tempo de falar, ouviu-se um forte som de rasgar. Uma cabeça cinzenta foi forçada através da janela de pele oleada, mostrando

um focinho cheio de dentes brancos. O resto do lobo depressa o seguiu, derrubando uma prateleira de potes de ervas para cima de uns pergaminhos arrumados por baixo. Olhos-de-Noite saltou, com as unhas a derrapar no chão de madeira, e parou a escorregar entre mim e um Breu que se pusera em pé à pressa. Rosnou a toda a gente. *Mato-os a todos por ti, se me disseres para o fazer.* Deixei cair a cabeça nas almofadas. O meu lobo limpo e selvagem. Fora isto que eu fizera dele. Seria isso melhor do que o que Breu fizera de mim?

Voltei a olhar em volta. Breu estava em pé, com a face muito quieta. Cada uma das caras continha algum choque, alguma tristeza, algum desapontamento que eram da minha responsabilidade. O desespero e a febre abalaram-me. “Lamento,” disse debilmente. “Nunca fui o que pensastes que eu era,” confessei. “Nunca.”

O silêncio encheu a sala. O fogo crepitou por um momento.

Deixei cair a cara na almofada e fechei os olhos. Proferi as palavras que me sentia compelido a dizer. “Mas irei em busca de Veracidade. Não sei como, trá-lo-ei para junto de vós. Não porque seja o que julgais que sou,” acrescentei, erguendo lentamente a cabeça. Vi a esperança a acender-se na cara de Breu. “Mas porque não tenho alternativa. Nunca tive nenhuma alternativa.”

“Acreditas mesmo que Veracidade está vivo!” A esperança na voz de Kettricken estava imbuída de uma fome violenta. Aproximou-se de mim como uma tempestade oceânica.

Acenei com a cabeça. “Sim,” consegui dizer. “Sim, acredito que ele está vivo. Senti-o fortemente comigo.” A sua cara estava tão próxima, enorme no meu campo de visão. Pisquei os olhos, e depois não consegui focá-los.

“Então porque foi que ele não regressou? Está perdido? Ferido? Não se importa com aqueles que deixou para trás?” As suas perguntas matraquearam contra mim como pedras arremessadas, uma atrás da outra.

“Acho,” comecei, mas depois não consegui. Não consegui pensar, não consegui falar. Fechei os olhos. Escutei um longo silêncio. Olhos-de-Noite ganiu, e depois soltou um profundo rosnido.

“Talvez devêssemos sair todos durante algum tempo,” sugeriu Esporana numa voz insegura. “O Fitz não está em estado de aguentar isto neste momento.”

“Vós podeis sair,” disse-lhe o Bobo com um ar imponente. “Infelizmente, eu ainda moro aqui.”

\*\*\*

*A ir à caça. É altura de ir à caça. Olho para o local por onde entrá-  
mos, mas o Sem Cheiro bloqueou esse caminho, cobrindo-o com outro  
bocado de pele de veado. Porta, parte de nós sabe que é a porta e diri-  
gimo-nos para lá, e pomo-nos a ganir baixinho e a empurrá-la com o  
nariz. Ela chocalha contra a fechadura como uma armadilha prestes a  
fechar-se. O Sem Cheiro aproxima-se, andando em passo ligeiro e cau-  
teloso. Estica o corpo para lá de mim, para colocar uma pata pálida  
na porta e abri-la por mim. Deslizo para fora, de volta a um mundo  
de noite fria. É bom voltar a esticar os músculos, e eu fujo da dor,  
da cabana abafada e do corpo que não funciona para dentro daquele  
santuário selvagem de carne e pelagem. A noite engole-nos e caçamos.*

\*\*\*

Foi noutra noite, noutro tempo, antes, depois, não sei, os meus dias tinham-se desligado uns dos outros. Alguém tirou uma compressa quente da minha testa e substituiu-a por outra mais fria. “Lamento, Bobo,” disse.

“Trinta e dois,” disse uma voz fatigada. De seguida: “Bebe,” acrescentou mais suavemente. Mãos frias levantaram-me a cara. Um copo fez bater líquido contra a minha boca. Tentei beber. Chá de casca de salgueiro. Afastei a cara, repugnado. O Bobo limpou-me a boca e sentou-se no chão junto à minha cama. Encostou-se a ela com camaradagem. Levantou o pergaminho para a luz da lâmpada e continuou a ler. Era noite cerrada. Fechei os olhos e tentei re-encontrar o sono. Logrei encontrar apenas coisas que fizera mal, confianças que traíra.

“Lamento tanto,” disse.

“Trinta e três,” disse o Bobo sem erguer o olhar.

“Trinta e três quê?,” perguntei.

Ele deitou-me um relance surpreendido. “Oh. Estás mesmo acordado e a falar?”

“Claro. Trinta e três quê?”

“Trinta e três ‘lamento’. Dirigidos a várias pessoas, mas em maior quantidade a mim. Dezassete chamamentos por Castro. Temo ter perdido a conta aos chamamentos por Moli. E um total de sessenta e dois ‘Vou a caminho, Veracidade.’”

“Devo estar a dar contigo em doido. Lamento.”

“Trinta e quatro. Não. Só tens estado a delirar, duma forma bastante monótona. É da febre, suponho.”

“Suponho que sim.”

O Bobo pôs-se outra vez a ler. “Estou tão farto de estar deitado de bruços,” aventei.

“Sempre tens as costas,” sugeriu o Bobo para me ver estremecer. De seguida: “Queres que te ajude a virares-te para o lado?”

“Não. Isso só faz doer mais.”

“Se mudares de ideias, avisa.” Os seus olhos regressaram ao pergaminho.

“Breu não voltou a vir ver-me,” observei.

O Bobo suspirou e pôs o pergaminho de lado. “Ninguém voltou. A curandeira apareceu e deu-nos uma descompostura a todos por te incomodarmos. Eles deverão deixar-te em paz até que ela tire a seta. Isso será amanhã. Além disso, Breu e a rainha têm tido muito que discutir. Descobrir que tanto tu como Veracidade continuais vivos mudou tudo para eles.”

“Noutra altura, ele ter-me-ia incluído na discussão.” Fiz uma pausa, sabendo que estava a abandonar-me à auto-piedade, mas sem conseguir impedir-me de o fazer. “Suponho que sentem que já não podem confiar em mim. Não que os censure. Agora toda a gente me odeia. Pelos segredos que guardei. Por todas as maneiras em que lhes falhei.”

“Oh, nem toda a gente te odeia,” ralhou suavemente o Bobo. “Na verdade, só eu é que te odeio.”

Os meus olhos saltaram para a sua cara. O seu sorriso cínico reconfortou-me. “Segredos,” disse ele, e suspirou. “Um dia ainda hei de escrever um longo tratado filosófico sobre o poder dos segredos, quando são guardados ou contados.”

“Tens mais brande?”

“Outra vez com sede? Tenho mais um pouco de chá de casca de salgueiro.” Havia agora na sua voz uma ácida cortesia, coberta com mel. “Há muito, sabes? Baldes dele. Todos para ti.”

“Acho que a febre baixou um bocadinho,” mencionei humildemente.

Ele levou-me uma mão à testa. “Baixou, sim. Por agora. Mas não me parece que a curandeira aprovaria que voltasses a embebedar-te.”



“A curandeira não está aqui,” fiz eu notar.

Ele dirigiu-me uma pálida sobrancelha arqueada. “Castro ficaria tão orgulhoso de ti.” Mas levantou-se suavemente e dirigiu-se ao armário de carvalho. Rodeou cautelosamente Olhos-de-Noite, deitado junto à lareira num sono empapado de calor. Os meus olhos viajaram até à janela remendada, e depois de volta ao Bobo. Supus que eles tivessem chegado a algum tipo de acordo. Olhos-de-Noite estava mergulhado num sono tão profundo que nem sequer sonhava. E além disso tinha a barriga cheia. As suas patas mexeram-se quando sondei na sua direção, de modo que me retirei. O Bobo estava a pôr a garrafa e dois copos numa bandeja. Parecia demasiado contido.

“Eu lamento mesmo, sabes?”

“Foi o que me disseste. Trinta e cinco vezes.”

“Mas é verdade. Devia ter confiado em ti e ter-te falado da minha filha.” Nada, nem uma febre, nem uma seta espetada nas costas seria capaz de evitar que sorrisse quando dissesse aquela frase. A minha filha. Tentei contar simplesmente a verdade. Embaraçou-me o facto de isso parecer uma experiência nova. “Nunca a vi, sabes? Só com o Talento, pelo menos. Não é a mesma coisa. E quero que seja minha. Minha e de Moli. Não uma criança que pertence a um reino, com uma vasta responsabilidade qualquer para a qual crescer. Só uma rapariguinha a colher flores, a fazer velas com a mãe, a fazer...” Hesitei, e concluí: “O que quer que se permita às crianças comuns fazer. Breu poria ponto final nisso. No momento em que alguém aponte para ela e diga: ‘Olhai, ela podia ser a herdeira Visionário,’ está em risco. Teria de ser guardada e ensinada a ter medo, a pesar cada palavra e refletir sobre cada ato. Porque haveria de o fazer? Não é verdadeiramente uma herdeira real. Só a bastarda de um bastardo.” Disse aquelas palavras duras com dificuldade, e jurei que nunca permitiria que alguém lhas dissesse na cara. “Porque haveria de ser posta em tal perigo? Seria diferente se tivesse nascido num palácio e contasse com uma centena de soldados para a guardar. Mas ela só tem Moli e Castro.”

“Castro está com elas? Se Breu escolheu Castro, é porque o julga igual a cem guardas. Mas muito mais discreto,” observou o Bobo. Saberia ele como isso me quebraria o coração? Trouxe os copos e o brande e serviu-me. Consegui pegar no meu copo. “A uma filha. Tua e de Moli,” sugeriu, e bebeu. O brande ardeu-me de forma limpa na garganta.

“Então,” consegui dizer. “Breu sempre soube e pôs Castro a guardá-la. Mesmo antes de eu saber, ele já sabia.” Porque me sentiria como se me tivessem roubado alguma coisa?

“Suspeito que sim, mas não tenho a certeza.” O Bobo fez uma pausa, como se se interrogasse sobre a sensatez de me contar. Depois vi-o a pôr de lado a reserva. “Tenho andado a juntar as peças, a contar o tempo que passou. Acho que Paciência suspeitava. Acho que foi por isso que ela começou a mandar Moli cuidar de Castro quando ele teve a perna magoada. Ele não precisava de tantos cuidados, e sabia disso tão bem como Paciência. Mas Castro é um bom ouvinte, principalmente por falar tão pouco. Moli precisaria de alguém com quem falar, talvez alguém que em tempos tivesse criado um bastardo. Naquele dia em que estávamos todos no quarto dele... tu tinhas-me mandado lá, para ele ver o que podia fazer pelo meu ombro? No dia em que trancaste Majestoso fora dos aposentos de Sagaz para o protegeres...” Por um momento pareceu capturado naquela recordação. Depois recuperou. “Quando eu subi a escada que levava ao sótão de Castro, ouvi-os a discutir. Bem, ouvi Moli a discutir, e Castro a calar-se, que é a sua maneira mais forte de discutir. De modo que me pus à escuta,” admitiu com franqueza. “Mas não ouvi grande coisa. Ela estava a insistir para que ele lhe arranjasse uma erva especial qualquer. Ele não queria. Por fim, ele prometeu-lhe que não diria a ninguém, e pediu-lhe que pensasse bem e fizesse o que quisesse fazer, não o que pensasse que era mais sensato. Depois não disseram mais nada, de modo que entrei. Ela pediu desculpa e foi-se embora. Mais tarde, tu chegaste e disseste que ela te tinha deixado.” Fez uma pausa. “Na verdade, agora que penso nisso, eu mostrei um raciocínio tão lento como tu, por não ter deduzido tudo só com base nisso.”

“Obrigado,” disse-lhe com secura.

“De nada. Embora eu admita que nesse dia tínhamos muito na cabeça.”

“Eu daria qualquer coisa para ser capaz de voltar atrás no tempo e dizer-lhe que a nossa filha seria a coisa mais importante do mundo para mim. Mais importante do que o rei ou o país.”

“Ah. Então terias abandonado Torre do Cervo nesse dia, para a seguir e proteger.” O Bobo virou para mim uma sobrancelha sarcástica.

Passado um bocado, disse: “Não podia.” As palavras estrangularam-me e empurrei-as para baixo com brande.

“Eu sei que não podias. Eu compreendo. Ninguém pode evitar o destino, percebes? Pelo menos enquanto se está encurralado nos arneses do tempo. E,” disse num tom mais suave, “nenhuma criança pode evitar o futuro que o destino decreta. Nem um bobo, nem um bastardo. Nem a filha dum bastardo.”

Um arrepio percorreu-me a espinha. Apesar de toda a minha descrença, tive medo. “Estás a dizer que sabes alguma coisa sobre o futuro dela?”

Ele suspirou e anuiu. Depois sorriu e abanou a cabeça. “É assim que as coisas são, para mim. Sei algo sobre um herdeiro Visionário. Se esse herdeiro for ela, então não há dúvida de que, daqui a anos, lerei alguma antiga profecia e direi: Ah, sim, aqui está, foi previsto como as coisas aconteceriam. Ninguém compreende realmente uma profecia até que ela se realize. É bastante semelhante a uma ferradura. O ferreiro mostra-te um bocado de ferro tirado do armazém e tu dizes: nunca servirá. Mas depois de passar pelo fogo e ser martelada e limada, ali está, a ajustar-se perfeitamente ao casco do teu cavalo como nunca se ajustaria a nenhum outro.”

“Parece que estás a dizer que os profetas moldam as suas profecias à verdade depois dos factos acontecerem.”

Ele inclinou a cabeça. “E um bom profeta, como um bom ferreiro, mostra-te que ela se ajusta perfeitamente.” Tirou-me o copo vazio da mão. “Devias estar a dormir, sabes? Amanhã, a curandeira vai tirar-te a ponta de seta das costas. Vais precisar das tuas forças.”

Anuí, e de súbito descobri que tinha os olhos pesados.

\*\*\*

Breu agarrou-me os pulsos e puxou-os firmemente para baixo. O meu peito e a minha cara comprimiram-se contra o duro banco de madeira. O Bobo sentou-se em cima das minhas pernas e prendeu-me as ancas com o seu peso inclinado. Até Panela tinha as mãos nos meus ombros nus, empurrando-me para baixo, contra o sólido banco. Senti-me como um porco amarrado para a matança. Esporana estava em pé, com ligaduras de linho e uma bacia de água quente. Quando Breu me puxou com força as mãos para baixo, senti-me como se o corpo inteiro pudesse rasgar-se pelo ferimento apodrecido que tinha nas costas. A curandeira acorrou-se a meu lado. Vi de

relance as tenazes que ela tinha na mão. Ferro negro. Provavelmente trazido do barracão do ferreiro.

“Prontos?”, perguntou ela.

“Não,” resmunguei. Ignoraram-me. Não era comigo que ela estava a falar. Passara a manhã inteira a trabalhar em mim como se eu fosse um brinquedo partido, escarafunchando e fazendo sair os nauseabundos fluidos de infecção das minhas costas enquanto eu me torcia e murmurava pragas. Todos haviam ignorado as minhas imprecações, à exceção do Bobo, que sugerira melhoramentos para elas. Ele estava de novo muito semelhante a si mesmo. Persuadira Olhos-de-Noite a sair. Conseguia sentir o lobo a passear-se em volta da porta. Tentara transmitir-lhe uma ideia do que iria ser feito. Arrancara-lhe suficientes dardos durante o tempo que passáramos juntos para que ele tivesse alguma noção sobre o que era a dor necessária. Mesmo assim partilhava o meu terror.

“Avançai,” disse Breu à curandeira. A cabeça dele estava junto à minha, e a sua barba arranhava-me a bochecha barbeada. “Aguenta firme, meu rapaz,” suspirou para dentro do meu ouvido. As mandíbulas frias da tenaz fizeram pressão contra a minha carne inflamada.

“Não arquejes. Mantém-te quieto,” disse-me a curandeira com severidade. Tentei. Pareceu-me que ela me mergulhava a tenaz nas costas em busca de algo que agarrar. Depois de uma eternidade de sondagem, a curandeira disse: “Segurai-o.” Senti as mandíbulas da tenaz a cerrar-se. Ela puxou, rasgando-me a espinha e arrancando-ma do corpo.

Pelo menos foi o que pareceu. Lembro-me daquele primeiro raspar de ponta de metal contra osso, e toda a minha determinação de não gritar foi esquecida. Expulsei num rugido, juntas, a dor e a consciência. Voltei a cair naquele lugar vago que nem o sono, nem a vigília, eram capazes de alcançar. Os meus dias febris tinham-no tornado completamente familiar para mim.

\*\*\*

Rio de Talento. Eu estava nele e ele estava em mim. Só à distância de um passo, eu sempre estivera à distância de um passo. Um fim para a dor e a solidão. Rápido e doce. Estava a esfarrapar-me nele, a desfazer-me como uma peça de malha se desfia quando o fio certo é puxado. Toda a minha dor estava também a desfazer-se. *Não*. Vera-

cidade proibiu-o com firmeza. *Já para trás, Fitz.* Como se mandasse uma criança pequena afastar-se do fogo. E eu fui.

\*\*\*

Como um mergulhador a voltar à superfície, regressei ao banco duro e às vozes que se cruzavam por cima de mim. A luz parecia pouco intensa. Alguém exclamou qualquer coisa sobre sangue e gritou por um pano cheio de neve. Senti-o a ser empurrado contra as minhas costas, enquanto um trapo vermelho encharcado era atirado para cima do tapete do Bobo. A mancha espalhou-se pela lã e eu fluí com ela. Eu flutuava, e a sala estava cheia de manchas negras. A curandeira encontrava-se ocupada junto da lareira. Tirou outra ferramenta de ferreiro de entre as chamas. Brillhava, e ela virou-se para olhar para mim. “Espera!”, gritei, horrorizado, e soergui-me no banco, até que Breu me agarrou nos ombros.

“Tem de ser feito,” disse-me ele com dureza e segurou-me com uma força férrea enquanto a curandeira se aproximava. A princípio senti apenas pressão quando ela me pôs um ferro em brasa nas costas. Cheirei a minha própria carne a queimar-se, e pensei que não me importava, até que um espasmo de dor me sacudiu mais violentamente do que o laço corredio de um carrasco. O negrume ergueu-se para me arrastar para baixo. “Enforcado por cima de água e queimado!”, gritei eu em desespero. Um lobo ganiu.

\*\*\*

Erguendo-me. Subindo, cada vez mais próximo da luz. O mergulho fora profundo, e as águas tinham estado mornas e cheias de sonhos. Saboreei a borda da consciência, enchi os pulmões de vigília.

Breu. “... mas decerto que podias ter-me dito, pelo menos, que ele estava vivo e tinha vindo ter contigo. Eda e El num nó, Bobo, quantas vezes te confiei as minhas mais privadas intenções?”

“Quase tantas como as que não confiaste,” replicou o Bobo com acrimónia. “O Fitz pediu-me para manter em segredo a sua presença aqui. E o segredo foi mantido, até que a menestrel interferiu. Que mal podia ter feito se ele tivesse sido deixado sozinho para repousar por completo até que aquela seta saísse? Ouviste os delírios dele. Parecem-te os de um homem em paz consigo próprio?”

Breu suspirou. “Mesmo assim. Podias ter-me dito. Sabes o que significaria para mim saber que ele estava vivo.”

“Sabes o que significaria para mim saber que havia uma herdeira Visionário.”

“Contei-te assim que contei à rainha!”

“Sim, mas há quanto tempo sabias que ela existia? Desde que puseste Castro a olhar por Moli? Sabias que Moli esperava um filho dele da última vez que vieste visitar-nos, e no entanto nada disseste.”

Breu respirou fundo com força, e de seguida advertiu. “Há nomes que preferia que não proferisses, nem mesmo aqui. Nem mesmo à rainha eu entreguei esses nomes. Tens de compreender, Bobo. Quanto mais gente souber, maior é o risco para a criança. Eu nunca teria revelado a sua existência, se o filho da rainha não tivesse morrido e nós não julgássemos Veracidade morto.”

“Poupa a esperança de manter segredos. Uma menestrel conhece o nome de Moli; os menestréis não guardam segredos.” A sua antipatia por Esporana refulgiu-lhe na voz. Num tom mais frio, acrescentou: “Então o que era que planeavas realmente fazer, Breu? Fazer passar a filha de Fitz por filha de Veracidade? Roubá-la a Moli e entregá-la à rainha, para que a criasse como sua?” A voz do Bobo tomara uma suavidade mortal.

“Eu... os tempos são duros e a necessidade é tão grande... mas... roubá-la não. Castro compreenderia, e julgo que ele podia levar a rapariga a compreender. Além disso, o que poderá ela oferecer à criança? Uma fabricante de velas sem vintém, privada do seu ofício... como poderá cuidar dela? A criança merece melhor. Tal como a mãe, na verdade, e eu faria o meu melhor para me assegurar de prover também às suas necessidades. Mas o bebé não pode ser deixado com ela. Pensa, Bobo. Assim que outros souberem que o bebé é de linhagem Visionário, ela só poderá ficar a salvo no trono, ou na linha de sucessão ao trono. A mulher dá ouvidos a Castro. Ele poderia levá-la a ver isso.”

“Não tenho assim tanta certeza de que conseguisses fazer com que Castro visse isso. Ele entregou uma criança ao dever do rei. Pode não sentir que fazer isso pela segunda vez é uma opção sensata.”

“Às vezes todas as opções são fracas, Bobo, e mesmo assim um homem tem de optar.”

Acho que soltei um som fraco qualquer, pois ambos vieram

rapidamente ter comigo. “Rapaz?”, chamou Breu com ansiedade. “Rapaz, estás acordado?”

Decidi que estava. Abri uma fenda num olho. Noite. Luz da lareira e de algumas velas. Breu, o Bobo e uma garrafa de brande. E eu. Não sentia melhoras nas costas. Não sentia que tivesse menos febre. Antes sequer de ter tempo de tentar pedir, o Bobo levou-me um copo aos lábios. Maldito chá de casca de salgueiro. Tinha tanta sede que o bebi todo. O copo que ele ofereceu de seguida era caldo de carne, maravilhosamente salgado. “Tenho tanta sede,” consegui dizer depois de beber o caldo. Sentia a boca pegajosa de sede, inchada de sede.

“Perdeste montes de sangue,” explicou Breu inutilmente.

“Queres mais caldo?”, perguntou o Bobo.

Consegui fazer o mais pequeno dos acenos. O Bobo pegou no copo e foi até à lareira. Breu aproximou-se muito e sussurrou, com uma estranha urgência. “Fitz. Diz-me uma coisa. Odeias-me, rapaz?”

Por um momento, não soube. Mas a ideia de odiar Breu significava uma perda demasiado grande para mim. Eram demasiado poucas as pessoas no mundo que gostavam de mim. Não podia odiar nenhuma. Abanei a cabeça um bocadinho de nada. “Mas,” disse lentamente, formando com cuidado as palavras densas, “não me leves a criança.”

“Não tenhas medo,” disse-me ele com suavidade. A sua velha mão alisou-me o cabelo para longe do rosto. “Se Veracidade está vivo, não haverá necessidade de o fazer. Por enquanto, ela está mais segura onde está. E se o Rei Veracidade regressar e assumir o trono, ele e Kettricken arranjarão filhos seus.”

“Prometes?”, supliquei.

Os seus olhos olharam os meus. O Bobo trouxe-me o caldo, e Breu afastou-se para lhe dar espaço. O copo estava mais quente. Foi como a própria vida a fluir de novo para dentro de mim. Quando acabei, consegui falar com mais força. “Breu,” disse. Ele dirigira-se à lareira e estava a fitá-la. Virou-se para mim quando eu falei.

“Não prometeste,” fiz-lhe lembrar.

“Não,” concordou ele com gravidade. “Não prometi. Os tempos são demasiado incertos para essa promessa.”

Durante muito tempo, limitei-me a olhá-lo. Após algum tempo, ele deu à cabeça um minúsculo abanão e afastou o olhar. Não

conseguia olhar-me nos olhos. Mas não me disse mentiras. Então competia-me a mim.

“Podes usar-me,” disse-lhe em voz baixa. “E eu vou fazer o melhor que puder para trazer Veracidade de volta, e tudo o que possa para lhe devolver o trono. Podes ter a minha morte, se for isso que for preciso. Mais do que a morte, podes ter a minha vida, Breu. Mas não a da minha filha. Não a da minha filha.”

Ele olhou-me nos olhos e anuiu lentamente.

\*\*\*

A recuperação foi coisa lenta e dolorosa. Parecia-me que devia ter saboreado cada dia passado numa cama mole, cada garfada de comida, cada momento de sono em segurança. Mas não foi assim. A pele, queimada pelo frio, dos meus dedos das mãos e dos pés, pelava e prendia-se em tudo, e a nova pele que tinha por baixo estava horripilantemente sensível. A curandeira vinha todos os dias espetar-me os dedos na ferida. Insistia que o ferimento nas minhas costas tinha de ser mantido aberto e a drenar. Fartei-me das ligaduras nauseabundas que ela levava, e ainda mais me fartei dela a escarafunchar no ferimento para se assegurar de que não fecharia cedo demais. A mulher fazia-me lembrar um corvo em volta de um animal moribundo, e quando lho disse um dia, sem tato, ela riu-se.

Passados uns dias, já andava de novo a mover-me por aí, mas não de forma descuidada. Cada passo, cada estender de mão, era coisa cautelosa. Aprendi a manter os cotovelos aconchegados aos flancos para diminuir o repuxar dos músculos das costas, aprendi a caminhar como se equilibrasse um balde de ovos na cabeça. Mesmo assim fatigava-me rapidamente, e um passeio demasiado enérgico podia trazer-me a febre de volta durante a noite. Ia diariamente aos banhos e, embora ensopar-me de água quente me aliviasse o corpo, não podia ficar lá sequer por um momento sem que me lembrasse de que fora ali que Majestoso tentara afogar-me, e acolá onde vira Castro a ser abatido à mocada. *Vem até mim, vem até mim*, começava então a sirene a chamar na minha cabeça, e a minha mente depressa se enchia de pensamentos e interrogações a respeito de Veracidade. Isso não conduzia a um estado de espírito pacífico. Pelo contrário, dava por mim a planear todos os detalhes da minha viagem seguinte. Fazia uma lista mental do equipamento que teria de pedir a Ket-



tricken e debatia, longa e duramente, a ideia de levar um animal de montar. Por fim, decidi-me contra essa ideia. Não haveria pasto; a minha capacidade para a crueldade inconsciente desaparecera. Não levaria um cavalo ou um pônei apenas para lhe causar a morte. Também sabia que em breve teria de pedir autorização para dar busca às bibliotecas a fim de ver se seria possível encontrar um percursor do mapa de Veracidade. Aterrorizava-me procurar Kettricken, pois ela não me convocara nem uma vez.

Todos os dias me lembrava destas coisas, e todos os dias as adia mais um dia. Por enquanto, continuava a não ser capaz de atravessar Jhaampe sem ter de parar para descansar. Conscientemente, comecei a forçar-me a comer mais e a testar os limites das minhas forças. Era frequente que o Bobo se me juntasse nas minhas caminhadas de fortalecimento. Eu sabia que ele odiava o frio, mas o seu companheirismo silencioso agradava-me demasiado para lhe sugerir que permanecesse aquecido dentro de portas. Ele levou-me uma vez a ver Fuligem, e esse plácido animal deu-me as boas-vindas com um tal prazer que daí em diante regresssei todos os dias. A sua barriga estava a inchar com o potro de Ruivo; pariria no início da primavera. Parecia bastante saudável, mas a sua idade preocupava-me. Obtive uma quantidade espantosa de bem-estar com a suave presença da égua. Erguer os braços para cuidar dela repuxava-me o ferimento, mas fi-lo mesmo assim, e com Ruivo também. O fogoso jovem cavalo precisava de ser mais trabalhado do que estava a ser. Fiz o que pude com ele, e passei cada momento em que o fazia com saudades de Castro.

O lobo ia e vinha conforme lhe apetecia. Juntava-se ao Bobo e a mim nos nossos passeios e depois entrava na cabana atrás de nós. Era quase doloroso ver a rapidez com que se adaptava. O Bobo resmungava a propósito das marcas de garras na porta e dos pelos caídos nos tapetes, mas eles gostavam bastante um do outro. Uma marioneta de lobo começou a emergir, aos poucos, de bocados de madeira espalhados sobre a mesa de trabalho do Bobo. Olhos-de-Noite desenvolveu um gosto por um certo bolo com sementes que também era o preferido do Bobo. O lobo fitava-o fixamente sempre que o Bobo estava a comer, babando grandes poças de saliva no chão até que o Bobo cedia e lhe dava um quinhão. Reprendia-os a ambos por causa do que os doces podiam fazer aos dentes e pelagem do lobo e era ignorado pelos dois. Suponho que senti um pouco de ciú-

me por causa da rapidez com que Olhos-de-Noite passara a confiar no Bobo, até que ele me perguntou um dia sem rodeios: *Porque não haveria eu de confiar em quem tu confias?* Não tinha resposta para aquilo.

“Então. Quando foi que te tornaste fabricante de brinquedos?” perguntei ociosamente ao bobo um dia. Estava encostado à sua mesa, a observar o modo como os seus dedos atavam os membros e o torso de uma marioneta à sua armação de pau. O lobo estava estendido debaixo da mesa, profundamente adormecido.

Ele encolheu um ombro. “Tornou-se evidente depois de chegar cá que a corte do Rei Eyod não era lugar para um bobo.” Soltou um curto suspiro. “E também não tinha realmente desejo de ser bobo de alguém, exceto do Rei Sagaz. Sendo assim, olhei em volta em busca de outra maneira qualquer de ganhar o pão. Uma noite, bastante bêbado, perguntei a mim próprio o que sabia fazer melhor. ‘Ora, ser uma marioneta,’ respondi de mim para mim. Sacudido pelos fios do destino, e depois atirado para o lado para me amarfanhar numa pilha. Assim, decidi que não voltaria a dançar às ordens dos fios, mas passaria a puxá-los. No dia seguinte, testei a minha determinação. Rapidamente descobri um gosto por isto. Os brinquedos simples com que cresci e aqueles que vi em Cervo parecem uma maravilha de estranheza às crianças das Montanhas. Descobri que precisava de lidar pouco com os adultos, o que me convinha perfeitamente. As crianças aqui aprendem a caçar, pescar, tecer e colher numa idade muito jovem, e aquilo que ganham é seu. De modo que faço trocas por aquilo que me faz falta. Descobri que as crianças são muito mais rápidas a aceitar o que é fora do comum. Assumem a curiosidade, percebes?, em vez de desdenharem do objeto que a desperta.” Os seus dedos pálidos deram um nó cuidadoso. Depois pegou na sua criação e pô-la a dançar para mim.

Observei aqueles saltos alegres com um desejo retroativo de ter possuído uma coisa de madeira brilhantemente pintada e arestas bem lixadas como aquela. “Quero que a minha filha tenha coisas como essa,” ouvi-me a dizer em voz alta. “Brinquedos bem feitos e camisas suaves de cores vivas, lindas fitas para o cabelo e bonecas que possa agarrar.”

“Terá,” prometeu-me ele com gravidade. “Terá.”

\*\*\*

Os dias lentos passaram. As minhas mãos começaram de novo a ter um aspeto normal e até arranjaram alguns calos. A curandeira disse que eu podia passar sem ligaduras nas costas. Comecei a sentir-me irrequieto mas sabia que ainda não tinha forças para partir. A minha agitação ia por sua vez agitar o Bobo. Só me apercebi do quanto andava de um lado para o outro quando ele se levantou uma noite da sua cadeira e empurrou a mesa para o meu caminho, para me obrigar a desviar-me do rumo que seguia. Ambos nos rimos, mas isso não dissipou a tensão subjacente. Comecei a acreditar que destruía a paz onde quer que estivesse.

Panela visitava-nos com frequência e fazia-me distrair com os seus conhecimentos sobre os pergaminhos que diziam respeito ao Profeta Branco. Era com demasiada frequência que eles mencionavam um Catalisador. Por vezes, o Bobo era atraído para as suas discussões. Mas era mais frequente que se limitasse a fazer ruídos evasivos enquanto ela procurava explicar-me tudo. Quase sentia saudades da sua severa taciturnidade. Confesso, também, que quanto mais conversávamos, mais me interrogava sobre o modo como uma mulher de Cervo calhara vaguear até tão longe da sua terra, para se tornar devota de uma doutrina distante que um dia a levaria de volta à sua pátria. Mas a velha Panela revelava-se quando defletia as questões astuciosas que eu lhe colocava.

Esporana também aparecia, embora não tantas vezes como Panela, e fazia-o normalmente quando o Bobo andava por fora nas suas tarefas. Eles pareciam não poder estar na mesma sala sem arancarem faíscas um do outro. Assim que consegui deslocar-me, ela começou a persuadir-me a passear consigo no exterior, provavelmente a fim de evitar o Bobo. Suponho que os passeios me faziam bem, mas não obtinha deles qualquer prazer. Já tivera a minha conta do frio do inverno, e as conversas dela faziam-me geralmente sentir agitado e espicaçado. Falava com frequência da guerra em Cervo, de fragmentos de notícias escutados a Breu e a Kettricken, pois estava frequentemente com eles. Tocava para eles à noite, o melhor que podia com a mão danificada e uma harpa emprestada. Vivia no salão principal da residência real. Aquele gosto por uma vida de corte parecia ajustar-se-lhe. Estava com frequência entusiasmada e animada. A roupa brilhante do povo da Montanha realçava-lhe o cabelo e os olhos escuros, enquanto o frio lhe trazia cor à cara. Parecia ter recuperado de todos os infortúnios, para se mostrar de novo cheia

de vida. Até a mão estava a sarar bem, e Breu ajudara-a a negociar madeira para fazer uma nova harpa. Envergonhava-me que o seu otimismo só me fizesse sentir mais velho, mais fraco e mais fatigado. Uma hora ou duas com ela desgastavam-me como se tivesse estado a exercitar uma potra obstinada. Sentia uma pressão constante por sua parte para que concordasse com ela. Era frequente não conseguir fazê-lo.

“Ele deixa-me nervosa,” disse-me ela uma vez, numa das suas frequentes diatribes contra o Bobo. “Não é a cor; é o comportamento. Nunca diz uma palavra simples ou gentil a ninguém, nem sequer às crianças que vêm trocar coisas pelos brinquedos que faz. Já reparaste como as arrelia e troça delas?”

“Ele gosta delas, e elas gostam dele,” disse eu, fatigado. “Não as arrelia para ser cruel. Arrelia-as como arrelia toda a gente. As crianças divertem-se. Não há criança que goste de ser tratada com paternalismo.” A breve caminhada cansara-me mais do que eu queria admitir. E era entediante andar constantemente a defender o Bobo perante Esporana.

Ela não deu resposta. Tomei consciência de que Olhos-de-Noite nos seguia. Deslizava do abrigo de um grupo de árvores para os arbustos carregados de neve de um jardim. Duvidava de que a sua presença fosse um grande segredo, e no entanto a ideia de caminhar abertamente pelas ruas deixava-o inquieto. Era estranhamente reconfortante saber que ele se encontrava por perto.

Tentei encontrar outro tema. “Já não vejo Breu há alguns dias,” aventei. Detestava andar à pesca de novidades sobre ele. Mas ele não viera ter comigo, e eu não queria ir ter com ele. Não o odiava, mas não conseguia perdoá-lo pelos planos que fizera com a minha filha.

“Cantei para ele na noite passada.” Ela dirigiu um sorriso à recordação. “Estava muito espirituoso. Até consegue trazer um sorriso à cara de Kettricken. É difícil acreditar que viveu naquele isolamento durante anos. Atrai as pessoas para si como uma flor atrai abelhas. Tem uma maneira muito cavalheiresca de dar a saber a uma mulher que é admirada. E...”

“O Breu?” A palavra saltou de mim com incredulidade. “Cavalheiresco?”

“Claro,” disse ela, divertida. “Ele pode ser bastante encantador, quando tem tempo. Cantei para ele e Kettricken há algumas noites, e ele foi bastante gracioso nos agradecimentos. Tem uma língua de

cortesão.” Sorriu de si para si, e eu vi que fosse o que fosse que Breu lhe dissera, calara agradavelmente. Tentar imaginar Breu como um encantador de mulheres exigia que a minha mente se dobrasse numa direção fora do comum. Não consegui imaginar nada para dizer, e portanto deixei-a no seu devaneio agradável. Passado algum tempo, acrescentou inesperadamente: “Ele não vai connosco, sabes?”

“Quem? Para onde?” Não consegui decidir se a minha febre recente me teria deixado com o raciocínio lento, ou se a mente da menestrel saltitava como uma pulga.

Ela deu-me uma palmadinha reconfortante no braço. “Estás a ficar cansado. É melhor voltarmos para trás. Sei sempre quando ficas fatigado, fazes as perguntas mais imbecis.” Respirou fundo e regressou ao seu tema. “Breu não irá connosco em busca de Veracidade. Tem de voltar para Cervo, para passar palavra sobre a nossa demanda e encorajar o povo de lá. Claro, irá respeitar os teus desejos e não fará qualquer menção a ti. Dirá só que a rainha partiu em busca do rei para lhe restituir o trono.”

Fez uma pausa, e tentou dizer com indiferença: “Ele pediu-me para lhe arranjar umas cançonetas simples, baseadas nas canções antigas para que possam ser facilmente aprendidas e cantadas.” Sorriu-me e eu vi como estava satisfeita por Breu lhe ter pedido aquilo. “Irá espalhá-las pelas tabernas e estalagens da estrada, e elas desabrocharão como sementes e espalhar-se-ão a partir daí. Canções simples que digam que Veracidade regressará para pôr as coisas nos eixos e que um herdeiro Visionário subirá ao trono para unir os Seis Ducados tanto em vitória como em paz. Diz que manter o ânimo do povo, e manter nele a imagem do regresso de Veracidade, é muito importante.

Voltei para trás, abrindo caminho através daquela tagarelice sobre canções e profecias. “Nós, disseste tu. Nós quem? E a caminho de onde?”

Ela descalçou a luva e pousou-me rapidamente a mão na testa. “Estás outra vez febril? Talvez um pouco. Vamos voltar já para trás.” Enquanto começávamos a regressar pelo caminho que seguíramos através das ruas silenciosas, ela acrescentou pacientemente. “Nós, tu, eu e Kettricken, vamos em busca de Veracidade. Esqueceste-te de que foi por isso que vieste até às Montanhas? Kettricken diz que o caminho será duro. Não é assim muito difícil viajar até à cena da batalha. Mas se Veracidade prosseguiu a partir daí, então está num dos

caminhos marcados no velho mapa que ela tem, que podem já não ser caminhos nenhuns. É evidente que o pai não está entusiasmado com o projeto dela. Tem a cabeça fixa só em travar a guerra contra Majestoso. ‘Enquanto procuras o rei teu esposo, o seu irmão desleal procura transformar a nossa gente em seus escravos!’, disse-lhe Eyod. Portanto temos de juntar as provisões que lhe forem dadas de boa vontade, e levar apenas as pessoas que preferirem acompanhá-la em vez de ficar para combater Majestoso. Não há muitas, com certeza, e...”

“Quero voltar para casa do Bobo,” disse eu debilmente. Tinha a cabeça a girar e o estômago embrulhado. Esquecera-me de que fora assim na corte do Rei Sagaz. Porque esperara que fosse diferente ali? Os planos seriam feitos, as coisas preparadas, e depois dir-me-iam o que queriam que eu fizesse e eu fá-lo-ia. Não teria sido sempre essa a minha função? Ir a um sítio tal e tal, e matar aquele certo homem, um homem que nunca antes vira, tudo às ordens de outra pessoa? Não sabia por que motivo me haveria de chocar tanto, de repente, descobrir que todos os seus planos de suma importância tinham avançado sem qualquer contribuição minha, como se eu não passasse de um cavalo numa cocheira, à espera de ser selado, montado e dirigido para a caçada.

Bem, e não era esse a troca que oferecera a Breu?, recordei a mim próprio. Que podiam ficar com a minha vida, se quisessem, mas que deixassem a minha filha em paz? Porquê ficar surpreendido? Porque sequer ficar preocupado? Devia simplesmente voltar para casa do Bobo, para dormir, comer e fortalecer-me até ser chamado.

“Estás bem?”, perguntou-me de súbito Esporana com ansiedade. “Acho que nunca te tinha visto tão pálido.”

“Estou ótimo,” assegurei-lhe num tom mortiço. “Estava só a pensar que era capaz de ser agradável passar algum tempo a ajudar o Bobo a fazer as marionetas.”

Ela voltou a franzir os sobrolhos. “Ainda não compreendo o que tu vês nele. Porque é que não vens viver para um quarto perto de Kettricken e de mim? Já não precisas de muitos cuidados; está na altura de recuperares o lugar que te pertence ao lado da rainha.”

“Quando a rainha me chamar, irei ter com ela,” disse eu, atencioso. “Isso será bastante a tempo.”

## *Partida*

*B*reu Tombastrela ocupa um nicho único na história dos Seis Ducados. Embora nunca tenha sido reconhecido, a sua forte semelhança física com os Visionário faz com que seja quase certo que tenha tido uma relação de sangue com a linhagem real. Seja como for, o significado de ser quem era empalidece em comparação com o daquilo que era. Houve quem dissesse que foi um espião do Rei Sagaz durante as décadas que antecederam as Guerras dos Navios Vermelhos. Outros ligaram o seu nome ao da Dama Timo, que era quase com certeza uma envenenadora e ladra ao serviço da família real. Essas crenças nunca poderão ser substanciadas.

O que pôde saber-se, sem dúvida, foi que ele emergiu para a vida pública a seguir à deserção de Torre do Cervo pelo Pretendente, Majestoso Visionário. Colocou-se às ordens da Dama Paciência. Ela foi capaz de se valer da rede de pessoas que ele estabelecera por todos os Seis Ducados, tanto para reunir informações como para distribuir recursos para a defesa da linha costeira. Há muitos sinais que sugerem que ele procurou de início permanecer como uma figura privada e secreta. A sua aparência única fez com que isso se tornasse difícil, e ele acabou por abandonar essa tentativa. Apesar da idade, tornou-se numa espécie de herói, num velho arrojado, se preferirdes, a entrar e a sair de estalagens e tabernas a qualquer hora, fugindo aos guardas de Majestoso e provocando-os, trazendo novidades e transmitindo fun-

*dos para a defesa dos Ducados Costeiros. As suas façanhas fizeram com que fosse admirado. Pedia sempre às pessoas dos Seis Ducados para terem ânimo e predizia-lhes que o Rei Veracidade e a Rainha Kettricken haveriam de regressar, para erguer de cima das suas costas as cangas dos impostos e da guerra sob as quais sofriam. Embora tivessem sido compostas algumas canções sobre os seus feitos, as mais precisas pertencem ao ciclo de canções “Contas de Breu Tombastrela,” atribuído à menestrel da Rainha Kettricken, Esporana Cantodave.*

\*\*\*

A minha memória rebelava-se contra recordar aqueles últimos dias em Jhaampe. Um desânimo instalou-se em mim, um desânimo que se mantinha inalterado pela amizade ou pelo brande. Não conseguia encontrar energia nem vontade para me mexer. “Se o destino é uma grande onda qualquer que vai arrastar-me e atirar-me contra uma parede, independentemente das escolhas que eu faça, então escolho não fazer nada. Que ele faça de mim o que quiser,” declarei ao Bobo com pompa, ainda que de uma forma um tudo-nada ébria, uma certa noite. Ele nada respondeu a isto. Continuou simplesmente a fixar os feixes de pelos na pelagem da marioneta de lobo. Olhos-de-Noite, acordado mas silencioso, estava deitado aos pés do Bobo. Quando eu bebia, ele escudava a sua mente de mim e expressava a sua repugnância ignorando-me. Panela sentava-se ao canto da lareira, a fazer costura e a alternar entre expressões de desapontamento e desaprovação. Breu encontrava-se sentado numa cadeira de costas direitas do outro lado da mesa, à minha frente. Tinha perante si uma chávena de chá e os seus olhos estavam frios como jade. Nem vale a pena dizer que eu bebia sozinho, pela terceira noite consecutiva. Estava a testar os limites da teoria de Castro que dizia que embora beber nada resolvesse, podia tornar tolerável o insuportável. Não parecia estar a funcionar comigo. Quanto mais bebia, menos tolerável parecia a minha situação. E mais intolerável eu me tornava para os meus amigos.

O dia trouxera-me mais do que eu era capaz de suportar. Breu viera finalmente visitar-me, para dizer que Kettricken queria ver-me na manhã seguinte. Acedi a dizer que iria. Com um pouco de incitamento por parte de Breu, concordei que estaria apresentável — lavado, barbeado, vestido com roupa lavada, e sóbrio. Não



estava nada dessas coisas naquele momento. Era má altura para eu procurar competir em espírito ou palavras com Breu, mas tinha o discernimento num tal estado que tentei fazê-lo. Fiz perguntas belicosas e acusadoras. Ele respondeu-lhes calmamente. Sim, suspeitara de que Moli esperava um filho meu, e sim, incentivara Castro a tornar-se seu protetor. Castro já tratava de que ela tivesse dinheiro e abrigo; mostrara-se relutante em partilhar a sua habitação, mas quando Breu lhe fizera notar os perigos que ela e a criança correriam se mais alguém deduzisse as circunstâncias do seu nascimento, Castro concordara. Não, não me dissera. Porquê? Porque Moli coagira Castro a prometer-lhe que não me falaria da sua gravidez. A condição que pusera para a proteger, como Breu pedira, fora que Breu também respeitasse essa promessa. De início, Castro esperara que eu desvendasse sozinho o motivo por que Moli desaparecera. Também confidenciara a Breu que assim que a criança nascesse se consideraria livre da promessa e me contaria, não que ela estava grávida, mas que eu tinha um filho. Mesmo no estado em que me encontrava, consegui ver que aquilo era o mais retorcido que Castro alguma vez conseguiria ser. Uma parte de mim gostou de ver que a amizade que por mim nutria era profunda ao ponto de o levar a distorcer daquela maneira a promessa feita. Mas quando ele fora revelar-me o nascimento da minha filha, descobrira sinais da minha morte.

Dirigira-se logo para Cervo, a fim de deixar uma mensagem com um pedreiro de lá, o qual a passou a outro e assim por diante até que Breu viera ao encontro de Castro, nas docas. Ambos tinham ficado incrédulos. “Castro não conseguia acreditar que tu tivesses morrido. Eu não conseguia compreender por que motivo ainda estarias lá. Passara palavra aos meus vigilantes, ao longo de toda a estrada do rio, porque tinha a certeza de que não correrias para Vilamonte, mas te dirigirias imediatamente para as Montanhas. Tinha completa certeza de que, apesar de tudo o que tinhas suportado, o teu coração era fiel. Foi o que disse a Castro naquela noite: que tinha de te deixar em paz, para descobrires por ti próprio onde residia a tua lealdade. Apostara com Castro que, deixado entregue a ti próprio, serias como uma seta disparada de um arco, voando diretamente para Veracidade. Isso, julgo eu, foi o que nos chocou mais. Que tivesses morrido ali, e não na estrada que levava ao teu rei.”

“Bem,” declarei, com a satisfação elaborada de um bêbado, “estáveis ambos errados. Ambos julgáveis que me conheciés tão bem,

ambos pensáveis que tínheis fabricado uma ferramenta tão boa que não poderia desafiar as vossas intenções. Mas eu NÃO morri ali! Nem fui em busca do meu rei. Fui matar Majestoso. Por mim.” Recostei-me na cadeira e cruzei os braços sobre o peito. Depois endireitei-me de repente por causa da pressão desconfortável no ferimento em processo de cura. “Por mim!”, repeti. “Não pelo meu rei, por Cervo ou por qualquer um dos Seis Ducados. Foi por mim que o fui matar. Por mim.”

Breu limitou-se a olhar-me. Mas, vinda do canto da lareira, onde Panela se balançava na cadeira, a sua velha voz levantou-se numa satisfação complacente. “As Escrituras Brancas dizem: ‘Ele estará sedento do sangue da sua própria família, e a sua sede ficará por saciar. O Catalisador ansiará em vão por filhos e por um lar, pois os seus filhos serão de outrem, e os de outrem serão seus...’”

“Ninguém me pode obrigar a cumprir nenhuma dessas profecias!”, jurei num rugido. “Quem as fez, aliás?”

Panela continuou a balançar-se. Foi o Bobo que me respondeu. Falou com brandura, sem erguer os olhos do seu trabalho. “Fui eu. Na minha infância, nos tempos em que sonhava. Antes de te conhecer fosse onde fosse, exceto nos meus sonhos.”

“Estás condenado a cumpri-las,” disse-me Panela com suavidade.

Bati com o copo na mesa. “Maldito seja se cumprir!”, gritei. Ninguém gritou ou respondeu. Num terrível instante de recordação cristalina, ouvi a voz do pai de Moli, a gritar do seu canto da lareira “Maldita sejas, rapariga!” Moli estremeceu, mas ignorara-o. Sabia que não valia a pena discutir com um bêbado. “Moli,” gemi de súbito e pousei a cabeça nos braços para chorar.

Passado algum tempo, senti as mãos de Breu nos meus ombros. “Vá, rapaz, isto não te leva a nada. Cama contigo. Amanhã tens de enfrentar a tua rainha.” Havia muito mais paciência na voz dele do que eu merecia, e de súbito compreendi até que ponto chegava a minha grosseria.

Esfreguei a cara na manga e consegui erguer a cabeça. Não resisti quando ele me ajudou a pôr-me em pé e me levou para o beliche no canto. Quando me sentei na borda do beliche, disse em voz baixa: “Tu sabias. Tu sempre soubeste.”

“Soube o quê?”, perguntou-me ele num tom fatigado.

“Sabias tudo isto acerca do Catalisador e do Profeta Branco.”

Ele soprou pelo nariz. “Eu não ‘sei’ nada disso. Sei algumas coisas sobre o que se escreveu acerca deles. Lembra-te de que as coisas estavam comparativamente assentes antes do teu pai abdicar. Eu passei muitos e longos anos, depois de me instalar na minha torre, em que o meu rei não requeria os meus serviços durante meses. Tinha muito tempo para ler, e muitas fontes de pergaminhos. De modo que encontrei algumas das lendas e escritos estrangeiros que se referem a um Catalisador e a um Profeta Branco.” A sua voz tornou-se mais branda, como se se tivesse esquecido da ira contida na minha pergunta.

“Foi só depois de o Bobo chegar a Torre do Cervo, e de eu ter descoberto discretamente que ele nutria um forte interesse por esses escritos, que o meu interesse foi espicaçado. Tu próprio me disseste uma vez que ele se tinha referido a ti como o Catalisador. De modo que eu comecei a interrogar-me... mas na verdade, dou pouco crédito a todas as profecias.”

Deitei-me com cautela. Já quase conseguia de novo dormir de costas. Deitei-me de lado, descalcei as botas com os pés, e pus uma manta em cima de mim.

“Fitz?”

“O que é?”, perguntei a Breu com maus modos.

“Kettricken está zangada contigo. Não contes com a paciência dela, amanhã. É melhor manteres presente que ela não é só a nossa rainha. É uma mulher que perdeu um filho e foi mantida em suspenso a respeito da morte do marido durante mais de um ano, que foi corrida do seu país adotivo, só para ver os problemas seguir-lhe os passos até à sua terra natal. O pai está compreensivelmente amargo. Deita um olho de guerreiro sobre os Seis Ducados e Majestoso, e não tem tempo para demandas para encontrar o irmão do seu inimigo, mesmo se acreditasse que ele está vivo. Kettricken está só, mais dolorosamente só do que tu ou eu podemos imaginar. Arranja tolerância pela mulher. E respeito pela tua rainha.” Fez uma pausa desconfortável. “Vais precisar de ambos amanhã. Eu de pouca ajuda te posso ser junto dela.”

Acho que ele continuou a falar depois daquilo, mas eu tinha deixado de o ouvir. O sono depressa me arrastou para baixo das suas vagas.

Tinha-se passado algum tempo desde que sonhos de Talento me incomodaram. Não sei se a minha fraqueza física teria final-

mente banido os sonhos de batalha, ou se teria sido a minha guarda constante contra o círculo de Majestoso que bloqueara a sua entrada na minha mente. Nessa noite, a minha breve folga terminou. A força do sonho de Talento que me arrancou ao meu corpo fez com que parecesse que uma grande mão tivesse entrado em mim, me tivesse agarrado pelo coração e arrastado para fora de mim mesmo. Vi-me de súbito noutra lugar.

Era uma cidade, no sentido em que as pessoas viviam lá em grande número. Mas as pessoas eram diferentes de quaisquer outras que eu tivesse visto, e também nunca vira tais habitações. Os edifícios erguiam-se e espiralavam até alturas entontecedoras. A pedra das paredes parecia ter fluído até adotar aquelas formas. Havia pontes de traço delicado e jardins que caíam em cascata e subiam em gavinhas pelos lados das estruturas. Havia fontes que dançavam e outras que formavam silenciosas lagoas. Por toda a parte, pessoas vestidas de cores brilhantes deslocavam-se pela cidade, numerosas como formigas.

E no entanto, tudo estava silencioso e imóvel. Eu sentia o fluxo de gente, o jogo das fontes, o perfume das flores que se desdobravam nos jardins. Tudo estava lá, mas quando virava a cabeça para o contemplar, desaparecia. A mente conseguia detetar o traço delicado da ponte, mas o olho via apenas os detritos caídos, entregues à ferrugem e à putrefação. Paredes cobertas de frescos tinham sido polidas pelo vento até se transformarem em tijolos toscamente estucados. Um virar de cabeça transformava uma fonte saltitante em poeira cheia de ervas daninhas numa bacia rachada. A multidão apressada no mercado falava apenas com a voz de um vento rápido carregado de areia que picava. Desloquei-me através daquele fantasma de cidade, incorpóreo e perscrutador, incapaz de decifrar a razão de estar ali ou o que me atraía. Não estava claro nem escuro, não era verão nem inverno. Estou fora do tempo, pensei, e perguntei a mim próprio se aquele seria o derradeiro inferno da filosofia do Bobo, ou a derradeira liberdade.

Por fim vi, muito à minha frente, uma pequena silhueta que se arrastava por uma das vastas ruas. A sua cabeça estava inclinada contra o vento, e mantinha o debrum do manto por cima da boca e do nariz enquanto caminhava, para se proteger do vento carregado de areia. Não fazia parte da multidão fantasmagórica, mas deslocava-se através dos detritos, circundando os locais onde alguma

agitação na terra afundara ou erguera a rua pavimentada. Soube no instante em que o avistei que aquele era Veracidade. Soube-o pela sacudidela de vida que senti no peito, e soube então que o que me puxara para ali fora a minúscula pedrinha de Talento de Veracidade que se escondera no interior da minha consciência. Também senti que o perigo em que ele estava era extremo. Mas nada vi que o ameaçasse. Ele estava a grande distância de mim, via-o através das sombras brumosas de edifícios que tinham em tempos existido, velado pelos fantasmas da multidão de um dia de mercado. Avançava pesadamente e com dificuldade, só e imune à cidade fantasma, e no entanto estava entrelaçado nela. Eu nada vi, mas o perigo erguia-se sobre ele como a sombra de um gigante.

Corri atrás dele e num piscar de olhos estava a seu lado. “Ah,” cumprimentou-me. “Então finalmente vieste, Fitz. Bem-vindo.” Não fez uma pausa na caminhada, nem virou a cabeça. No entanto, senti uma tepidez que foi como se ele me tivesse agarrado a mão num cumprimento, e não senti necessidade de responder. Em vez disso, vi com os olhos dele a atração e o perigo.

Um fio fluía à nossa frente. Não era água. Não era pedra brilhante. Tinha algo de ambas as coisas mas não era nenhuma delas. Cortava a cidade como uma lâmina cintilante, deslizando da montanha fendida atrás de nós e continuando até desaparecer num rio de água, mais antigo. Como uma camada carbonífera desnudada por uma maré cortante, ou um veio de ouro em quartzo, jazia, exposto, no corpo da terra. Era magia. A mais pura das magias antigas, inexorável e inconsciente dos homens, fluía ali. O rio de Talento em que tão tediosamente aprendera a navegar estava para aquela magia como o aroma do vinho está para o vinho. Aquilo que eu vislumbrava com os olhos de Veracidade tinha uma existência física tão concreta como a minha. Fui imediatamente atraído para lá como uma traça é atraída para a chama de uma vela.

Não era apenas a beleza daquela corrente brilhante. A magia enchia cada um dos sentidos de Veracidade. O som do seu fluxo era musical, uma corrente de notas que nos mantinha à espera e à escuta, na certeza de que o som estava a edificar alguma coisa. O vento transportava o seu odor, fugidio e mutável, um momento a aresta de flores de limoeiro, no seguinte uma fumarenta espiral de especiarias. Saboreava-a a cada inspiração, e ansiava por mergulhar nela. Tive subitamente a certeza de que ela apagaria cada apetite de

que alguma vez sofrera, não só apenas os do corpo, mas também os vagos anseios da alma. Desejei com ardor que o meu corpo também lá estivesse, para poder experimentá-la tão completamente como Veracidade.

Veracidade parou, erguendo o rosto. Respirou fundo o ar carregado de Talento como o nevoeiro está carregado de humidade. De súbito, senti, no fundo da garganta de Veracidade, o sabor de um cheiro quente e metálico. O anseio que ele sentira pelo Talento transformou-se de súbito um desejo que tudo consumia. Estava sedento dele. Quando o alcançasse, cairia de joelhos e beberia até mais não poder. Ficaria cheio com toda a consciência do mundo, faria parte do todo e transformar-se-ia no todo. Por fim, conheceria a completude.

Mas o próprio Veracidade deixaria de existir.

Recuei num horror fascinado. Não me parece que haja alguma coisa mais assustadora do que encontrar uma verdadeira vontade de autodestruição. Apesar da atração que eu próprio sentia pelo rio, o encontro desencadeou em mim uma ira. Aquilo não era digno de Veracidade. Nem o homem nem o príncipe que eu conhecera seriam capazes de ato tão covarde. Olhei-o como se nunca o tivesse visto.

E compreendi quão longo fora o tempo que passara desde que o vira.

O brilhante negrume dos seus olhos tinha-se transformado numa escuridão baça. O manto que o vento fazia bater à sua volta era um farrapo rasgado. O couro das suas botas havia rachado há muito, e os pontos das costuras cediam e abriam-se. Os passos que ele dava eram coisas incertas e irregulares. Mesmo se o vento não o esbofeteasse, duvidava de que o seu andar seria firme. Os seus lábios estavam pálidos e estalados, e a pele possuía uma pátina acinzentada, como se o próprio sangue daquele corpo a ele tivesse renunciado. Houvera verões em que ele usara o Talento contra os Navios Vermelhos até tal ponto que a carne e o músculo haviam caído do seu corpo, deixando-o transformado num esqueleto descarnado sem qualquer energia física. Agora era um homem apenas de energia, de músculos filamentosos esticados numa estrutura de ossos quase completamente desprovida de carne. Era a corporização da determinação fatigada. Só a vontade o mantinha em pé e em movimento. Na direção da corrente mágica.

Não sei onde encontrei vontade para lhe resistir. Talvez fosse

por ter feito uma pausa e focado a minha atenção em Veracidade por um instante, e visto tudo o que o mundo perderia se ele deixasse de existir como indivíduo. Fosse qual fosse a fonte da minha força, contrapu-la à dele. Atirei-me para a sua frente, mas ele avançou através de mim. Nada havia ali para mim. “Veracidade, por favor, paraí, esperai!” gritei e atirei-me a ele, uma furiosa pena ao vento. Não tive qualquer efeito nele. Nem sequer fez uma pausa.

“Alguém tem de o fazer,” disse em voz baixa. Três passos mais tarde, acrescentou: “Durante algum tempo, esperei que não fosse eu. Mas, uma e outra vez, perguntei a mim próprio: ‘Então quem será?’” Virou-se para olhar para mim com aqueles olhos reduzidos a cinzas. “Nunca apareceu nenhuma outra resposta. Tenho de ser eu.”

“Veracidade, paraí,” supliquei, mas ele continuou a caminhar. Sem se apressar, sem se demorar, mas simplesmente avançando laboriosamente, da maneira que adota um homem que mediu a distância que tem de percorrer e lhe fez corresponder as suas forças. Ele tinha a resistência para chegar lá, se caminhasse.

Recuei um pouco, sentindo as minhas forças a declinar. Por um momento, temi que o perderia ao ser atraído de volta ao meu corpo adormecido. Depois apercebi-me de um medo igualmente potente. Ligados durante tanto tempo, e sendo mesmo agora puxado atrás dele, podia dar por mim afogado a seu lado naquele veio de magia. Se tivesse um corpo naquele mundo, provavelmente ter-me-ia agarrado a alguma coisa e segurado com força. Enquanto suplicava a Veracidade que parasse e me escutasse, ancorei-me da única outra forma que consegui imaginar. Estendi o meu Talento, agarrando-me às outras pessoas cujas vidas tocavam na minha: Moli, a minha filha, Breu e o Bobo, Castro e Kettricken. Não tinha verdadeiras ligações de Talento com nenhum deles, de modo que me agarrei de uma forma ténue, na melhor das hipóteses, diminuída pelo frenético medo de que a qualquer momento Vontade, Cedoura ou mesmo Emaranhado pudessem de algum modo tomar consciência de mim. Pareceu-me que isso abrandou Veracidade. “Por favor, esperai,” voltei a dizer.

“Não,” disse ele calmamente. “Não procures dissuadir-me, Fitz. É o que eu tenho de fazer.”

\*\*\*

Nunca pensara em medir a força do meu Talento contra a do de Veracidade. Nunca imaginara que poderíamos opor-nos um ao outro. Mas quando tratei de me bater contra ele, senti-me muito como uma criança a espernear e a gritar enquanto o pai a levava calmamente para a cama. Veracidade não se limitou a ignorar o meu ataque, senti que a sua vontade e concentração estavam postas noutra coisa. Continuou implacavelmente a avançar para o fluxo negro, e a minha consciência foi levada com ele. A auto-preservação emprestou uma nova força frenética aos meus esforços. Procurei empurrá-lo para longe, arrastá-lo para trás, mas nada consegui com isso.

No entanto, havia uma terrível dualidade na minha luta. Ansiava por que ele ganhasse. Se ele se sobrepusesse a mim e me arrasasse consigo, então não teria de assumir qualquer responsabilidade. Podia abrir-me àquele fluxo de poder e extinguir-me nele. Seria um fim para todos os tormentos, o termo, por fim. Estava tão cansado de dúvidas e culpas, tão farto de deveres e dívidas. Se Veracidade me levasse consigo para dentro daquele fluxo de Talento podia finalmente capitular sem vergonha.

Chegou um momento em que parámos na borda do iridescente fluxo de poder. Eu fitei-o com os olhos de Veracidade. Não havia uma margem gradual. Pelo contrário, existia uma borda como o gume de uma faca, onde a terra sólida dava lugar a uma corrente de alteridade. Fitei-a, vendo-a como uma coisa estranha ao nosso mundo, uma distorção da sua própria natureza. Pesadamente, Veracidade apoiou-se num joelho. Fitou aquela luminescência negra. Não sei se ele hesitava em dizer adeus ao nosso mundo, ou se fazia uma pausa para reunir força de vontade para se destruir. A minha vontade de resistir estava suspensa. Aquilo era uma porta para uma diferença que eu não conseguia sequer imaginar. A fome e a curiosidade puxaram-nos para mais perto da borda.

No momento seguinte, ele mergulhou as mãos e antebraços na magia.

Partilhei com ele aquele súbito conhecimento. E por isso gritei com ele quando a corrente quente lhe comeu a carne e músculo dos braços. Juro que senti a sua lambidela ácida nos ossos nus dos dedos, do pulso e do antebraço de Veracidade. Conheci a sua dor. Mas a dor foi expulsa das suas feições pelo sorriso extasiado que lhe submergiu a cara. A ligação que com ele tinha tornou-se de súbito uma coisa tosca que impedia que eu sentisse por inteiro o que ele sentia. An-



siei por estar a seu lado, por entregar a minha própria carne àquele rio mágico. Partilhei a sua convicção de que podia pôr fim a toda a dor se cedesse e mergulhasse o resto de si na corrente. Tão fácil. Tudo o que tinha de fazer era debruçar-se um pouco para a frente e deixar-se ir. Inclinou-se sobre a corrente, apoiado nos joelhos, com o suor a pingar-lhe da testa para ir desaparecer em minúsculas baforadas de vapor quando caía naquele fluxo. Tinha a cabeça baixa, e os ombros moviam-se para cima e para baixo com a força dos seus arquejos. Então pediu-me de súbito, numa voz muito sumida: “Puxa-me para trás.”

Não tivera força suficiente para me opor à sua determinação. Mas quando juntei a minha vontade à sua e juntos combatemos a terrível atração do poder, foi suficiente, mesmo à justa. Ele conseguiu libertar os antebraços e as mãos daquela coisa, embora nos parecesse que os estava a arrancar de pedra sólida. Aquilo abriu mão dele com relutância, e enquanto ele recuava a cambalear, eu senti completamente, por um momento, aquilo que ele partilhara. Havia a unicidade do mundo a fluir por ali, como uma única nota doce a ressoar em pureza. Não era a canção da humanidade, mas uma canção mais antiga e maior, de vastos equilíbrios e pura essência. Se Veracidade se lhe tivesse entregue, ela teria posto fim a todos os seus tormentos.

Mas ele pôs-se em pé com dificuldade e virou-lhe costas. Levou os antebraços estendidos à sua frente, com as palmas das mãos viradas para cima, os dedos enrolados em taças como se pedisse alguma coisa. Em forma, não tinham mudado. Mas agora braços e dedos cintilavam, prateados, com o poder que penetrara e se fundira com a sua carne. Quando começou a afastar-se da corrente com o mesmo propósito estudado com que a abordara, senti como os seus braços e mãos ardiam, como se estivessem queimados pelo frio.

“Não compreendo,” disse-lhe.

“Não quero que compreendas. Ainda não.” Senti nele uma dualidade. O Talento ardia em si como um fogo de forja de um calor incrível, mas a força que tinha no corpo era apenas suficiente para o manter a caminhar. Agora não lhe requeria qualquer esforço proteger a minha mente da atração daquele rio. Mas deslocar o corpo ao longo do caminho punha-lhe à prova tanto a carne como a força de vontade. “Fitz. Vem até mim. Por favor.” Daquela vez não era nenhuma ordem de Talento, nem sequer a ordem de um príncipe, só a

súplica que um homem fazia a outro. “Não tenho círculo, Fitz. Só te tenho a ti. Se o círculo que Galeno criou para mim se tivesse revelado leal, teria mais fé em ser possível aquilo que tenho de fazer. Mas eles não só me são desleais, como procuram derrotar-me. Dão-me bicadas como pássaros a um cervo moribundo. Não me parece que os seus ataques possam destruir-me, mas temo que consigam enfraquecer-me o suficiente para que eu não tenha sucesso. Ou, pior ainda, que consigam distrair-me e ser bem sucedidos em vez de mim. Não podemos permitir que isso aconteça, rapaz. Tu e eu somos tudo o que se interpõe entre eles e o seu triunfo. Tu e eu. Os Visionários.”

Eu não estava lá em nenhum sentido físico. Mas ele sorriu-me e ergueu uma terrível mão cintilante para nela me envolver o rosto. Teria a intenção de fazer o que fez? Não sei. A sacudidela foi tão poderosa como se um guerreiro me tivesse atirado o escudo contra a cara. Mas não era dor. Era conhecimento. Como a luz do sol a atravessar as nuvens para iluminar uma clareira na floresta. Tudo de súbito se destacou com clareza, e eu vi todos os motivos e propósitos escondidos para o que fazíamos, e compreendi com uma dolorosa pureza de esclarecimento porque era necessário que eu seguisse o caminho aberto na minha frente.

Então tudo desapareceu, e eu encolhi-me para o interior do negrume. Veracidade desaparecera e levava consigo a minha compreensão. Mas, por um breve instante, vislumbrara a plenitude. Agora só eu restava, mas o meu ser era tão minúsculo que só podia existir se me segurasse com todo o meu poder. Portanto foi o que fiz.

De um mundo de distância, ouvi Esporana gritar de medo: “O que se passa com ele?” E Breu respondeu com brusquidão: “É só um ataque, como os que tem de vez em quando. A cabeça, Bobo, segura-lhe a cabeça, senão ainda transforma o cérebro em puré.” À distância, senti mãos a agarrar-me e a restringir-me os movimentos. Entreguei-me aos seus cuidados e afundei-me na escuridão. Voltei a mim, por um bocado, algum tempo depois. Pouco me lembro disso. O Bobo ergueu-me os ombros e equilibrou-me a cabeça para que eu pudesse beber de um copo que um Breu preocupado me levava aos lábios. A amargura familiar do casco-de-elfo franziu-me a boca. Obtive um vislumbre de Panela em pé por cima de mim, com os lábios dispostos numa apertada linha de desaprovação. Esporana estava mais afastada, com os olhos enormes como os de um animal

encurralado, sem se dignar a tocar-me. “Isto deve trazê-lo de volta,” ouvi Breu dizer enquanto me afundava num sono mais profundo.

Na manhã seguinte, acordei cedo apesar do latejar na cabeça, e dirigi-me aos banhos. Esgueirei-me para o exterior tão silenciosamente que o Bobo não acordou, mas Olhos-de-Noite levantou-se e escapuliu-se comigo.

*Para onde foste ontem à noite?*, quis ele saber, mas eu não tinha resposta para lhe dar. Ele apercebeu-se da minha relutância em pensar nisso. *Agora vou caçar*, informou-me com acrimónia. *Aconselho-te a só beberes água depois disto*. Eu assenti humildemente e ele deixou-me à porta da casa de banhos.

Lá dentro encontrei o fedor mineral da água quente que saía a borbulhar do interior da terra. O povo da Montanha encurralava-a em grandes tanques, e canalizava-a até outras banheiras para que as pessoas pudessem escolher o calor e profundidade que desejassem. Esfreguei-me numa banheira para banhos, após o que me submergi na água mais quente que consegui suportar e tentei não me lembrar do escaldão de Talento nos antebraços de Veracidade. Emergi vermelho como um caranguejo cozido. Na extremidade fria da cabana de banhos havia vários espelhos pendurados da parede. Tentei não ver a minha própria cara enquanto me barbeava. Fazia-me lembrar com demasiada nitidez a de Veracidade. Alguma da magreza havia partido na última semana, mas a madeixa branca sobre a testa estava de volta e via-se ainda com mais clareza quando preni o cabelo num rabo-de-cavalo de guerreiro. Não me teria surpreendido ver o sinal da mão de Veracidade na minha cara, ou encontrar a cicatriz erradicada e o nariz endireitado, tamanho fora o poder daquele toque. Mas a cicatriz que Majestoso criara na minha cara destacava-se, pálida, contra a pele enrubescida pelo vapor. Nada melhorara o nariz partido. Não havia absolutamente nenhum sinal exterior do meu encontro da noite anterior. Uma e outra vez, a minha mente regressou àquele momento, àquele toque do mais puro poder. Esforcei-me por recordá-lo e quase consegui. Mas a absoluta experiência que nele havia, como a dor ou o prazer, não podia ser recordada por completo, mas apenas como uma memória pálida. Sabia que experimentara algo de extraordinário. Os prazeres do uso do Talento, contra os quais todos os utilizadores são acautelados, eram como uma minúscula brasa em comparação com a grande fogueira do saber, do sentir e do ser que partilhara brevemente na noite anterior.

Aquilo mudara-me. A ira que andara a nutrir contra Kettricken e Breu fora esventrada. Ainda conseguia encontrar a emoção, mas não era capaz de a recuperar em força. Por um breve momento, vira não só a minha filha, mas a situação inteira de todos os pontos de vista possíveis. Não havia malícia naquela intenção, nem sequer egoísmo. Eles acreditavam na moralidade daquilo que faziam. Eu não. Mas já não podia negar por inteiro o sentido do que procuravam. Isso deixou-me a sentir-me despojado de alma. Eles queriam tirar a filha a Moli e a mim. Eu era capaz de odiar o que faziam, mas não conseguia focar neles essa ira.

Abanei a cabeça, trazendo-me de volta ao presente. Olhei para mim no espelho, perguntando a mim próprio como Kettricken me veria. Veria ainda o jovem que seguira os passos de Veracidade e tão frequentemente a servira na corte? Ou olharia para a minha cara marcada e pensaria que não me conhecia, que o Fitz que conhecera desaparecera? Bem, por aquela altura já sabia como eu ganhara as cicatrizes. A minha rainha não devia ficar surpreendida. Iria deixá-la julgar quem estava por trás daquelas marcas.

Controlei os nervos, e de seguida virei as costas ao espelho. Olhei por cima do ombro. O centro do ferimento que tinha nas costas fez-me lembrar uma estrela-do-mar vermelha e afundada na minha carne. Em volta dela, a pele estava apertada e brilhante. Fleti os ombros e vi a pele repuxar a cicatriz. Estendi o braço da espada e senti um minúsculo puxão de resistência que aí havia. Bem, não servia de nada preocupar-me com isso. Vesti a camisa.

Regressei à cabana do Bobo para me vestir de fresco e descobri, para minha surpresa, que ele estava vestido e pronto para me acompanhar. Havia roupa estendida no meu beliche: uma camisa branca de mangas largas, de uma lã quente e suave, e umas calças escuras de um tecido mais pesado de lã. Havia um casaco curto e escuro que combinava com as calças. O Bobo disse-me que a roupa fora deixada por Breu. Era tudo muito simples e desprezioso.

“Isso fica-te bem,” observou o Bobo. Ele estava vestido de uma forma muito semelhante à que usava todos os dias, com uma veste de lã, mas esta era azul-escura com bordados nas mangas e na bainha. Assemelhava-se mais ao que eu vira a gente da Montanha usar. Acentuava muito mais a sua palidez do que a branca, e tornava mais evidente a meus olhos o tom ligeiramente amarelado que a sua pele, olhos e cabelo estavam a começar a mostrar. O seu cabelo era tão

fino como sempre fora. Deixado a si próprio, ainda parecia flutuar livremente em volta da sua cara, mas hoje ele levava-o atado atrás da cabeça.

“Não sabia que Kettricken te tinha convocado,” observei, ao que ele respondeu sombriamente: “Mais uma razão para que me apresente. Breu veio ver como estavas hoje de manhã, e ficou preocupado por não te encontrar cá. Acho que ele tem um certo receio de que tenhas voltado a fugir com o lobo. Mas para o caso de não o teres feito, deixou uma mensagem para ti. Com exceção daqueles que estiveram nesta cabana, a ninguém em Jhaampe foi dito o teu nome verdadeiro. Por mais que te surpreenda que a menestrel teve discrição suficiente para isso. Nem mesmo a curandeira sabe quem curou. Lembra-te, és Tomé, o pastor, até que a Rainha Kettricken sinta que pode falar-te com mais clareza. Compreendes?”

Suspirei. Compreendia bem demais. “Nunca tinha ouvido dizer que Jhaampe era palco de intrigas.”

Ele soltou uma gargalhadinha. “Só fizeste uma breve visita à cidade antes disto. Acredita, Jhaampe gera intrigas exatamente tão rebuscadas como as de Torre do Cervo. Enquanto estrangeiros aqui, seremos sensatos se evitarmos o máximo que pudermos ser enredados nelas.”

“Exceto naquelas que trazemos connosco,” disse-lhe, e ele sorriu amargamente enquanto anuí.

O dia estava luminoso e fresco. O céu que espreitava por cima das nossas cabeças, através dos ramos escuros dos pinheiros, era de um azul infinito. Uma pequena brisa corria ao nosso lado, sacudindo cristais secos de neve ao longo dos cimos congelados dos montes de neve. A neve seca guinchava sob as nossas botas e o frio beijava-me rudemente as bochechas acabadas de escanhoar. Ouvi os gritos de crianças a brincar, vindos de mais adiante, na cidade. Olhos-de-Noite espetou as orelhas ao ouvi-los, mas continuou a seguir-nos. As vozes fracas à distância fizeram-me lembrar os gritos de aves marinhas, e de súbito senti uma aguda saudade das costas de Cervo.

“Ontem à noite tiveste um ataque,” disse o Bobo em voz baixa. Não era bem uma pergunta.

“Eu sei,” disse eu com brevidade.

“Panela pareceu muito aflita com ele. Interrogou Breu com grande intensidade sobre as ervas que ele preparou para ti. E quando elas não te despertaram como ele dissera que despertariam, foi-se

enfiar no seu canto. Ficou lá sentada a maior parte da noite, a fazer costura com ruído e a olhá-lo desaprovadamente. Foi um alívio para mim quando se foram finalmente todos embora.”

Tive curiosidade de saber se Esporana teria ficado, mas não perguntei. Nem sequer queria saber por que motivo isso me importava.

“Quem é Panela?”, perguntou o Bobo de repente.

“Quem é Panela?”, perguntei, surpreendido.

“Creio que acabei de dizer isso.”

“Panela é...” De súbito pareceu-me estranho que soubesse tão pouco sobre alguém com quem viajara durante tanto tempo. “Acho que ela cresceu em Cervo. E depois viajou, e estudou pergaminhos e profecias, e regressou em busca do Profeta Branco.” Encolhi os ombros à escassez do meu conhecimento.

“Diz-me. Acha-la... portentosa?”

“O quê?”

“Não sentes que há qualquer coisa nela, qualquer coisa que...” Sacudiu a cabeça, zangado. Era a primeira vez que eu via o Bobo em busca de palavras. “Às vezes, sinto que ela é significativa. Que está entrelaçada connosco. De outras vezes, parece não passar duma velha abelhuda com uma infeliz falta de gosto quando escolhe companhias.”

“Referes-te a mim,” ri-me.

“Não. Refiro-me àquela menestrel intrometida.”

“Porque é que tu e Esporana antipatizam tanto um com o outro?”, perguntei num tom fatigado.

“Não é antipatia, meu caro Fitzy. Pela minha parte, é desinteresse. Infelizmente, ela não consegue conceber um homem que a olha sem interesse de se deitar com ela. Toma a minha simples rejeição como um insulto, e procura transformá-la numa qualquer carência ou falha em mim. Entretanto, eu ofendo-me com a atitude proprietária que tem em relação a ti. Ela não tem nenhum real afeto por ti, sabes, Fitz?, só por poder dizer que conhece FitzCavalaria.”

Fiquei em silêncio, temendo que o que ele dissera fosse verdade. E assim chegámos ao palácio de Jhaampe. Era tão diferente de Torre do Cervo como eu podia imaginar. Ouvi dizer que as habitações de Jhaampe devem as suas origens às tendas em forma de cúpula que algumas das tribos nómadas ainda usam. As habitações mais pequenas ainda eram suficientemente semelhantes a tendas para que

não me surpreendessem como o palácio continuava a surpreender. A árvore-coração viva que era o seu mastro central erguia-se, imensa, acima de nós. Outras árvores secundárias tinham sido pacientemente contorcidas ao longo de anos para fornecer suporte às paredes. Quando aquela estrutura viva fora estabelecida, entrançados de pano de casca de árvore haviam sido pacientemente dispostos com graciosidade sobre ela para formar a base das paredes suavemente curvas. Estucadas com uma espécie de argila, e depois pintadas de cores brilhantes, as casas far-me-iam sempre lembrar botões de tülipa ou chapéus de cogumelos. Apesar do seu grande tamanho, o palácio parecia orgânico, como se tivesse brotado do rico solo da floresta antiga que o abrigava.

O tamanho transformava-o num palácio. Não havia mais sinais exteriores, não havia bandeiras, não havia guardas reais a flanquear as portas. Ninguém procurou barrar a nossa entrada. O Bobo abriu as portas esculpidas e com armação de madeira de uma entrada lateral, e entrámos. Segui-o enquanto ele tecia o seu caminho por um labirinto de aposentos independentes. Outras salas situavam-se em plataformas acima de nós, às quais se chegava por meio de escadas ou, para as mais grandiosas, escadarias de madeira. As paredes dos aposentos eram coisas pouco consistentes, com algumas salas temporárias a não passarem de entrançados de pano de casca de árvore estendidos sobre armações. O interior do palácio era só ligeiramente mais quente do que a floresta que se estendia no exterior. Os aposentos individuais eram aquecidos no inverno por braseiros independentes.

Segui o Bobo até um aposento, cujas paredes exteriores estavam decoradas com delicadas ilustrações de aves aquáticas. Aquela era uma sala mais permanente, com portas deslizantes de madeira também esculpidas com pássaros. Consegui ouvir as notas da harpa de Esporana vindas lá de dentro, e o murmúrio de vozes baixas. O Bobo bateu à porta, esperou um momento e depois abriu-a para nos deixar entrar. Kettricken encontrava-se lá dentro com a amiga do Bobo, Joffron, e várias outras pessoas que eu não reconheci. Esporana encontrava-se sentada num banco a um lado, tocando suavemente enquanto Kettricken e os outros bordavam uma colcha numa moldura que quase enchia a sala. Um brilhante jardim de flores estava a ser criado em cima da colcha. Breu estava sentado não muito longe de Esporana. Vestia uma camisa branca e calças escuras

com um longo colete de lã, alegremente bordado, por cima da camisa. Tinha o cabelo puxado para trás num rabo-de-cavalo grisalho de guerreiro, e ostentava o símbolo do cervo na faixa de couro que cingia a testa. Parecia décadas mais novo do que parecera em Torre do Cervo. Eles conversavam em vozes mais baixas do que a música.

Kettricken ergueu os olhos, de agulha na mão, e saudou-nos calmamente. Apresentou-me aos outros como Tomé, e perguntou educadamente se eu estava a recuperar bem do meu ferimento. Disse-lhe que sim, e ela pediu-me para me sentar e descansar por um bocado. O Bobo deu a volta à colcha, elogiou Joffron pela qualidade dos seus pontos e, quando ela o convidou, ocupou um lugar a seu lado. Pegou numa agulha e em fio, enfiou o fio pelo buraco da agulha e pôs-se a acrescentar borboletas de sua invenção a um canto da colcha, enquanto ele e Joffron conversavam em voz baixa sobre jardins que tinham conhecido. Parecia muito à vontade. Eu senti-me perdido, ali sentado sem ter nada para fazer numa sala cheia de gente calmamente ocupada. Esperei que Kettricken falasse comigo, mas ela prosseguiu com o seu trabalho. Os olhos de Esporana encontraram-se com os meus e limitou-se a sorrir rigidamente. Breu evitou o meu olhar, olhando para lá de mim como se não nos conhecêssemos.

Havia conversas na sala, mas eram baixas e intermitentes, normalmente pedidos para que uma meada de fio fosse passada a alguém, ou comentários sobre o trabalho uns dos outros. Esporana tocava as velhas e familiares baladas de Cervo, mas sem letra. Ninguém me falou nem me prestou a mínima atenção. Esperei.

Passado algum tempo comecei a perguntar a mim próprio se aquilo seria uma subtil forma de punição. Tentei permanecer descontraído, mas a tensão aumentou repetidamente em mim. Com intervalos de alguns minutos, ocorria-me descerrar os maxilares e descontraír os ombros. Precisei de algum tempo para ver uma ansiedade semelhante em Kettricken. Passara muitas horas a servir a minha senhora em Torre do Cervo, quando ela chegara à corte. Vira-a letárgica na costura, ou cheia de vida no jardim, mas agora cosia furiosamente, como se o destino dos Seis Ducados dependesse de ela completar aquela colcha. Estava mais magra do que eu a recordava, com os ossos e planos do rosto a ver-se mais claramente. O cabelo, um ano depois de o ter cortado em luto por Veracidade, ainda estava demasiado curto para ser bem preso. As suas pálidas madeixas



andavam sempre a cair para a frente. Havia rugas no seu rosto, em volta dos olhos e da boca, e era frequente morder os lábios, algo que eu nunca antes a vira fazer.

A manhã pareceu arrastar-se, mas por fim um dos jovens endireitou-se, após o que se espreguiçou e declarou que os seus olhos estavam a ficar demasiado cansados para trabalhar mais hoje. Perguntou à mulher sentada a seu lado se lhe apetecia ir com ele à caça naquele dia, e ela prontamente concordou. Como se aquilo fosse algum tipo de sinal, os outros começaram a levantar-se e a espreguiçar-se, e a despedir-se de Kettricken. Senti-me atingido pela familiaridade que mostravam para com ela, até me lembrar de que ali ela não era vista como rainha, mas como eventual Sacrifício pelas Montanhas. O seu papel entre a sua gente nunca seria visto como o de uma governante, mas como guia e coordenadora. O pai, o Rei Eyod, era conhecido entre o seu povo como o Sacrifício, e esperava-se dele que estivesse sempre altruisticamente disponível para ajudar a sua gente de qualquer modo que ela pudesse requerer. Era uma posição ao mesmo tempo menos régia e mais amada do que a da realeza de Cervo. Perguntei a mim próprio, indolentemente, se não poderia ter sido melhor para Veracidade se tivesse vindo para ali e ser o consorte de Kettricken.

“FitzCavalaria.”

Ergui o olhar perante a ordem de Kettricken. Só ela, Esporana, Breu e o Bobo permaneciam na sala. Quase olhei para Breu em busca de orientação. Mas os seus olhos haviam-me anteriormente excluído. Depreendi que, ali, estava entregue a mim próprio. O tom de voz de Kettricken transformava aquilo numa entrevista formal. Endireitei-me, e depois consegui fazer uma vénia bastante rígida. “Minha rainha, convocastes-me.”

“Explicai-vos.”

O vento que soprava lá fora era mais quente do que a voz dela. Olhei de relance para os seus olhos. Gelo azul. Baixei o olhar e respirei fundo. “Devo apresentar um relatório, minha rainha?”

“Se isso explicar os vossos fracassos, sim.” Aquilo sobressaltou-me. Os meus olhos voaram para os dela, mas embora os nossos olhares se tenham cruzado, não houve um encontro. Toda a menina em Kettricken fora queimada, da mesma forma que as impurezas são expulsas do minério de ferro, numa fundição, através do fogo e de marteladas. Com ela parecia terem desaparecido também quais-

quer sentimentos que ela tivesse nutrido pelo sobrinho bastardo do marido. Sentava-se na minha frente como governante, não como amiga. Não esperara sentir tão agudamente essa perda.

Apesar do meu discernimento, permiti que o gelo penetrasse na minha voz. “Submeter-me-ei à opinião da minha rainha quanto a isso,” afirmei.

Ela não teve mercê. Obrigou-me a começar, não com a minha morte, mas dias antes, quando começáramos a planejar subtrair secretamente o Rei Sagaz de Torre do Cervo e do alcance de Majestoso. Em pé, na sua frente, tive de admitir que os Duques Costeiros me haviam abordado com a proposta de me reconhecerem como Rei Expectante no lugar de Majestoso. Pior, tive de lhe dizer que, embora tivesse recusado essa proposta, prometera aliar-me com eles, assumindo o comando do Castelo de Torre do Cervo e a proteção da costa de Cervo. Breu avisara-me uma vez que aquilo se aproximava tanto de traição que não fazia diferença. Mas eu estava mortalmente cansado de todos os meus segredos, e desvendei-os inexoravelmente. Por mais do que uma vez, desejei que Esporana não estivesse na sala, pois temia vir a ouvir as minhas próprias palavras transformadas numa canção denunciadora. Mas se a minha rainha a considerava digna de confiança, não me cabia questioná-lo.

De modo que lá continuei, ao longo do fatigado rasto dos dias. Pela primeira vez, ela ouviu-me contar o modo como o Rei Sagaz morrera nos meus braços, e como eu localizara e matara Serena e Justino no Grande Salão, à frente de toda a gente. Quando cheguei aos dias passados na masmorra de Majestoso, ela não teve piedade de mim. “Ele mandou espancar-me e deixar-me à fome, e eu teria perecido aí se não tivesse simulado a morte,” disse. Não foi o suficiente para ela.

Ninguém, nem mesmo Castro, conhecera um relato completo desses dias. Revesti-me de aço e atirei-me a ele. Passado algum tempo, a minha voz começou a tremer. Vacilei na narração. Então olhei para lá dela, para a parede, respirei fundo, e prossegui. Olhei-a de relance uma vez, para a descobrir branca como gelo. Parei de pensar nos acontecimentos que estavam por trás das minhas palavras. Ouvi a minha própria voz a relatar desapaixonadamente tudo o que acontecera. Ouvi Kettricken sustar a respiração quando falei de contactar Veracidade pelo Talento a partir da minha cela. À parte isso, na sala não havia um som. Os meus olhos vaguearam uma vez até

Breu. Descobri-o sentado, mortalmente imóvel, com uma expressão no maxilar que era como se estivesse a suportar um tormento seu qualquer.

Forjei o meu caminho através da história, narrando, sem julgamentos, a minha própria ressurreição por Castro e Breu, a magia da Manha que a tornara possível e os dias que se haviam seguido. Falei da nossa separação em zanga, contei em detalhe as minhas viagens, as alturas em que conseguira sentir Veracidade e as breves uniões que partilháramos, o meu atentado contra a vida de Majestoso, e até o modo como Veracidade implantara involuntariamente na minha alma a sua ordem de ir até ele. E prossegui, prossegui, com a voz a tornar-se mais rouca à medida que a garganta e a boca secavam com o relato. Não fiz pausas nem descansei até ter terminado de lhe contar a cambaleante viagem final até Jhaampe. E quando a história completa dos meus dias lhe foi finalmente contada, continuei em pé, esvaziado e fatigado. Há quem diga que existe alívio na partilha de preocupações e dores. Para mim, não houve catarse, só um desenterrar de cadáveres apodrecidos de memórias, um desnudar de ferimentos ainda em supuração. Após um período de silêncio, descobri a crueldade de perguntar: “O meu relato desculpa os meus fracassos, minha rainha?”

Mas se pensara dilacerá-la, também nisso fracassei. “Não mencionais a vossa filha, FitzCavalaria.”

Era verdade. Não mencionara Moli e a criança. O medo cortou-me como uma lâmina fria. “Não tinha pensado nela como dizendo respeito ao relatório.”

“É evidente que tem de dizer,” disse a Rainha Kettricken, implacável. Forcei-me a olhá-la. Tinha as mãos apertadas na sua frente. Tremariam, sentiria ela algum remorso por aquilo que disse de seguida? Não sei dizer. “Dada a sua linhagem, ela faz muito mais do que ‘dizer respeito’ a esta discussão. Idealmente, devia estar aqui, onde podemos garantir um certo grau de segurança à herdeira Visionário.”

Impus calma à minha voz. “Minha rainha, estais enganada por lhe chamardes isso. Nem eu, nem ela, temos alguma pretensão legítima ao trono. Ambos somos ilegítimos.”

Kettricken estava a abanar a cabeça. “Não consideramos o que existe ou deixa de existir entre vós e a mãe dela. Consideramos apenas a sua linhagem de sangue. Independentemente do que possais

pretender para ela, a sua linhagem irá reclamá-la. Eu não tenho filhos.” Até ouvi-la dizer aquilo em voz alta, não me tinha apercebido da profundidade da sua dor. Alguns momentos antes, julgara-a desprovida de coração. Agora perguntava a mim próprio se ainda seria completamente sã. Tal era a dor e o desespero que aquela frase transmitia. Ela forçou-se a prosseguir. “Tem de haver um herdeiro para o trono Visionário. Breu avisou-me de que eu, sozinha, não poderei juntar as pessoas para que se protejam. Ainda sou demasiado estrangeira a seus olhos. Mas independentemente de como me vejam, continuo a ser sua rainha. Tenho um dever a cumprir. Tenho de encontrar uma maneira de unir os Seis Ducados e repelir os invasores das nossas costas. Para o fazer, eles têm de ter um líder. Eu pensara em oferecer-vos a vós, mas Breu disse que também não vos aceitarão. Aquele assunto da vossa suposta morte e uso da magia dos animais é um obstáculo grande demais. Assim sendo, resta apenas a vossa filha na linhagem Visionário. Majestoso mostrou-se desleal para com o seu próprio sangue. Isso quer dizer que ela tem de ser Sacrifício pelo nosso povo. Por ela, juntar-se-ão.”

Atrevi-me a falar. “Ela não passa de um bebé, minha rainha. Como poderá...”

“Ela é um símbolo. Tudo o que as pessoas exigirão dela, de momento, é que exista. Mais tarde, será verdadeiramente sua rainha.”

Senti-me como se ela me tivesse roubado o ar. Continuou a falar. “Vou enviar Breu para que a traga para cá, onde pode ser mantida a salvo e educada como deve ser enquanto cresce.” Suspirou. “Gostaria que a mãe estivesse com ela. Infelizmente, temos de arranjar maneira de apresentar a criança como minha. Como odeio estes enganos. Mas Breu convenceu-me da sua necessidade. Espero que também consiga convencer a mãe da vossa filha.” Mais para si própria, acrescentou: “Teremos de dizer que afirmámos que o meu filho nasceu morto a fim de levar Majestoso a crer que não havia um herdeiro que o ameaçasse. Meu pobre filhinho. O seu povo nunca chegará a saber que ele nasceu. E isso, suponho, é como ele é Sacrifício por eles.”

Dei por mim a olhar Kettricken com atenção, e a achar que restava muito pouco da rainha que conhecera em Torre do Cervo. Detestava o que ela estava a dizer; aquilo indignava-me. Mas a minha voz soou suave quando perguntei: “Qual é a necessidade

de tudo isto, minha rainha? O Rei Veracidade está vivo. Eu encontrá-lo-ei e farei todos os possíveis para que ele volte para vós. Juntos, governareis em Torre do Cervo, e os vossos filhos governarão depois de vós.”

“Voltará? Governaremos? Governarão?” Ela quase abanou a cabeça numa negação. “Pode ser que sim, FitzCavalaria. Mas durante demasiado tempo pus a minha fé na crença de que as coisas se passariam como deviam passar-se. Não voltarei a ficar presa dessas expetativas. Há coisas de que temos de assegurar-nos antes de correremos mais riscos. Tem de ser garantido um herdeiro para o trono Visionário.” Enfrentou-me calmamente o olhar. “Eu redigi a declaração e entreguei uma cópia a Breu, devendo a outra ser mantida aqui em segurança. A vossa filha é herdeira ao trono, FitzCavalaria.”

Havia tanto tempo que mantinha a alma intacta com uma minúscula esperança. Durante tantos meses seduzira-me com a ideia de que, quando tudo estivesse terminado, poderia de algum modo regressar para junto de Moli e reconquistar o seu amor, que poderia reclamar a minha filha como minha. Outros homens podiam sonhar com honrarias, riquezas ou feitos de valor cantados por menestréis. Eu queria chegar a uma pequena choupana ao cair do dia, sentar-me numa cadeira junto à lareira, com as costas a doer por causa do trabalho, as mãos tornadas ásperas pela faina, e segurar uma menininha ao colo enquanto uma mulher que me amava me contava o seu dia. De todas as coisas de que tivera de desistir em simples virtude do sangue que possuía, aquela era a mais importante. Teria de abrir mão dela? Teria de ser para sempre para Moli o homem que lhe mentira, que a abandonara grávida e nunca regressara, e depois levava também a que essa criança lhe fosse roubada?

Não quisera falar em voz alta. Não me apercebi de que o fizera até que a rainha respondeu. “É isso o que significa ser Sacrifício, FitzCavalaria. Nada pode ficar guardado para nós. Nada.”

“Então não a reconhecerei.” As palavras queimaram-me a língua apenas por proferi-las. “Não a reclamarei como minha.”

“Não tendes de o fazer, pois eu reclamá-la-ei como minha. Não há dúvida de que terá as feições Visionário. O vosso sangue é forte. Para os nossos propósitos, basta que eu saiba que a criança é vossa. Já o admitistes perante Esporana, a menestrel. Dissestes-lhe que gerastes uma filha com Moli, uma fabricante de velas da Cidade de Torre do Cervo. Por todos os Seis Ducados, o testemunho de um

menestrel é reconhecido por lei. Ela já apôs a sua mão ao documento, com o juramento de que sabe que a criança é uma verdadeira Visionário. FitzCavalaria,” prosseguiu, e a sua voz soou quase gentil, embora os meus ouvidos ressoassem por ouvir as suas palavras e eu quase cambaleasse. “Ninguém pode escapar ao destino. Nem vós, nem a vossa filha. Afastai-vos, e vereis que foi para isto que ela veio a existir. Quando todas as circunstâncias conspiraram para negar um herdeiro à linhagem Visionário, de algum modo um foi criado mesmo assim. Por vós. Aceitai, e aguentai.”

Foram as palavras erradas. Ela podia ter sido educada nelas, mas a mim fora dito que “A luta só acaba quando a ganhares.” Ergui os olhos e olhei-os a todos. Não sei o que eles viram na minha cara, mas as suas imobilizaram-se. “Eu posso encontrar Veracidade,” disse eu em voz baixa. “E fá-lo-ei.”

Eles permaneceram em silêncio.

“Vós quereis o vosso rei,” disse eu a Kettricken. Esperei até ver assentimento na cara dela.

“Eu quero a minha filha,” disse eu em voz baixa.

“Que estais vós a dizer?”, perguntou friamente Kettricken.

“Estou a dizer que quero as mesmas coisas que vós. Quero estar com aquela que amo, para criar com ela a nossa filha.” Enfrentei-lhe o olhar. “Dizei-me que posso ter isso. É tudo o que sempre quis.”

Ela olhou-me diretamente para os olhos. “Não vos posso fazer essa promessa, FitzCavalaria. Ela é demasiado importante para que o simples amor a reclame.”

Aquelas palavras pareceram-me ao mesmo tempo absolutamente absurdas e completamente verdadeiras. Baixei a cabeça em algo que não era assentimento. Perfurei com o olhar um buraco no chão, tentando descobrir outras alternativas, outros caminhos.

“Eu sei o que ides dizer a seguir,” disse Kettricken com amargura. “Que se eu reclamar a vossa filha para o trono, não me ajudareis a encontrar Veracidade. Refleti longa e profundamente, sabendo que isto me iria privar da vossa ajuda. Estou preparada para o procurar sozinha. Tenho o mapa. De algum modo irei...”

“Kettricken.” Interrompi o seu discurso dizendo o seu nome em voz baixa, despojado do título. Não pretendera fazê-lo. Vi que isso a surpreendeu. Dei por mim a abanar lentamente a cabeça. “Não compreendeis. Se Moli estivesse aqui na minha frente com a nossa filha, mesmo assim eu teria de ir em busca do meu rei. Não importa

o que me seja feito, não importa o quão injustamente me tratam. Continuo à mesma a ter de ir em busca de Veracidade.”

As minhas palavras alteraram os rostos na sala. Breu ergueu a cabeça e olhou-me com um orgulho feroz a brilhar nos seus olhos. Kettricken virou a cabeça, piscando os olhos para reprimir lágrimas. Creio que talvez se tenha sentido ligeiramente envergonhada. Para o Bobo, voltei a ser o seu Catalisador. Em Sporana desabrochou a esperança de que eu ainda pudesse ser merecedor de uma lenda.

Mas em mim havia a fome primordial pelo absoluto. Veracidade mostrara-mo na sua forma mais física. Eu ia obedecer à ordem de Talento do meu rei, e servi-lo como jurara fazer. Mas agora outro chamamento me atraía também. O Talento.

## *As Montanhas*

*P*oder-se-ia supor que o Reino da Montanha, com os seus lugarejos distantes uns dos outros e povo disperso, é um novo reino, recentemente constituído. Na verdade, a sua história antecede em muito qualquer registo escrito dos Seis Ducados. Chamar reino àquele país é na realidade impróprio. Nos tempos antigos, os diversificados caçadores, criadores de gado e agricultores, tanto nómadas como sedentários, foram gradualmente concedendo a sua lealdade a uma Juíza, uma mulher de grande sabedoria, que residia em Jhaampe. Embora esta pessoa tenha acabado por ser conhecida pelos forasteiros como o Rei ou a Rainha das Montanhas, para os residentes do Reino da Montanha, ele ou ela é ainda o Sacrifício, aquele que está disposto a dar tudo, até mesmo a vida, a bem daqueles que são governados. A primeira Juíza que vivia em Jhaampe é agora uma figura ensombrada de lendas, sendo os seus feitos conhecidos apenas através das canções que o povo da Montanha ainda canta sobre ela.

Mas por velhas que essas canções sejam, existe um boato ainda mais velho sobre um governante e capital mais antigos. O Reino da Montanha, tal como o conhecemos hoje, é composto quase inteiramente pelo povo nómada e povoados dos flancos orientais das Montanhas. Para lá das Montanhas estendem-se as costas geladas que rodeiam o Mar Branco. Algumas rotas comerciais, poucas, ainda meandram através dos dentes aguçados das Montanhas para chegar aos caça-



dores que vivem nesse lugar coberto de neve. A sul das Montanhas estendem-se as florestas despovoadas dos Ermos Chuvosos, e algures situa-se a nascente do Rio da Chuva que constitui a fronteira comercial com os Estados de Calcede. Essas são as únicas terras e povos que foram realmente mapeadas para lá das Montanhas. Mas sempre houve lendas sobre outra terra, uma terra encerrada e perdida entre os picos que estão para lá do Reino da Montanha. Quando se viaja mais para o interior das Montanhas, para lá das fronteiras do povo que deve lealdade a Jhaampe, a terra torna-se ainda mais acidentada e dura. A neve nunca abandona os picos mais elevados, e alguns vales albergam apenas gelo glacial. Diz-se que, em certas áreas, grandes vapores e fumos se elevam de fendas nas montanhas e que a terra pode estremecer calmamente ou dilacerar-se em violentos abanões. Há poucos motivos para que alguém se aventure nessa região de pedra solta e penhascos. A caça é mais fácil e mais lucrativa nas vertentes mais verdes das montanhas. O pasto que lá existe é insuficiente para os rebanhos dos pastores.

A respeito dessa terra, temos as histórias a que terras distantes costumam dar origem. Dragões e gigantes, antigas cidades arruinadas, unicórnios selvagens, tesouros escondidos e mapas secretos, ruas empoeiradas pavimentadas de ouro, vales de eterna primavera onde a água se ergue a fumar do chão, perigosos feiticeiros trancados por feitiços em cavernas de pedras preciosas e antigos males adormecidos embutidos na terra. De todos se diz residirem na terra antiga e sem nome para lá das fronteiras do Reino da Montanha.

\*\*\*

Kettricken realmente esperara que eu me recusasse a ajudá-la a procurar Veracidade. Durante os dias da minha convalescença, ela decidira que o iria procurar sozinha, e para esse fim reunira provisões e animais. Nos Seis Ducados, uma rainha teria o tesouro real a que recorrer, bem como a generosidade forçada dos seus nobres. Não era o caso no Reino da Montanha. Ali, enquanto o Rei Eyod permanecesse vivo, ela não passava de uma parente mais nova do Sacrifício. Embora se esperasse dela que um dia lhe sucedesse, isso não lhe dava o direito de dispor da riqueza do seu povo. Na verdade, mesmo se fosse Sacrifício não teria acesso a riquezas e recursos. O Sacrifício e a sua família imediata viviam simplesmente na sua bela habitação.

Toda a Jhaampe, o palácio, os jardins, as fontes, tudo pertencia ao povo do Reino da Montanha. Ao Sacrifício nada faltava, mas também nada possuía em excesso.

De modo que Kettricken não se virou para os cofres reais e para os nobres ansiosos por captar as suas boas graças, mas para velhos amigos e primos, a fim de obter aquilo de que necessitava. Abordara o pai, mas ele dissera-lhe, com firmeza mas tristeza, que encontrar o Rei dos Seis Ducados era problema seu, não do Reino da Montanha. Por mais que sofresse com a filha por causa do desaparecimento do homem que ela amava, não podia afastar reservas da defesa do Reino da Montanha contra Majestoso dos Seis Ducados. Era tal o vínculo entre eles que ela pôde aceitar a recusa com compreensão. Envergonhava-me pensar que a legítima Rainha dos Seis Ducados se tinha de virar para a caridade de parentes e amigos. Mas só quando não estava a acalantar o meu ressentimento contra ela.

Ela concebera a expedição para sua conveniência, não para a minha. Pouco havia nela que eu aprovasse. Ao longo dos poucos dias que antecederam a nossa partida, ela dignou-se a consultar-me acerca de alguns aspetos, mas as minhas opiniões foram tão frequentemente postas de parte como atendidas. Falávamos um com o outro educadamente, sem o calor da ira ou da amizade. Havia muitas coisas em que discordávamos, e quando isso acontecia ela fazia o que achava mais sensato. Não verbalizada, mas implícita, havia a ideia de que o meu discernimento no passado fora falho e imprevidente.

Eu não queria bestas de carga que pudessem passar fome e congelar. Por mais que a bloqueasse, a Manha deixava-me vulnerável à sua dor. Kettricken, no entanto, obtivera meia dúzia de criaturas que afirmava não se importarem com a neve e o frio, e que comiam folhas e rebentos em vez de erva. Eram jepas, criaturas nativas de algumas das partes mais remotas do Reino da Montanha. Faziam-me lembrar cabras de pescoço longo, dotadas de patas em vez de cascos. Tinha pouca confiança em que fossem capazes de transportar o suficiente para fazer com que compensassem o incómodo de cuidar delas. Kettricken disse-me calmamente que em breve me habituaria aos animais.

*Tudo depende de saberem bem ou mal*, sugeriu filosoficamente Olhos-de-Noite. Senti-me disposto a concordar com ele.

As escolhas dela no que tocava a companheiros para a expedição irritavam-me ainda mais. Não via sentido em que se pusesse a si

em risco, mas bem sabia que não valia a pena discutir esse ponto. A ida de Esporana causou-me ressentimento, depois de descobrir que ela a negociara. O motivo era ainda encontrar uma canção que estabelecesse a sua reputação. Comprara o lugar no nosso grupo com a ameaça não verbalizada de que só se fosse autorizada a ir faria um registo escrito de que a filha de Moli era também minha. Ela sabia que eu sentia que me traía, e depois disso passou avisadamente a evitar a minha companhia. Connosco iriam três primos de Kettricken, todos gente grande, solidamente musculada, com muita prática de viajar pelas Montanhas. Não seria um grupo grande. Kettricken assegurou-me de que se seis não bastassem para encontrar Veracidade, seiscentos não seriam suficientes. Concordei que era mais fácil abastecer um grupo pequeno, e que era frequente que viajasse mais depressa do que grupos grandes.

Breu não faria parte do nosso grupo. Ia regressar a Torre do Cervo, para levar a Paciência a notícia de que Kettricken ia em busca de Veracidade e para plantar as sementes do rumor de que havia, de facto, um herdeiro para o trono dos Seis Ducados. Também iria encontrar-se com Castro, Moli e o bebé. Oferecera-se para informar Moli, Paciência e Castro de que eu ainda estava vivo. A oferta fora feita de forma acanhada, pois sabia perfeitamente que eu odiava o papel que ele desempenhara em reclamar a minha filha para o trono. Mas engoli a ira, falei-lhe com educação e fui recompensado com a sua promessa solene de que nada diria de mim a nenhum deles. Nessa altura, parecia o rumo mais sensato. Sentia que só eu podia explicar completamente a Moli o motivo que me levava a agir como agira. E ela já chorara uma vez a minha morte. Se eu não sobrevivesse àquela demanda, não iria sofrer mais do que já sofrera.

Breu veio dizer-me adeus na noite em que partiu para Cervo. A princípio ambos tentámos fingir que tudo estava bem entre nós. Conversámos sobre pequenas coisas a que outrora ambos tínhamos dado importância. Senti uma perda genuína quando ele me falou da morte de Sorratoiro. Tentei convencê-lo a levar Ruivo e Fuligem consigo, para os deixar de novo ao cuidado de Castro. Ruivo precisava duma mão mais firme do que a que estava a ter, e o garanhão podia dar a Castro muito mais do que transporte. Os seus serviços como reprodutor podiam ser vendidos ou negociados, e o potro de Fuligem representava mais riqueza para o futuro. Mas Breu abanou a cabeça e disse que tinha de viajar rapidamente sem atrair aten-

ções. Um homem com três cavalos era um alvo para os bandidos, se não fosse mais do que isso. Eu vira o pequeno castrado maldoso que Breu tinha como montada. Apesar do mau temperamento do animal, era duro e ágil e, assegurou-me Breu, muito rápido numa perseguição por mau terreno. Sorriu ao dizer aquilo, e eu compreendi que aquela característica do cavalo tinha sido bem posta à prova. O Bobo tinha razão, pensei então com amargura. A guerra e a intriga jogavam realmente bem com ele. Olhei-o, com as suas botas de cano alto e manto rodopiante, olhei para o cervo rampante que usava tão abertamente na testa por cima dos olhos verdes e tentei compará-lo com o velho de mãos suaves que me ensinara como matar gente. Os anos ainda lá se encontravam, mas ele transportava-os doutra maneira. Em privado, perguntei a mim próprio que drogas usaria para prolongar a sua energia.

Mas, por mais diferente que estivesse, continuava a ser Breu. Desejei contactar com ele e saber que ainda existia algum tipo de ligação entre nós, mas não consegui. Não me compreendia. Como podia a opinião dele ainda me importar tanto, quando sabia que estava disposto a roubar-me a filha e a felicidade a bem do trono Visionário? Senti que o facto de não conseguir encontrar a força de vontade para o odiar era uma fraqueza em mim. Procurei alcançar esse ódio, e obtive apenas um amuo juvenil que me levou a não lhe apertar a mão quando partiu, nem a desejar-lhe felicidades. Ele ignorou o meu mau génio, o que me fez sentir ainda mais infantil.

Depois de Breu se ir embora, o Bobo deu-me o alforge de couro que ele deixara para mim. Lá dentro estava uma faca com bainha muito aproveitável, uma pequena bolsa com moedas, e uma seleção de venenos e de ervas curativas, incluindo um fornecimento generoso de casco-de-elfo. Um pequeno fornecimento de sementes de caris encontrava-se enrolado num papelinho, e cuidadosamente etiquetado com a nota de que era para ser usado apenas com a maior das cautelas e quando a necessidade fosse maior. Dentro de uma bainha cheia de marcas encontrava-se uma espada curta, simples mas aproveitável. Senti contra ele uma súbita ira que não consegui explicar. “É tão típico dele,” exclamei, e deixei cair o saco na mesa para que o Bobo testemunhasse. “Veneno e facas. É isso o que pensa de mim. Ainda é assim que me vê. Para mim, só consegue imaginar a morte.”

“Duvido que ele espere que uses isso em ti,” observou calma-

mente o Bobo. Afastou a faca da marioneta que estava a atar. “Talvez tenha pensado que podias dar uso a essas coisas para te protegeres.”

“Não compreendes?”, perguntei-lhe. “Estes são presentes para o rapaz que Breu ensinou a ser um assassino. Ele não consegue ver que já não sou essa pessoa. Não consegue perdoar-me por querer ter vida própria.”

“Tal como tu não lhe consegues perdoar por já não ser o teu tutor benevolente e indulgente,” observou o Bobo num tom seco. Estava a atar os cordéis que ligavam os membros da marioneta à cruzeta. “É um bocado ameaçador vê-lo andar por aí como um guerreiro, pondo-se alegremente em risco por algo em que acredita, namoriscando com mulheres, e atuando em geral como se tivesse reclamado para si uma vida própria, não é?”

Foi como se me tivesse atirado à cara um balde de água fria. Quase que tive de admitir o ciúme que sentia por ver que Breu obtivera ousadamente aquilo que ainda me fugia. “Não é nada disso!”, rosnei ao Bobo.

A marioneta em que ele estava a trabalhar brandiu um dedo repreensivo na minha direção enquanto o Bobo me sorria afetadamente por cima da cabeça do boneco. Este mostrava uma perturbadora semelhança com Ratita. “O que eu vejo,” observou, sem se dirigir a ninguém em especial, “é que não é a cabeça de cervo de Veracidade que ele usa na testa. Não, o símbolo que escolheu parece-se mais com, oh, deixa-me ver, com um que o Príncipe Veracidade escolheu para o sobrinho bastardo. Não vês alguma semelhança?”

Fiquei em silêncio durante algum tempo. De seguida: “E que tem?”, perguntei a contra-gosto.

O Bobo atirou a sua marioneta ao chão, onde a ossuda criatura encolheu misteriosamente os ombros. “Nem a morte do Rei Sagaz nem a suposta morte de Veracidade conseguiu fazer aquela doninha sair da toca. Foi só quando te julgou assassinado que a ira o incendiou o suficiente para que pusesse de parte todas as ocultações e fingimentos e declarasse que voltaria a ver um verdadeiro Visionário no trono.” A marioneta sacudiu um dedo na minha direção.

“Estás a tentar dizer que ele faz isto por mim, por minha causa? Quando a última coisa que eu desejaria era ver o trono reclamar a minha filha?”

A marioneta cruzou os braços e sacudiu pensativamente a cabeça. “Parece-me que Breu sempre fez o que achou que era me-

lhor para ti. Quer concordasses, quer não. Talvez estenda isso à tua filha. Ela seria, afinal, sua sobrinha-neta, e o último resto vivo da sua linhagem. Excluindo-te e a Majestoso, claro.” A marioneta deu um punhado de passos de dança. “De que outro modo esperarías que um homem tão velho cuidasse duma criança tão nova? Ele não espera viver para sempre. Talvez pense que ela está mais segura encavalitada num trono do que a ser atropelada por outra pessoa que deseje reclamá-lo.”

Virei costas ao Bobo e fiz de conta que reunia roupa para lavar. Precisaria de muito tempo para pensar bem no que ele me dissera.

\*\*\*

Foi de bom grado que aceitei as escolhas de Kettricken no que tocou a tendas e roupas para a expedição, e fui suficientemente honesto para ficar grato por ela achar por bem fornecer também a minha roupa e abrigo. Se me tivesse excluído por completo da sua comitiva, não a poderia censurar totalmente. Mas em vez de o fazer, Joffron apareceu um dia trazendo um saco de roupa de corpo e de cama para me dar, e para me medir os pés, a fim de arranjar as botas semelhantes a sacos que o povo das Montanhas preferia. Ela provou ser uma companhia alegre, pois levou o tempo todo a trocar com o Bobo farpas brincalhonas. A fluência dele em chyrda excedia a minha, e de vez em quando eu sentia grande dificuldade em seguir a conversa, enquanto metade dos trocadilhos do Bobo me passavam ao lado. Perguntei a mim próprio, de passagem, o que se passaria exatamente entre aqueles dois. Logo quando chegara, julgara-a uma espécie de discípula dele. Agora perguntava a mim próprio se ela não teria fingido esse interesse apenas como desculpa para estar perto dele. Antes de partir, mediu também os pés do Bobo, e fez-lhe perguntas sobre as cores e adornos que queria que fossem incluídas nas botas.

“Botas novas?”, perguntei-lhe depois de ela partir. “Com o pouco que te aventuras lá fora, não julgaria que tivesses falta de umas botas.”

Ele deitou-me um olhar vazio. A recente alegria desvaneceu-se do seu rosto. “Bem sabes que tenho de ir contigo,” fez notar calmamente. Fez um estranho sorriso. “Para que outra coisa julgas tu que fomos reunidos neste lugar distante? É pela interação do Catalisa-

dor e do Profeta Branco que os acontecimentos deste tempo serão devolvidos ao seu rumo próprio. Creio que, se tivermos sucesso, os Navios Vermelhos serão expulsos da costa dos Seis Ducados, e um Visionário irá herdar um trono.”

“Isso parece ajustar-se à maioria das profecias,” concordou Panela desde o seu canto junto da lareira. Estava a colocar a última fileira de pontos numa grossa luva. “Se a praga da fome acéfala for o forjamento, e os vossos atos lhe puserem fim, isso também iria cumprir outra profecia.”

O jeito de Panela para fornecer uma profecia para cada ocasião estava a começar a fartar-me. Respirei fundo, e depois perguntei ao Bobo: “E o que diz a Rainha Kettricken acerca de te juntares ao seu grupo?”

“Não discuti isso com ela,” respondeu ele com indiferença. “Não me vou juntar a ela, Fitz. Vou seguir-te.” Uma espécie de perplexidade surgiu-lhe no rosto. “Sei desde criança que temos de cumprir juntos esta tarefa. Nem me ocorreu pôr em causa a minha ida contigo. Tenho andado a fazer preparativos desde o dia em que aqui chegaste.”

“Tal como eu,” observou Panela em voz baixa.

Ambos nos virámos para a fitar. Ela fingiu não reparar enquanto provava a luva e admirava o modo como lhe servia.

“Não.” Falei sem rodeios. Já era suficientemente mau ter a expectativa da morte de animais de carga. Não ia testemunhar a morte de outra amiga. Era tão óbvio que nem valia a pena dizer que ela era demasiado velha para uma tal viagem.

“Julguei que pudésseis ficar aqui, em minha casa,” ofereceu o Bobo, com mais gentileza. “Há lenha com fatura para o resto do inverno e algumas provisões alimentares, e...”

“Eu conto morrer durante a viagem, se isso for de algum conforto para vós.” Descalçou a luva e juntou-a ao seu par. Despreocupadamente, examinou o que restava da sua meada de lã. Pôs-se a dar pontos, fazendo fluir sem esforço o fio por entre os dedos. “E não tereis de vos preocupar comigo antes disso. Já fiz os preparativos necessários para mim. Fiz umas trocas e tenho a comida de que irei precisar, e esse tipo de coisas.” Tirou os olhos das agulhas, deitou-me um relance e acrescentou em voz baixa: “Tenho os meios para prosseguir esta viagem até ao fim.”

Tive de admirar o modo calmo com que ela partia do princí-

pio de que a sua vida ainda era sua, para fazer com ela o que desejasse. Perguntei a mim próprio quando teria começado a pensar nela como uma velha impotente de que alguém teria agora de cuidar. Ela voltou a baixar os olhos para a sua malha. Sem necessidade, pois os seus dedos continuavam a trabalhar, quer os observasse, quer não. “Vejo que me compreendeis,” disse calmamente. E foi tudo.

Nunca soube de nenhuma expedição que partisse exatamente conforme planeado. Em geral, quanto maior é mais dificuldades tem. A nossa não foi exceção. Na manhã anterior à data marcada para a partida, fui rudemente arrancado ao sono com uma sacudidela.

“Levanta-te, Fitz, temos de partir já,” disse Kettricken com uma voz tensa.

Sentei-me lentamente. Fiquei instantaneamente bem acordado, mas as minhas costas convalescentes ainda não me encorajavam a mover-me com rapidez. O Bobo estava sentado na beira da sua cama, com um ar mais ansioso do que eu alguma vez vira nele. “Que se passa?”, perguntei.

“Majestoso.” Nunca ouvira tanto veneno numa palavra. Ela tinha a cara muito branca e cerrava e descerrava os punhos aos lados do corpo. “Enviou ao meu pai um correio sob uma bandeira de tréguas, dizendo que abrigamos um conhecido traidor aos Seis Ducados. Diz que se te entregarmos, ele verá tal coisa como sinal de boa fé para com os Seis Ducados e não nos considerará um inimigo. Mas se não o fizermos, libertará as tropas que mantém junto às nossas fronteiras, pois saberá que conspiramos com os seus inimigos contra ele.” Fez uma pausa. “O meu pai está a pensar no que fazer.”

“Kettricken, eu não passo da desculpa,” protestei. O coração martelava-me no peito. Olhos-de-Noite soltou um ganido ansioso. “Tendes de saber que ele levou meses a reunir essas tropas. Elas não estão lá porque eu estou aqui. Estão prontas porque ele planeia mover-se contra o Reino da Montanha, aconteça o que acontecer. Conheceis Majestoso. Isso não passa de uma artimanha para ver se consegue que me entregueis. Depois de o fizerdes, arranjará outro pretexto qualquer para atacar.”

“Não sou uma simplória,” disse ela com frieza. “Os nossos vigias já sabem das tropas há semanas. Temos vindo a fazer os possíveis para nos prepararmos. As nossas montanhas sempre têm sido a nossa defesa mais forte. Mas nunca antes confrontámos um inimigo organizado em tal número. O meu pai é Sacrifício, Fitz. Ele tem de



fazer o que melhor servir o Reino da Montanha. Portanto agora tem de analisar se terá uma hipótese de lidar com Majestoso entregando-te. Não julgues que o meu pai é suficientemente estúpido para confiar nele. Mas quanto mais tempo conseguir adiar um ataque contra o seu povo, melhor preparado estará esse povo.”

“Parece que pouco resta a decidir,” disse eu com amargura.

“Não havia motivo para que o meu pai me informasse da mensagem do correio,” observou Kettricken. “A decisão é dele.” Os seus olhos cruzaram-se com os meus, contendo uma sombra da nossa antiga amizade. “Creio que talvez me esteja a oferecer uma oportunidade para te fazer desaparecer. Antes que eu desafie as suas ordens para te entregar a Majestoso. Talvez pense dizer a Majestoso que fugiste mas que tenciona perseguir-te.”

Atrás de Kettricken, o Bobo estava a vestir umas polainas por baixo da camisa de dormir.

“Vai ser mais difícil do que eu tinha planeado,” confidenciou-me Kettricken. “Não posso envolver nisto mais ninguém da Montanha. Teremos de ser tu, eu e Esporana. Sozinhos. E temos de partir já, dentro de menos de uma hora.”

“Estarei pronto,” prometi-lhe.

“Vai ter comigo por trás da barraca de lenha de Joss,” disse ela, e saiu.

Olhei para o Bobo. “Bom. Dizemos a Panela?”

“Estás a perguntar-me porquê?”, quis ele saber.

Encolhi ligeiramente os ombros. De seguida levantei-me e comecei a vestir-me à pressa. Pensei em todas as pequenas maneiras de que não estava preparado e depois desisti dessa reflexão por ser inútil. Muito pouco tempo depois, o Bobo e eu pusemos ao ombro as nossas trouxas. Olhos-de-Noite levantou-se, espreguiçou-se meticulosamente, e dirigiu-se à porta para nos anteceder. *Vou sentir saudades da lareira. Mas a caça será melhor.* Aceitou tudo com toda a calma.

O Bobo examinou a cabana com cuidado, e de seguida fechou a porta atrás de nós. “Este foi o primeiro sítio em que vivi que fosse apenas meu,” observou enquanto se afastava.

“Deixas para trás tantas coisas para fazer isto,” disse eu, sem graça, pensando nas suas ferramentas, nas marionetas por acabar, até nas plantas que cresciam lá dentro, junto à janela. Contra vontade, senti-me responsável. Talvez por estar tão contente por não prosseguir viagem sozinho.

Ele deitou-me um relance e encolheu os ombros. “Levo-me comigo. É tudo aquilo de que realmente preciso, ou que possuo.” Olhou para a porta que pintara. “Jofron cuidará bem da cabana. E de Panela também.”

Perguntei a mim próprio se ele deixaria para trás mais do que eu sabia.

Estávamos quase a chegar ao barracão de lenha quando vi umas crianças que corriam pelo caminho na nossa direção. “Lá está ele!”, gritou uma, apontando. Atirei um relance sobressaltado ao Bobo, e de seguida preparei-me, perguntando a mim próprio o que viria aí. Como era possível defendermo-nos contra crianças? Desorientado, esperei o ataque. Mas o lobo não esperou. Afundou a barriga na neve, baixando até a cauda. Quando as crianças se aproximaram, ele atirou-se de súbito diretamente contra o líder. “NÃO!”, gritei alto, horrorizado, mas nenhum deles me prestou qualquer atenção. As patas da frente do lobo atingiram o peito do rapaz, atirando-o com força contra a neve. Num piscar de olhos, Olhos-de-Noite estava em pé e perseguia os outros, que fugiam, guinchando de riso, enquanto um após outro eram apanhados e derrubados. Quando deitou o último ao chão, o primeiro rapaz já estava em pé e perseguia-o, tentando em vão acompanhar o lobo e procurando agarrar-lhe na cauda quando Olhos-de-Noite passava por ele como um raio, de língua pendente.

Voltou a derrubá-los a todos, mais duas vezes, antes de parar numa das suas voltas corridas. Viu as crianças pôr-se em pé, e de seguida deitou-me uma olhadela por cima da espádua. Baixou as orelhas, embaraçado, após o que voltou a olhar para as crianças, sacudindo a cauda, junto ao chão. Uma rapariga estava já a desenterrar do bolso um bocado de pangordo, enquanto outra o provocava com uma tira de couro, sacudindo-a por cima da neve e tentando envolvê-lo num jogo de puxões. Fingi não reparar.

*Eu apanho-vos mais tarde*, sugeriu ele.

*Sem dúvida*, disse-lhe secamente. O Bobo e eu continuámos a caminhar. Deitei um relance para trás para ver o lobo, de dentes presos no couro e as quatro patas retesadas enquanto dois rapazes puxavam pela outra ponta. Deduzi que sabia agora como ele passara as tardes. Acho que senti uma pontada de inveja.

Kettricken já nos esperava. Seis jepas carregadas estavam atadas umas às outras, em fila. Naquele momento desejei ter ocupado

algum tempo a aprender mais acerca delas, mas assumira que os outros teriam os animais ao seu cuidado. “Vamos na mesma levá-los a todos?”, perguntei, desalentado.

“Demoraria demasiado tempo a desfazer os fardos e voltar a fazê-los só com o que nos faz falta. Talvez mais tarde abandonemos as provisões e animais em excesso. Mas por agora, quero simplesmente partir o mais depressa possível.”

“Então vamos embora,” sugeri.

Kettricken olhou severamente para o Bobo. “Que estás tu a fazer aqui? Vieste despedir-te do Fitz?”

“Eu vou para onde ele vai,” disse calmamente o Bobo.

A rainha olhou-o e algo no seu rosto quase se suavizou. “Fará frio, Bobo. Eu não me esqueci de como sofreste com o frio a caminho daqui. No lugar para onde vamos agora, o frio permanecerá muito depois da primavera ter chegado a Jhaampe.”

“Eu vou para onde ele vai,” repetiu calmamente o Bobo.

Kettricken abanou a cabeça, de si para si. Depois encolheu os ombros. Caminhou a passos largos para a cabeça da fila de jepas e estalou os dedos. O animal da frente abanou as orelhas peludas e seguiu-a. Os outros seguiram-no a ele. A sua obediência impressionou-me. Sondei brevemente na direção deles e descobri um tão forte instinto de manada em funcionamento que quase nem pensavam em si próprios como animais separados. Desde que o animal da frente seguisse Kettricken, não haveria problemas com os outros.

Kettricken levou-nos por um caminho que pouco mais era do que uma vereda. Serpenteava quase sempre por trás das casas dispersas que abrigavam os residentes de inverno de Jhaampe. Muito pouco tempo depois deixámos a última das cabanas para trás e começámos a viajar através de floresta antiga. O Bobo e eu caminhávamos atrás da cadeia de animais. Observei aquele que seguia à nossa frente, reparando no modo como as suas patas largas e achatadas se abriam na neve, muito à semelhança das do lobo. Marcavam um ritmo ligeiramente mais rápido do que uma caminhada confortável.

Não tínhamos andado muito quando ouvi um grito atrás de nós. Estremeci e deitei um relance apressado por cima do ombro. Era Sporana, aproximando-se em passo de corrida, com a trouxa aos saltos sobre os ombros. Quando nos alcançou, disse acusadoramente: “Partistes sem mim!”

O Bobo fez um esgar. Eu encolhi os ombros. “Parti quando a minha rainha o ordenou,” observei.

Ela olhou-nos, furiosa, e depois passou apressadamente por nós, debatendo-se com a neve solta ao lado do caminho para passar pelas jepas e alcançar Kettricken. As suas vozes foram-nos trazidas com clareza pelo ar frio. “Eu disse-te que ia partir imediatamente,” disse a rainha num tom tenso. “E depois parti.”

Para meu espanto, Esporana teve o bom senso de ficar calada. Durante algum tempo lutou por avançar pela neve solta ao lado de Kettricken. Depois foi gradualmente desistindo, deixando-se ultrapassar primeiro pelas jepas, e depois pelo Bobo e por mim. Pôs-se atrás de mim. Sabia que lhe seria difícil acompanhar o nosso ritmo. Senti pena dela. Mas então pensei na minha filha e nem sequer olhei para trás para ver se ela nos estava a acompanhar.

Foi o princípio de um logo dia sem acidentes. O caminho era sempre a subir, nunca de uma forma íngreme, mas a inclinação constante era árdua. Kettricken não suavizou o passo e manteve-nos a um ritmo constante. Nenhum de nós falou muito. Eu estava demasiado ocupado a respirar, e a tentar ignorar a dor nas costas, que ia gradualmente aumentando. O ferimento de seta estava agora coberto por carne saudável, mas os músculos, por baixo, ainda protestavam por causa da sua cura recente.

Grandes árvores elevavam-se à nossa volta. A maior parte eram pinheiros, alguns de espécies que eu nunca antes vira. Transformavam o cinzento do breve dia de inverno numa eterna penumbra. Havia pouca vegetação rasteira contra a qual lutar; a maior parte do panorama era composto pelas fileiras irregulares de imensos troncos e alguns ramos baixos. A maior parte dos ramos vivos das árvores começavam muito acima das nossas cabeças. De tempos a tempos, passávamos por aglomerados de árvores de folha caduca, mais pequenas, que tinham brotado em zonas de floresta aberta criada pela morte de uma grande árvore. O caminho estava bem batido, tornando evidente que era usado com frequência por animais e por pessoas com esquis. Era estreito, e se não prestássemos atenção, era fácil darmos um passo para fora do caminho e afundarmo-nos surpreendentemente fundo na neve não compactada. Tentei prestar atenção.

O dia estava ameno, pelos padrões das montanhas, e eu depressa descobri que a roupa que Kettricken obtivera para mim era

muito eficiente a manter-me quente. Desapertei o casaco na garganta e depois o colarinho da camisa, para deixar escapar o calor corporal. O Bobo atirou para trás o capuz do casaco, forrado a pele, para revelar que usava por baixo um alegre barrete de lã. Observei a borla na ponta do barrete a balançar enquanto ele caminhava. Se o ritmo o incomodava, ele nada disse a esse respeito. Talvez, tal como a mim, não lhe restasse fôlego para protestos.

Pouco depois do meio dia, Olhos-de-Noite juntou-se-nos.

“Cãozinho lindo!”, observei em voz alta.

*Isso não é nada em comparação com o que Panela te está a chamar*, observou ele, cheio de si. *Tenho pena de todos vós quando a velha cadela apanhar a alcateia. Ela tem um pau.*

*Ela está a seguir-nos?*

*Segue rastos bastante bem, para um ser humano sem nariz.* Olhos-de-Noite passou por nós a trote, deslocando-se com surpreendente facilidade, mesmo na neve não comprimida ao lado do trilho. Apercebi-me de que ele estava a gostar da ondulação de desconforto que o seu odor trazia à fila de jepas. Observei-o quando passou por todos os animais e depois por Kettricken. Depois de estar na dianteira, pôs-se a bater confiantemente o terreno em frente, como se soubesse para onde estava a ir. Depressa o perdi de vista, mas não me preocupei. Sabia que ele voltaria para trás com frequência para nos dar uma olhadela.

“Panela vem a seguir-nos,” disse eu ao Bobo.

Ele atirou-me um olhar interrogador.

“Olhos-de-Noite diz que está muito zangada connosco.”

Os ombros dele subiram e caíram num suspiro rápido. “Enfim. Tem direito às suas próprias decisões,” observou de si para si. Depois, dirigindo-se a mim, acrescentou: “Ainda me enerva um pouco quando tu e o lobo fazem isso.”

“Incomoda-te? Que eu seja Manhoso?”

“Incomoda-te olhar-me nos olhos?”, retorquiu.

Era o bastante. Continuámos a andar.

Kettricken manteve-nos a um ritmo constante enquanto durou a luz do dia. Uma área pisoteada ao abrigo de algumas das grandes árvores foi o local onde parámos. Embora não parecesse ser usado com frequência, encontrávamo-nos nalguma espécie de caminho de mercadores com destino a Jhaampe. Kettricken mostrou-se terra-a-terra no completo comando que tinha sobre nós. Indicou com

um gesto a Esporana uma pequena pilha de lenha seca protegida da neve por tela. “Usa alguma para acender uma fogueira, e depois assegura-te de que substituis pelo menos tanta como a que usarmos. Há muita gente que para aqui e, em mau tempo, uma vida pode depender dessa lenha estar aí.” Esporana obedeceu docilmente.

Dirigiu o Bobo e a mim enquanto a ajudávamos a montar um abrigo. Quando terminámos, tínhamos uma tenda com uma forma bastante semelhante à do chapéu de um cogumelo. Após isso feito, distribuí as tarefas respeitantes à descarga do material para dormir e seu transporte para dentro da tenda, à descarga dos animais e prisão do líder da manada, e ao derretimento de neve para obter água. Ela própria desempenhou uma parte completa das tarefas. Observei a eficiência com que estabeleceu o nosso acampamento e tratou das nossas necessidades. Teria dado um bom soldado.

Depois do acampamento básico estar estabelecido, o Bobo e eu trocámos olhares. Dirigi-me até onde Kettricken verificava o estado das nossas jepas. Esses resistentes animais já estavam atarefados a morder as pontas de rebentos e casca das árvores mais pequenas que cresciam junto de um dos lados do acampamento. “Acho que Panela pode estar a seguir-nos,” disse-lhe. “Julgais que eu deva voltar para trás à sua procura?”

“Para que fim?, perguntou-me Kettricken. A pergunta pareceu insensível, mas ela prosseguiu. “Se ela conseguir apanhar-nos, partilharemos o que temos. Sabes disso. Mas suspeito de que se cansará antes de cá chegar, e voltará para Jhaampe. Talvez já tenha voltado para trás.”

E talvez tenha ficado exausta e caído ao lado do trilho, pensei. Mas não voltei para trás. Reconheci nas palavras de Kettricken a dura natureza prática do povo da Montanha. Ela respeitaria a decisão de Panela de nos seguir. Mesmo se a tentativa de o fazer a matasse, Kettricken não interferiria com a vontade dela. Eu sabia que entre o povo da Montanha não era incomum que uma pessoa idosa escolhesse aquilo a que se dava o nome de retiro, um exílio auto-imposto onde o frio poderia pôr fim a todas as debilidades. Também eu respeitava o direito de Panela de escolher o caminho da sua vida ou morrer na tentativa. Mas isso não impediu que enviasse Olhos-de-Noite ao longo do nosso trilho para ver se ela ainda vinha a caminho. Preferi acreditar que se tratava apenas de curiosidade da minha parte. Ele acabara de regressar ao acampamento com uma le-

bre branca e ensanguentada entre as maxilas. A meu pedido, levantou-se, espreguiçou-se e ordenou-me, entristecido: *Então guarda-me a carne*. Desapareceu na penumbra que se aprofundava.

A refeição da noite de papas de aveia e bolinhos tinha acabado de ficar pronta quando Panela entrou no acampamento com Olhos-de-Noite logo atrás. Caminhou a passos largos até à fogueira e parou a aquecer nela as mãos enquanto me trespassava e ao Bobo com os olhos. O Bobo e eu trocámos um olhar. Foi um olhar culpado. Ofereci apressadamente a Panela o copo de chá que tinha servido para mim. Ela pegou nele e bebeu-o antes de dizer acusadoramente: “Partistes sem mim.”

“Sim,” admiti. “Partimos. Kettricken veio ter connosco e disse que tínhamos de partir imediatamente, de modo que o Bobo e eu...”

“Eu vim na mesma,” anunciou ela triunfantemente, cortando-me a palavra. “E tenciono prosseguir caminho convosco.”

“Estamos em fuga,” disse Kettricken em voz baixa. “Não podemos abrandar o ritmo por vós.”

Quase saltaram faíscas dos olhos de Panela. “E eu pedi-vos que o fizésseis?”, perguntou à rainha com mordacidade.

Kettricken encolheu os ombros. “É só para que compreendais,” disse, calmamente.

“Compreendo,” respondeu Panela com igual calma. E as coisas ficaram assentes.

Eu observara aquela troca de palavras com uma espécie de reverência. Senti depois um aumento no respeito que nutria por ambas as mulheres. Acho que foi então que compreendi por inteiro o modo como Kettricken se via a si própria. Era a Rainha dos Seis Ducados e não duvidava disso. Mas, ao contrário de muitos, não se escondera atrás de um título nem se ofendera com a resposta rápida que Panela lhe dera. Pelo contrário, respondera-lhe, de mulher para mulher, com respeito mas também com autoridade. Uma vez mais vislumbrara o seu temperamento e descobrira que não lhe podia apontar defeitos.

Todos partilhámos a yurta nessa noite. Kettricken encheu um pequeno braseiro com brasas retiradas da fogueira e levou-o lá para dentro. O braseiro tornou o abrigo surpreendentemente confortável. Estabeleceu turnos de vigia e incluiu tanto a Panela como a si própria nesse dever. Os outros dormiram bem. Eu fiquei acordado durante algum tempo. Estava de novo a caminho de Veracidade. Isso

trouxe uma minúscula porção de libertação da incessante ordem de Talento. Mas também estava a caminho do rio onde ele lavara as mãos em puro Talento. Essa imagem sedutora estava agora sempre à espreita nos limites da minha mente. Resoluto, afastei da cabeça a tentação, mas nessa noite os meus sonhos estiveram cheios dela. Desmontámos o acampamento cedo, e estávamos a caminho antes de o dia nascer por completo. Kettricken pediu-nos para deitar fora uma segunda yurta mais pequena, que fora trazida para acomodar o nosso grupo original de maiores dimensões. Deixou-a cuidadosamente arrumada no lugar de paragem, onde outra pessoa poderia encontrá-la e utilizá-la. O animal libertado desse peso foi carregado com a maior parte dos fardos que as pessoas transportavam. Senti-me grato, pois as minhas costas latejavam agora incessantemente.

Kettricken manteve-nos naquele ritmo durante quatro dias. Não disse se esperava realmente ser perseguida. Não perguntei. Não havia nenhuma verdadeira oportunidade para conversas privadas com ninguém. Kettricken seguia sempre na liderança, seguida pelos animais, pelo Bobo e por mim, por Esporana e, seguindo-nos frequentemente a bastante distância, por Panela. Ambas as mulheres cumpriram as suas promessas. Kettricken não abrandou o ritmo por causa da velha, e Panela nunca se queixou disso. Chegava todas as noites tarde ao acampamento, geralmente acompanhada por Olhos-de-Noite. Era frequente aparecer mesmo a tempo de partilhar a nossa comida e abrigo para a noite. Mas no dia seguinte levantava-se no momento em que Kettricken o fazia, e nunca se queixava.

Na quarta noite, depois de estarmos todos dentro da tenda a prepararmo-nos para dormir, Kettricken dirigiu-se-me de súbito. “FitzCavalaria, quero saber o que pensais acerca de uma coisa,” declarou.

Endireitei-me, intrigado pela formalidade do pedido. “Estou ao vosso serviço, minha rainha.”

A meu lado, o Bobo abafou um relincho. Suponho que ambos parecíamos um pouco estranhos, sentados numa confusão de mantas e peles e a dirigirmo-nos um ao outro tão formalmente. Mas eu mantive o meu comportamento.

Kettricken acrescentou mais alguns bocados de lenha seca ao braseiro para espevitara uma chama e luz. Pegou num cilindro esmaltado, removeu a tampa, e tirou de lá um bocado de velo. Enquanto o desenrolava com suavidade, reconheci o mapa que inspirara Veraci-



dade à sua demanda. Parecia estranho olhar para o mapa desbotado naquele cenário. Pertencia a uma altura muito mais segura da minha vida, quando julgava ter garantidas refeições quentes de boa comida, quando a minha roupa era feita para me servir e eu sabia onde dormiria todas as noites. Parecia injusto que todo o meu mundo tivesse mudado tanto desde a última vez que vira o mapa, mas ele permaneceu imutável, uma dobra envelhecida de velo, com um rendilhado desgastado de linhas nele traçadas. Kettricken alisou-o sobre o regaço e indicou com pancadinhas com o dedo um ponto vazio no mapa. “É mais ou menos aqui que nós estamos,” disse-me. Respirou fundo, como que para se preparar. Bateu noutra local, igualmente sem marcas. “Foi mais ou menos aqui que encontramos os sinais duma batalha. Quando descobrimos o manto de Veracidade e... os ossos.” A sua voz tremulou um pouco naquelas palavras. Ergueu subitamente os olhos e prendeu-os nos meus como não fizera desde Torre do Cervo. “Sabes, Fitz, isto é difícil para mim. Eu juntei esses ossos e pensei que eram dele. Julguei-o morto ao longo de muitos meses. E agora, baseando-me apenas na tua palavra sobre uma magia qualquer que não possuo nem compreendo, tento acreditar que ele está vivo. Que ainda existe esperança. Mas... Eu tive aqueles ossos nas mãos. E as minhas mãos não conseguem esquecer o seu peso e o seu frio, nem o nariz é capaz de esquecer aquele cheiro.”

“Ele vive, senhora,” assegurei-lhe em voz baixa.

Ela voltou a suspirar. “Eis o que quero perguntar-te. Vamos diretamente para onde os trilhos estão marcados neste mapa, aqueles que Veracidade disse que iria seguir? Ou queres ser levado primeiro ao local da batalha?”

Refleti durante algum tempo. “Tenho a certeza de que obtiveste desse lugar tudo o que havia a obter, minha rainha. Passou-se tempo, parte de um verão e mais de metade de um inverno, desde que lá estivestes. Não. Não consigo imaginar nada que eu pudesse lá encontrar e os vossos batedores não quando o chão estava limpo de neve. Veracidade vive, minha rainha, e não está aí. Portanto não o procuraremos lá, mas no local para onde ele disse que iria.”

Ela anuiu lentamente, mas se ganhou ânimo com as minhas palavras, não o mostrou. Em vez disso, voltou a bater no mapa. “Esta estrada que aqui se mostra é-nos conhecida. Foi em tempos uma estrada comercial e, embora ninguém sequer se lembre de qual era o seu destino, ainda é usada. As aldeias mais remotas e os caçado-

res solitários dirigem os seus caminhos para lá e depois seguem-na até Jhaampe. Podíamos ter vindo a viajar por ela desde o princípio, mas eu não quis. É demasiado frequentada. Viemos pela rota mais rápida, ainda que não seja a mais larga. Amanhã, no entanto, vamos atravessá-la. E quando o fizermos, viraremos costas a Jhaampe e segui-la-emos na direção das Montanhas.” O seu dedo seguiu-a no mapa. “Nunca estive nessa parte das Montanhas,” disse simplesmente. “Poucos estiveram, além dos caçadores ou de aventureiros ocasionais que vão ver se as velhas histórias são verdadeiras. Normalmente trazem histórias suas que são ainda mais estranhas do que aquelas que os levaram a partir à aventura.”

Observei os seus dedos pálidos a caminhar lentamente pelo mapa. Os ténues traços da antiga estrada divergiam em três trilhos separados com diferentes destinos. Essa estrada começava e terminava sem destino ou origem aparentes. O que quer que tivesse estado em tempos marcado na ponta dessas linhas desvanecera-se em fantasmas de tinta. Nenhum de nós tinha qualquer maneira de saber que destino escolhera Veracidade. Embora eles não parecessem muito separados no mapa, o terreno das Montanhas podia querer dizer que estavam a dias ou até semanas de distância. E eu tinha pouca confiança em que um mapa tão antigo tivesse uma escala digna de confiança.

“Para onde vamos primeiro?”, perguntei-lhe.

Ela teve uma breve hesitação, e depois o seu dedo bateu na extremidade de um dos trilhos. “Para aqui. Acho que este sítio deve ser o mais próximo.”

“Então essa é uma escolha sensata.”

Ela voltou a olhar-me nos olhos. “Fitz. Não podias simplesmente contactá-lo pelo Talento e perguntar-lhe onde está? Ou pedir-lhe para vir ter connosco? Ou pelo menos perguntar-lhe porque não voltou para mim?”

A cada pequeno abanão na minha cabeça, os seus olhos foram ficando mais furiosos. “Porque não?”, perguntou numa voz trémula. “Esta grande e secreta magia dos Visionários nem sequer o pode chamar para junto de nós num tal momento de necessidade?”

Mantive os olhos na cara dela, mas desejei que tivesse havido menos ouvidos à escuta. Apesar de tudo o que Kettricken sabia sobre mim, ainda me sentia muito desconfortável a falar do Talento sobre qualquer pessoa que não fosse Veracidade. Escolhi cuidadosamente

as palavras. “Ao contactá-lo pelo Talento, podia colocá-lo num grande perigo, senhora. Ou atrair problemas para nós.”

“Como?”, quis ela saber.

Pensei rapidamente no Bobo, em Panela e em Esporana. Era difícil explicar a mim próprio o incómodo que sentia em falar sem rodeios sobre uma magia que fora guardada em segredo durante tantas gerações. Mas aquela era a minha rainha, e ela fizera-me uma pergunta. Baixei os olhos e falei. “O círculo que Galeno criou nunca foi leal ao rei. Nem ao Rei Sagaz, nem ao Rei Veracidade. Sempre foram a ferramenta de um traidor, utilizada para lançar a dúvida sobre as capacidades do rei e minar a sua capacidade para defender o seu reino.”

Panela soltou um pequeno som quando susteve a respiração, enquanto os olhos azuis de Kettricken se tornaram de um cinzento de aço, de tão frios. Continuei. “Mesmo agora, se eu contactasse abertamente Veracidade pelo Talento, eles poderiam encontrar maneira de escutar. Através de um tal contacto, poderiam encontrá-lo. Ou a nós. Tornaram-se fortes no Talento, e deslindaram maneiras de o usar que eu nunca aprendi. Espiam outros utilizadores do Talento. Podem, usando apenas o Talento, infligir dor, ou criar ilusões. Temo contactar o meu rei pelo Talento, Rainha Kettricken. O facto de ele ter decidido não me contactar por essa via, leva-me a crer que a minha cautela é idêntica à sua.”

Kettricken tornara-se pálida como a neve enquanto ponderava as minhas palavras. Em voz baixa, perguntou: “Sempre desleais a ele, Fitz? Fala com clareza. Eles não ajudaram em nada na defesa dos Seis Ducados?”

Pesei as palavras como se estivesse a apresentar um relatório ao próprio Veracidade. “Não tenho provas, senhora. Mas imagino que as mensagens de Talento sobre Navios Vermelhos ficaram por vezes por transmitir, ou foram deliberadamente atrasadas. Acho que as ordens que Veracidade enviou pelo Talento aos membros do círculo nas torres de vigia não foram transmitidas às fortalezas que elas supostamente defendiam. Obedeciam-lhe o suficiente para que Veracidade não soubesse que as suas mensagens e ordens tinham sido entregues horas depois de as enviar. Aos olhos dos duques, os seus esforços pareceriam ineptos, e as estratégias tardias ou insensatas.” A minha voz sumiu-se perante a ira que rebentou na cara de Kettricken. A cor subiu-lhe às bochechas, rosas furiosas.

“Quantas vidas?, perguntou em voz rouca. “Quantas vilas? Quantos mortos ou, pior, forjados? Tudo por causa do despeito de um príncipe, tudo devido à ambição pelo trono de um rapaz mimado? Como é possível que ele o tenha feito, Fitz? Como pode ter suportado deixar pessoas morrer simplesmente para fazer com que o irmão parecesse tolo e incompetente?”

Não tinha nenhuma verdadeira resposta a dar àquilo. “Talvez não achasse que eram pessoas e vilas,” ouvi-me a dizer em voz baixa. “Talvez para ele fossem apenas peças de um jogo. Possessões de Veracidade a serem destruídas se não as pudesse conquistar para si.”

Kettricken fechou os olhos. “Isto não tem perdão,” disse em voz baixa de si para si. Parecia doente. De um modo perentório mas estranhamente gentil, acrescentou: “Terás de o matar, FitzCavalaria.”

Tão estranho, receber por fim a ordem régia. “Eu sei disso, senhora. Já sabia da última vez que tentei.”

“Não,” corrigiu-me ela. “Da última vez que tentaste, foi por ti. Não sabias que isso me tinha enfurecido? Desta vez, estou a dizer-te que tens de o matar a bem dos Seis Ducados.” Abanou a cabeça, quase surpreendida. “É a única maneira que ele tem de ser Sacrifício pelo seu povo. Ser morto a bem dele antes que possa magoá-lo mais.”

Olhou abruptamente em volta, para o círculo de pessoas silenciosas aconchegadas em mantas que a fitavam. “Ide dormir,” disse-nos a todos, como se fôssemos crianças teimosas. “Amanhã temos outra vez de nos levantar cedo e de novo viajar rapidamente. Dormi enquanto podeis.”

Esporana saiu para o primeiro turno de vigia da noite. Os outros deitaram-se e, à medida que as chamas do braseiro se extinguíam e a luz diminuía, tenho a certeza de que foram adormecendo. Mas, apesar da minha fadiga, eu fiquei deitado a fitar a escuridão. À minha volta havia apenas os sons de pessoas a respirar, do vento da noite que quase não se movia através das árvores. Se sondasse para fora, conseguia detetar Olhos-de-Noite a vaguear ali à volta, sempre alerta em busca do rato descuidado. A paz e quietude da floresta presa pelo inverno encontravam-se a toda a nossa volta. Todos dormiam profundamente, exceto Esporana, de vigia.

Mais ninguém ouvia o impetuoso impulso do anseio por Talento que crescia em mim a cada dia da nossa viagem. Não falara à rainha sobre o meu outro medo: que, se procurasse contactar Veracidade com o Talento, nunca regressasse, me submergisse naquele

rio de Talento que vislumbrara e fosse levado por ele para sempre. Até pensar nessa tentação me levava, trémulo, à beira da aquiescência. Ferozmente, ergui as minhas muralhas e limites, pondo todas as defesas que me tinham sido ensinadas entre mim e o Talento. Mas, naquela noite, coloquei-as no lugar não apenas para manter Majestoso e o seu círculo fora da minha mente, mas para me manter a mim dentro dela.